

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**ATRAVESSAMENTO DE SABERES NOS  
ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM NO/DO BRASIL  
NOS ANOS 50**

**Dissertação de Mestrado**

**Caroline Mallmann Schneiders**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2011**

**ATRAVESSAMENTO DE SABERES  
NOS ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM NO/DO BRASIL  
NOS ANOS 50**

por

**Caroline Mallmann Schneiders**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Letras**.

**Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr. Amanda Eloina Scherer**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2011**

---

S359a Schneiders, Caroline Mallmann  
Atravessamento de saberes nos estudos sobre a linguagem no/do Brasil  
nos anos 50 / por Caroline Mallmann Schneiders. ó 2011.  
115 f. ; il. ; 30 cm

Orientador: Amanda Eloina Scherer  
Dissertação (mestrado) ó Universidade Federal de Santa Maria, Centro  
de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2011

1. Letras 2. Linguística 3. Linguagem 4. Discurso 5. Brasil  
I. Scherer, Amanda Eloina II. Título.

CDU 801(81)

---

Ficha catalográfica elaborada por Cláudia Terezinha Branco Gallotti ó CRB 10/1109  
Biblioteca Central UFSM

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Artes e Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**ATRAVESSAMENTO DE SABERES NOS ESTUDOS SOBRE A  
LINGUAGEM NO/DO BRASIL NOS ANOS 50**

elaborada por  
**Caroline Mallmann Schneiders**

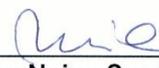
como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Letras**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**



---

**Amanda Eloina Scherer, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)



---

**Mary Neiva Surdi da Luz, Dr. (UFFS)**



---

**Verli Fátima Petri da Silveira, Dr. (UFSM)**

Santa Maria, 14 de fevereiro de 2011.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus **pais**, **Ari** e **Beatriz**, que não mediram esforços, dedicação e compreensão para que eu pudesse chegar até aqui.

À professora **Amanda Eloina Scherer**, pela aprendizagem, orientação, disponibilidade e pela confiança que depositou em mim desde a graduação.

Muito obrigada por tudo!

Aos **professores** do PPGL, pela aprendizagem proporcionada e pelas contribuições para o desenvolvimento do meu trabalho.

Aos funcionários do PPGL **Jandir** e **Irene**, pela dedicação e carinho a nós, alunos do PPGL.

Aos **colegas** do Laboratório Corpus, pela acolhida, pelas colaborações teóricas, e pela amizade!

A todos aqueles aqui não mencionados que contribuíram de algum modo para o desenvolvimento e constituição deste estudo.

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Universidade Federal de Santa Maria

### **ATRAVESSAMENTO DE SABERES NOS ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM NO/DO BRASIL NOS ANOS 50**

AUTORA: CAROLINE MALLMANN SCHNEIDERS

ORIENTADORA: AMANDA ELOINA SCHERER

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 14 de fevereiro de 2011.

A problemática de pesquisa sobre a qual nos debruçamos neste estudo de dissertação volta-se a uma reflexão em torno do discurso sobre a produção do conhecimento linguístico dos anos 50 no/do Brasil. Nosso escopo central está na compreensão da temporalidade e da memória discursiva que constituem o discurso científico sobre a linguagem dessa conjuntura a partir do atravessamento de saberes do campo disciplinar da Linguística. Interessa-nos este atravessamento, pois esse domínio de saber ainda não está institucionalizado no âmbito acadêmico do contexto brasileiro e porque se trata de um período em que se verifica um avanço nos estudos em torno do português do Brasil. Com isso, tratamos, em nossa pesquisa, de questões que enfatizam como e para que o discurso científico em torno da linguagem apresenta uma articulação com saberes de diferentes domínios; buscando analisar, em especial, o funcionamento do atravessamento dos saberes da Linguística nesse discurso, atravessamento este que pode ser compreendido a partir da noção do discurso-transverso (cf. Pêcheux, 2009 [1988]). Para tanto, delimitamos como objeto de estudo duas obras de Serafim da Silva Neto: *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, 1ª edição, de 1950, e *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, 1ª edição, de 1956, que são significativas para a conjuntura em questão, inserindo-se em dois momentos distintos dos anos 50. A primeira é reconhecida como a melhor obra sobre o português do Brasil, e a segunda, considerada como um manual que circulou nos cursos superiores de Letras da época em questão (cf. Penha, 2002). Nessa esteira, inscrevemo-nos na perspectiva da História das Ideias Linguísticas, vinculando-a aos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de orientação francesa, tal como se desenvolve no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** produção do conhecimento; temporalidade; memória discursiva; discurso-transverso.

## ABSTRACT

Masters Dissertation  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Universidade Federal de Santa Maria

### KNOWLEDGE CROSSING IN STUDIES ABOUT LANGUAGE IN/OF BRAZIL IN THE FIFTIES

AUTHOR: CAROLINE MALLMANN SCHNEIDERS  
ADVISER: AMANDA ELOINA SCHERER  
Place and Date of Defense: Santa Maria, February 14, 2011.

The issue of research on which we focus this study is based on a reflection around the discourse about linguistic knowledge production in/of Brazil in the fifties. Our central scope is in the understanding of temporality and discursive memory that constitute the scientific discourse about language of this conjuncture from the crossing of Linguistics disciplinary field knowledge. We are interested in this crossing, as it refers to a domain not yet institutionalized in the academic Brazilian context and because it was in a period that there were advances in studies around the Portuguese of Brazil. Thus, in our research, it was approached issues that emphasizes how and for to the scientific discourse around language features a combination with knowledge from different fields; seeking to examine, in particular, the operation of the crossing of Knowledge on Linguistics in this discourse, this crossing can be understood through the notion of transverse-speech (cf. Pêcheux, 2009 [1988]). In order to do that, we have as object of study two works by Serafim da Silva Neto: *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, 1st edition, 1950, and *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, 1st edition, 1956, which are significant to the situation in question, by inserting at two different times in the 50s. The first one is recognized as the best work about the Portuguese of Brazil, and the second one is considered a guide that was circulated in Language Courses at the time in question (cf. Penha, 2002). In this sense, we wrote in the view of History of Linguistic Ideas, linking it to theoretical and methodological principles of Discourse Analysis from French orientation, as it is developed in Brazil.

**KEYWORD:** knowledge production; temporality; discursive memory; transverse-speech.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 - Obra A .....</b>	<b>58</b>
<b>Figura 2 - Obra B .....</b>	<b>59</b>
<b>Figura 3 - Esquema de Serafim da Silva Neto.....</b>	<b>72</b>
<b>Figura 4 - Esquema de Ferdinand de Saussure.....</b>	<b>72</b>
<b>Figura 5 - Rede de Filiações da Obra A.....</b>	<b>74</b>
<b>Figura 6 - Rede de Filiações da Obra B .....</b>	<b>80</b>

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1 - Recortes Discursivos da Obra A.....</b>	<b>69</b>
<b>Quadro 2 - Recortes Discursivos da Obra B.....</b>	<b>76</b>

## LISTA DE ANEXOS

<b>Anexo 1</b>	<b>È Manual de Gramática Histórica Portuguesa.....</b>	<b>104</b>
<b>Anexo 2</b>	<b>È A Santa Vida e Religiosa Conversação de Frei Pedro.....</b>	<b>105</b>
<b>Anexo 3</b>	<b>È Diálogos de São Gregório.....</b>	<b>106</b>
<b>Anexo 4</b>	<b>È Manual de Filologia Portuguesa.....</b>	<b>107</b>
<b>Anexo 5</b>	<b>È Guia para Estudos Dialectológicos.....</b>	<b>108</b>
<b>Anexo 6</b>	<b>È Ensaios de Filologia Portuguêsa.....</b>	<b>109</b>
<b>Anexo 7</b>	<b>È Textos Medievais Portuguêses e seus Problemas.....</b>	<b>110</b>
<b>Anexo 8</b>	<b>È História do Latim Vulgar.....</b>	<b>111</b>
<b>Anexo 9</b>	<b>È História da Língua Portuguêsa.....</b>	<b>112</b>
<b>Anexo 10</b>	<b>È Bíblia Medieval Portuguêsa.....</b>	<b>113</b>
<b>Anexo 11</b>	<b>È Língua, Cultura e Civilização.....</b>	<b>114</b>
<b>Anexo 12</b>	<b>È A Língua Portuguesa no Brasil (Problemas).....</b>	<b>115</b>

## SUMÁRIO

NOTAS INICIAIS.....	12
<b>PARTE I</b>	
<b>DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A LINGUAGEM</b>	<b>16</b>
1. Sujeito, língua e história na produção do discurso científico sobre a linguagem .....	16
2. A constituição e a formulação na produção do discurso científico .....	25
3. A prática científica em torno dos estudos sobre a linguagem no/do Brasil .	36
3.1 Sobre a conjuntura sócio-histórica e ideológica dos estudos sobre a linguagem dos anos 50 no/do Brasil .....	37
3.2 Sobre o estudioso e sujeito da ciência Serafim da Silva Neto .....	52
<b>PARTE II</b>	
<b>O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO CIENTÍFICO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA DOS ANOS 50 .....</b>	<b>57</b>
1. Sobre o objeto de estudo e a constituição do processo analítico.....	57
2. Rede de memória e filiações teóricas nos estudos sobre a língua portuguesa dos anos 50.....	65
3. Atravessamento e articulação de saberes na produção do conhecimento sobre a língua portuguesa dos anos 50 no Brasil: algumas considerações. ....	85
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>103</b>

## NOTAS INICIAIS

[...] o ato de saber (produção de conhecimento) não é ele mesmo algo sem relação com a temporalidade. (AUROUX, 2008, p.141)

Este trabalho de dissertação volta-se para uma reflexão em torno do discurso sobre a produção do conhecimento linguístico dos anos 50 no/do Brasil<sup>1</sup>. Nesse sentido, a nossa questão de pesquisa tem como escopo compreender como o discurso científico sobre a linguagem dessa conjuntura é afetado por uma temporalidade e é constituído por uma memória discursiva sobre os saberes da Linguística. Instalada nossa questão de pesquisa, tratamos de questões que enfatizam como e para que o discurso científico em torno da língua portuguesa apresenta uma articulação com saberes de diferentes domínios, buscando analisar, em especial, o funcionamento do atravessamento dos saberes da Linguística nesse discurso, atravessamento esse que procuramos compreender a partir da noção de discurso-transverso (cf. Pêcheux, 2009 [1988]<sup>2</sup>).

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, delimitamos como objeto analítico duas obras de Serafim da Silva Neto: *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, 1ª edição, de 1950, e *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, 1ª edição, de 1956. A escolha por esse discurso foi decorrente da representatividade que as obras possuem nos anos 50. A primeira é considerada por Coseriu (1976 [1968]) como uma importante e incomparável síntese histórico-descritiva no Brasil, sendo também reconhecida como a melhor obra sobre o português do Brasil, e a segunda considerada como um manual destinado a alunos dos cursos superiores de Letras e a professores de língua portuguesa, ou ainda a interessados pelo assunto (cf. Penha, 2002), ou seja, trata-se de uma obra que se destinava a circular no âmbito acadêmico em meados dos anos 50. Assim, as obras apontam para dois momentos da conjuntura sócio-histórica e ideológica dos estudos sobre a linguagem do período em questão.

<sup>1</sup> Enfatizamos nesta dissertação o período dos anos 50 do século XX.

<sup>2</sup> A obra em questão, que estamos utilizando, refere-se a uma reedição brasileira do livro *Semântica e Discurso*, 1988, de Pêcheux, tradução de Eni Orlandi *et al.*

Esse recorte temporal foi determinado devido ao expressivo avanço que se tem nos estudos sobre a língua do/no Brasil, e porque antecede a obrigatoriedade da Linguística enquanto disciplina no âmbito acadêmico, a qual se situava, portanto, em uma posição não legitimada. Diante disso, o nosso interesse se volta aos estudos sobre a linguagem dos anos 50 no/do Brasil, pois nesse período os saberes sobre a Linguística começam a ganhar outro estatuto no contexto acadêmico, passando a circular nos estudos da linguagem juntamente com os saberes sobre a Filologia, perspectiva esta que predominava até então, e com os saberes sobre a Dialetoologia.

É em meio a essa conjuntura, podemos dizer de transição e co-presença de saberes, que afeta e caracteriza as condições de produção em torno das práticas científicas, nos anos 50, que procuramos destacar o atravessamento de saberes do campo da Linguística constitutivos do discurso que tomamos como objeto de estudo. Para tanto, realizamos recortes discursivos (RDs) de nosso objeto para podermos analisar a relação com outros saberes na sua constituição, e, com isso, compreendermos a temporalidade e a memória presentes no processo discursivo em análise. Buscamos, pois, compreender como esses saberes da Linguística<sup>3</sup> estão organizados na materialidade discursiva analisada, bem como os possíveis sentidos que estes saberes estabelecem com suas condições de produção, tendo em vista dois momentos: o início e meados dos anos 50, considerando a edição das obras selecionadas.

Nessa esteira, inscrevemo-nos na perspectiva da História das Ideias Linguísticas (HIL), vinculando-a aos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD) de orientação francesa, tal como vem se desenvolvendo no Brasil. Para nós, essa relação nos indica que é na e pela língua que conseguiremos entender a historicidade constitutiva do objeto analítico, bem como os sentidos inerentes ao processo da produção do conhecimento sobre a linguagem do Brasil nos anos 50.

Lançamos, especialmente, um olhar sobre a história, olhar este que se vincula, em especial, ao horizonte de retrospectão e de projeção (cf. Auroux, 1992),

---

<sup>3</sup> Nesse estudo consideramos o atravessamento do discurso *da* Linguística, o qual se diferencia do discurso *sobre* a Linguística. Para Venturini (2009), o discurso *de* permite que o sujeito se filie a determinada FD, retomando o já dito em seu discurso, ou seja, é o que sustenta o dizer, autorizando-o ou não em relação à FD+(p.75). Já o discurso *sobre*, para a autora, constitui-se pelo discurso *de*, sustentando-se na memória histórica e permitindo que se tenha a institucionalização do dizer e do sentido.

à memória e à temporalidade inscritas na materialidade discursiva analisada. Para as análises, tomamos como referência, principalmente, os saberes que se relacionam a estudiosos que se vinculam ao disciplinar da Linguística, visando ao funcionamento desse atravessamento na constituição discursiva. Além disso, nesse estudo, o entendimento das condições de produção do discurso analisado se torna fundamental, uma vez que elas são essenciais para a constituição e/ou formulação da produção do conhecimento sobre a linguagem, apontando para a determinação histórica que está inerente na materialidade (cf. Orlandi, 2004).

Nossas análises se desenvolvem a partir de dois modos de entrada. Inicialmente, propomos uma reflexão em torno do estudo das fontes/referências citadas no interior de nosso objeto, as quais apontam para uma rede de memória por meio de filiações a autores que se relacionam ao disciplinar da Linguística. No segundo momento das análises, por meio de recortes que nos mostram a relação com os saberes da Linguística, procuramos compreender como a discursividade em questão é atravessada por esses saberes, cujo funcionamento procuramos entender pela noção de discurso-transverso. Esta noção é considerada, por nós, essencial para refletirmos sobre a constituição do discurso científico em torno dos estudos sobre a língua portuguesa no/do Brasil dos anos 50.

A partir do arcabouço teórico que perpassa em toda a nossa pesquisa, mobilizamos, a fim de desenvolver metodologicamente esse estudo, categorias analíticas vinculadas à perspectiva discursiva. Dentre as noções mobilizadas, destaca-se, portanto, a noção de discurso-transverso, bem como a noção de interdiscurso, a qual nos permite refletir sobre: a noção de memória discursiva, a de condições de produção e a de historicidade. Essas categorias teórico-metodológicas estão em articulação com a perspectiva da HIL, articulação esta que nos possibilitará a compreensão em torno do saber sobre a língua nessa determinada conjuntura.

A constituição desse estudo é composta por duas partes. Na *Parte I*, tratamos de questões que envolvem a produção do discurso científico, refletindo sobre a relação entre língua, sujeito e história na sua produção, bem como sobre a constituição e a formulação do processo discursivo a partir dos pressupostos da AD. Nessa parte, também destacamos o contexto sócio-histórico e ideológico que envolve as condições de produção das práticas científicas dos anos 50, trazendo dados que se fazem importantes para a compreensão do objeto de análise.

Na *Parte II*, tratamos, mais precisamente, da constituição metodológica dessa pesquisa, enfatizando: o objeto; o modo de entrada utilizado para analisá-lo; os recortes discursivos, e o desenvolvimento analítico. Nessa parte, procuramos, tendo em vista os recortes discursivos realizados, articular o que desenvolvemos na *Parte I* e tecer considerações acerca do atravessamento de saberes inscrito no processo de constituição e formulação do discurso científico em reflexão.

É importante ainda destacar que a presente dissertação é fruto dos nossos estudos em História das Ideias Linguísticas (HIL) que vimos realizando desde a Iniciação Científica<sup>4</sup>, nos quais enfatizamos, principalmente, a questão disciplinar da Linguística no sul, analisando programas da disciplina de Linguística do currículo de Letras da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões . URI - Campus Santo Ângelo, visando a destacar, nesses dados históricos discursivos, a historicidade constitutiva e os seus efeitos de sentidos.

Foram esses estudos que nos permitiram ter acesso às obras de Serafim da Silva Neto, as quais nos instigaram a estudá-las, devido às considerações que esse estudioso procurou desenvolver na conjuntura dos anos 50. Essas se referem a questões sobre a unidade e diversidade da língua portuguesa; questões sobre o ensino de língua, o qual deveria se dar a partir da relação com a Linguística; e sobre a ampla referência a estudiosos vinculados ao disciplinar da Linguística num momento em que se verificavam embates quanto a sua institucionalização acadêmica e científica, no Brasil, e a partir dos estudos sobre o português do Brasil. A partir disso, pudemos verificar questões que nos interessaram, fazendo com que esse estudo de dissertação se realizasse.

---

<sup>4</sup> Durante a Iniciação Científica tivemos como auxílio financeiro a bolsa de pesquisa PIBIC/CNPq-UFSM, inserindo-nos em dois projetos de pesquisa sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr. Amanda E. Scherer: *Linguística no sul: estudo das ideias e organização da memória dos anos 80 a 2000*. (Período: 03/2007 a 07/2008 - Registro GAP: 019213), e *História e memória: o imaginário sobre a língua do/no Brasil* (Período: 08/2008 a 02/2009 - Registro GAP: 022876).

## PARTE I

### DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A LINGUAGEM

Produzir ciência é produzir conhecimento em uma certa ordem, em uma certa época, em certas condições de produção. (SCHERER, 2008, p.133)

#### 1. Sujeito, língua e história na produção do discurso científico sobre a linguagem

Tratar sobre a questão da produção do conhecimento, em nosso caso, da produção do conhecimento linguístico, implica observar a articulação existente entre língua/sujeito/história no seu processo de constituição. Ou seja, consideramos, a partir do que Michel Pêcheux trata em *Semântica e Discurso* (2009 [1988]), que não é o Homem que produz os conhecimentos científicos, são *os homens*, em sociedade e na história, isto é, é a *atividade humana social e histórica* (p.171-172, grifo do autor).

Em concordância ao autor, entendemos que a produção do conhecimento é uma prática social, pois o contexto sócio-histórico e ideológico é determinante para a produção do discurso, afetando as suas condições de produção. Em seu estudo, Pêcheux (Ibid.) nos aponta que a produção histórica do conhecimento científico é resultante de um processo histórico determinado, enfatizando que as ideias científicas não se desvinculam da história, sendo determinadas historicamente, de acordo com a(s) ideologia(s) vigente(s) em determinada conjuntura.

Diante dessa determinação histórica, podemos dizer que, na produção do conhecimento, verificam-se movimentos, deslizamentos, e deslocamentos, uma vez que o discurso científico se constitui em relação a diferentes ideologias, as quais configuram determinado momento histórico. Isso, no entender de Pêcheux (Ibid.), ocorre sob a forma de *relações de desigualdade-subordinação que determinam os*

*interesses teóricos em luta numa determinada conjuntura dada*, fazendo com que a produção do conhecimento seja afetada pelo que esse autor chama de *condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção* (Ibid., p.173, grifo do autor).

Essas condições ideológicas a que Pêcheux se refere afetam tanto a instauração de uma prática científica, quanto o seu desenvolvimento, apontando-nos para uma questão fundamental: a de que toda produção do conhecimento se insere numa época histórica determinada, com determinadas formações discursivas, que representam, em sua materialidade, determinadas formações ideológicas. Nesse sentido, o autor nos mostra que a prática científica não é estanque, estando condicionada por uma série de fatores que a afeta e a configura.

Sobre essa relação que se verifica entre a produção do conhecimento e as condições históricas, trazemos Guimarães (2004) que considera, além dessa determinação das condições históricas na constituição das práticas científicas, que há, também, a determinação institucional, particularizando tanto a produção do conhecimento quanto a sua circulação. No entender desse autor, o sujeito da ciência não se situa fora da história nem das relações institucionais a que o mesmo vincula-se e que o individualiza. Desse modo, a produção do conhecimento é uma *prática histórica, materialmente determinada, constituída por sujeitos situados ideologicamente em condições históricas específicas* (p.16).

Nos estudos que Lagazzi-Rodrigues (2002) propõe acerca do processo de legitimação científico-institucional da disciplina Linguística, a partir dos estudos sobre a gramatização brasileira do português, a autora considera que a cientificidade, e, conseqüentemente, a produção do conhecimento, também está interligada a um lugar institucional. Para a autora, há uma outra questão importante que sustenta essa relação: a legitimação, uma vez que a *ciência precisa legitimar-se institucionalmente* (p.16).

Considerando a perspectiva materialista, Lagazzi-Rodrigues (2007) entende *instituição* como uma organização discursiva que se origina de processos e percursos de institucionalização dos sentidos. Em seus estudos, salienta sobre a relação existente entre legitimidade e instituição, relação esta que resulta nos processos de identificação do sujeito, por meio dos quais se tem o reconhecimento produzido pela ideologia, o que, para a autora, é um efeito fundante.

Além desses fatores que afetam a produção do conhecimento, consideramos que este se constitui a partir do discurso do sujeito da ciência. Contudo, este sujeito tende a estar presente por sua ausência, configurando ao processo de conhecimento um processo que visa a neutralizar a presença do sujeito (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 182). Isso é decorrente do efeito de objetividade que se busca veicular no discurso científico, no entanto, esse está vinculado a alguma ideologia, a partir da qual o sujeito se constitui, pois possibilita a inscrição do discurso numa determinada posição-sujeito. Além disso, podemos dizer, a partir do que Cervo (2008) destaca em seu trabalho sobre a língua enquanto um objeto de divulgação científica, que o sujeito da ciência se constitui por meio da relação que se estabelece entre o interdiscurso<sup>5</sup> e a memória do saber, constituindo, conseqüentemente, sua prática científica.

Nesse sentido, consideramos que o sujeito da ciência tem um papel fundamental tanto na produção do conhecimento quanto na sua legitimação, sendo compreendido como o sujeito que, a partir da relação que mantém com a conjuntura sócio-histórica e ideológica, atualiza dizeres que já estão postos no domínio do interdiscurso, porém trazendo-os para colocar em funcionamento uma determinada memória discursiva na constituição de sua prática científica. Esta memória discursiva não se trata somente de uma retomada de saberes, mas da (re)produção de saberes referentes a um determinado domínio de saber situado num tempo e espaço específico.

Isso nos permite dizer que a produção do conhecimento se caracteriza, em nosso entendimento, a partir de retomadas de determinados saberes, contudo tais retomadas visam ao avanço de determinada prática científica. Entendemos que esse avanço se relaciona ao fato de que, ao se reproduzir determinados saberes em conjunturas outras, tem-se um movimento de sentidos, uma vez que esses saberes já postos passam a estar vinculados a outras condições sócio-históricas e ideológicas.

Essa (re)produção do conhecimento trata-se de uma prática individual, contudo, para ser legitimada, está atrelada às relações institucionais, ao Estado e à circulação entre seus pares, ou seja, constitui-se também a partir da relação política

---

<sup>5</sup> Segundo Orlandi (2004, p.39) o interdiscurso é onde se verifica o processo de constituição do discurso, relacionando-se, especialmente, com a memória afetada pelo esquecimento e com os saberes/dizeres já ditos que possibilitam a formulação discursiva.

e social entre os sujeitos que se filiam a determinado domínio científico. Com isso, consideramos que só há retomada de determinados saberes, na prática científica, se há condições específicas para que isso ocorra, e essa retomada, quando tratamos da produção de conhecimento, visa a promover avanços no domínio científico a que o sujeito da ciência se inscreve a partir da articulação com os saberes que já constituem sua prática científica.

Nesse sentido, podemos dizer que o processo de produção de conhecimento sobre a linguagem não se constitui como um discurso isolado, uma vez que o sujeito da ciência busca calcar sua prática científica a determinado domínio/teoria e não a outro(a), (de)marcando sua posição teórico-ideológica. Para Lagazzi-Rodrigues (2007, p. 13), *“filiar-se a uma teoria é reconhecer-se frente a determinadas possibilidades de perguntas e de práticas científicas, em determinadas condições de produção”*. Por meio da relação com determinados saberes que formam o campo do conhecimento a que se filia, o sujeito da ciência vai configurando sua prática científica, a qual somente passa a circular em determinadas condições a partir do reconhecimento entre seus pares. Esse reconhecimento coletivo é essencial para o que se coloca em circulação, podendo, com isso, verificar uma política de ciência na produção científica de determinado período (cf. Orlandi, 2002a).

Sobre essa questão, Guimarães (2009) destaca que a política científica está relacionada ao modo de circulação do conhecimento, uma vez que essas políticas afetam o direcionamento da prática científica de determinada conjuntura. Esse autor enfatiza que

Falar de política científica é falar de algum tipo de controle do que se deve ou não pesquisar. Ou, dito de forma talvez mais branda, do que é mais necessário pesquisar. Assim, falar de política científica é colocar em cena uma discussão sobre a independência da ciência e do cientista. Ou, em outros termos, o que pode ser tomado como elemento que conforma a ação do cientista. (GUIMARÃES, 2009, p.8)

Esse controle na prática científica, na visão de Auroux (2008), resulta do que ele denomina de *“comunidades de conhecimento”* as quais regulam, por meio do reconhecimento entre seus pares, a produção do conhecimento, bem como a circulação deste. Podemos dizer que a filiação a determinada comunidade científica marca o lugar onde o sujeito da ciência se inscreve, cujo lugar, segundo Scherer

(2008) funciona como um jogo de força que procura manter uma certa regularização [...], em um certo domínio+(p.133).

Uma questão que contribui para que se possa compreender o processo de filiação inerente à prática científica é a citação, a qual permite o reconhecimento do trabalho do outro, ou seja, permite que um determinado saber já constituído ganhe visibilidade em conjunturas outras, dando condições para que esse saber possa ser institucionalizado em uma nova conjuntura sócio-histórica e ideológica. A citação é uma forma de representação que funciona legitimando-se pela afirmação+(LAGAZZI-RODRIGUES, 2007, p.13), fazendo com que se tenha a legitimação científico-institucional de determinados estudiosos que se tornam importantes para a constituição de determinado campo científico devido à representação e circulação que ganham a partir de sua citação.

No entanto, é preciso considerar que essas filiações a que o sujeito da ciência está submetido não são lugares estáveis, pois o sujeito se constitui a partir da relação que se estabelece com as condições de produção do discurso, podendo ser afetado por posições e ideologias outras. Além disso, é importante destacar que, devido ao fato de a prática científica estar inscrita em determinada conjuntura, a produção do conhecimento do sujeito da ciência constitui-se também por uma memória discursiva que, como destacamos anteriormente, é resultante e regulada por essas condições. Essa memória funciona, pois, ideologicamente, e, para Pêcheux, ela

não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização...Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos. (PÊCHEUX, 1999, p.56)

A partir da citação acima, podemos afirmar, então, que a prática científica não ocorre de forma retilínea e um dos fatores que corrobora para que a produção do conhecimento não se dê em linha reta é a sua relação com a temporalidade. Essa relação com a temporalidade mostra que a produção do conhecimento pode estar

vinculada a conjunturas e espaços outros, apontando para saberes precedentes e, talvez, oriundos de posições diferentes.

A partir disso, consideramos que a produção do conhecimento não só se relaciona a questões anteriores, mas procura também apresentar algo novo, ou seja, avançar no que já está dado. Além disso, o avanço de uma ciência é fruto das condições sócio-histórica e ideológica do momento em questão, as quais permitem a constituição de determinada prática científica, que se diferenciará do seu passado, mas não se desvinculando do que está posto, sendo o processo de produção do conhecimento o que Pêcheux (2009 [1988], p.182) denomina de *sorte continuado*

A temporalidade constitutiva do discurso pode marcar diferentes *modos de historicização* os quais podem ser apreendidos por meio da constituição e do estudo do(s) horizonte(s) de retrospectão inerente no processo discursivo. O horizonte de retrospectão refere-se ao conjunto dos conhecimentos anteriores que podem afetar de algum modo a constituição/produção do conhecimento atual, estando em conformidade com as condições sócio-histórica e ideológica (cf. Auroux, 2008, p.147).

Conforme Auroux (1992, p.11), *todo conhecimento é uma realidade histórica*, constituído por um horizonte de retrospectão e de projeção, sendo o horizonte de retrospectão fundamental para compreendermos a historicidade e a memória que afeta e constitui determinada prática científica. Através da noção de historicidade, podemos entender a exterioridade, a qual torna possível a *relação discursiva real/realidade* sendo que é a partir do real que são estabelecidas *determinações históricas* que constituem as condições de produção materiais e a realidade imaginária dos sujeitos com essas determinações (ORLANDI, 2004, p. 39). Diante disso, consideramos que a noção de exterioridade afeta o discurso, apontando para os diferentes efeitos de sentidos que o constitui.

Podemos pensar, de acordo com o que nos assinala Orlandi (Ibid., p.70), que se tem essa exterioridade constitutiva *porque a história se inscreve na língua*, fazendo com que esta signifique. Para essa autora, ao se trabalhar com os sentidos inscritos no discurso, constituir-se-á a noção de historicidade. Ou seja, podemos dizer que, na perspectiva discursiva, a noção de historicidade se relaciona com a noção de história, sendo resultante da inscrição da história na língua. Orlandi (Ibid.) considera que as noções de história e de historicidade são distintas, porém considera que há uma *ligação* entre a história lá fora e a historicidade do texto (a

trama de sentidos nele), mas ela não é nem direta, nem automática, nem causa e efeito, e nem se dá termo-a-termo+(p. 55).

É importante ressaltar que a história, como a entendemos, não se trata da evolução, ou da ordem cronológica de fatos descritos, mas do(s) sentido(s) que dela resulta(m) numa determinada materialidade discursiva. A noção de historicidade é significativa no percurso de nosso estudo, uma vez que essa noção aponta para a memória que constitui o discurso científico tomado como objeto de nosso estudo, apontando tanto para a relação que se estabelece com a exterioridade, quanto para uma temporalidade inscrita no processo discursivo (cf. *Ibid.*).

Para compreender o funcionamento da historicidade na materialidade discursiva, podemos atentar à noção de interdiscurso, a qual remete à relação que o dizer/discurso possui com a ordem do repetível, do já dito para que produza efeitos de sentidos (cf. *Ibid.*). Além disso, é importante considerar as condições de produção do discurso, a conjuntura sócio-histórica e ideológica, uma vez que as condições de produção são determinantes para a produção do conhecimento e para a constituição do sujeito.

Pêcheux (2009 [1988]) considera que não há discurso científico puro, visto que não é possível separá-lo da história, de suas condições de produção, inscrevendo-se, portanto, em uma determinada conjuntura sócio-histórica e ideológica. O discurso científico não é puro, no entendimento desse autor, porque a constituição de todo discurso é afetada por uma rede de dizeres já ditos que configura o espaço da memória discursiva de determinado sujeito. É a partir dessa rede de dizeres que o sujeito se constitui, inscrevendo-se em determinada posição ideológica, a qual é oriunda da apropriação de determinado discurso que pertence à instância do interdiscurso, configurando a memória discursiva de determinado sujeito e discurso (cf. Orlandi, 2004).

Pensando na produção do conhecimento sobre a linguagem, quando se tem a inscrição de outros discursos em sua constituição, podemos, em concordância a Nunes (2008a), compreender os saberes que estão em circulação em determinada conjuntura. Referindo-se à retomada de saberes que se tem na constituição do discurso, esse autor destaca que, ao analisá-lo, pode-se chegar a um percurso que ~~leva~~ leva a diferentes espaços e tempos, e que ao enxergarmos os materiais históricos com as lentes de estudos que também se deram na história, estamos envolvidos

nessa grande trama de sentidos em que se apresentam diferentes imaginários do objeto de saber+(Ibid., p. 119).

Entendemos, a partir dessa afirmação, que a produção do conhecimento pode remeter a diferentes épocas, transportando e/ou recortando noções, conceitos, por exemplo, fazendo-os funcionar em determinado momento histórico. Assim, torna-se fundamental atentar aos possíveis sentidos a que esses movimentos e deslocamentos estão relacionados. Sobre essa questão temporal, Nunes (2007) assinala que

Um discurso remete a outros discursos dispersos no tempo, ele pode simular um passado, reinterpretá-lo, projetá-lo para um futuro, fazendo emergir efeitos temporais de diversas ordens. Compreender a temporalidade significa atentar para as diferentes temporalidades inscritas no discurso, mostrando as relações entre elas e os efeitos de sentido que aí se produzem. (NUNES, 2007, p. 376)

Isso significa, portanto, que não podemos tomar unicamente e isoladamente um momento histórico, mas devemos relacioná-lo, especialmente, aos saberes que precedem o período em análise, para, assim, podermos entender a historicidade que constitui a produção do conhecimento. Ao estabelecermos essa relação com o passado, estamos nos referindo e colocando em funcionamento o horizonte de retrospectão definido por Auroux (1992).

Auroux (2006) destaca que, na história das ciências, não se verifica uma temporalidade extrínseca, mas sim uma temporalidade que é interna ao domínio das ciências, constituindo-as e produzindo efeitos de sentidos. Para o autor, a temporalidade se trata de uma característica interna e essencial às ciências. É, pois, a temporalidade que coloca em funcionamento o horizonte de retrospectão, o qual pode, na visão de Auroux, ser estruturado de diferentes modos, mostrando que o conhecimento está em relação ao tempo e que não existe conhecimento instantâneo.

Em nossa pesquisa é fundamental considerarmos esse horizonte, visto que os estudos em HIL, no Brasil, desenvolvem-se tendo em vista esse olhar retrospectivo, o qual se torna essencial para organizarmos os saberes que constituem o objeto de análise. Esse olhar é importante, pois, a partir dele, podemos vislumbrar como se constitui o processo discursivo, compreendendo a temporalidade

que lhe é própria e a memória discursiva constituída em torno do campo disciplinar da Linguística.

Entendemos, pois, a temporalidade a partir de Nunes (2007, p. 376), não trabalhando com a temporalidade empírica, cronológica, mas com a temporalidade dos processos discursivos+. A temporalidade pode ser compreendida por meio dos discursos já ditos que se inscrevem no discurso, sendo que estes constituem também a memória que está na constituição discursiva.

Assim, compreendemos que a temporalidade vincula-se ao horizonte de retrospectão, permitindo-nos ainda entender a memória discursiva que constitui o objeto de reflexão. Essas questões são importantes para o desenvolvimento desse estudo, uma vez que colocam à baila os conhecimentos precedentes, que estão co-presentes e que afetam a constituição/produção e o processo de legitimação dos saberes inscritos nos estudos sobre a língua portuguesa, nos anos 50, no Brasil.

## 2. A constituição e a formulação na produção do discurso científico

Buscamos desenvolver, nesta seção, uma reflexão de cunho teórico em torno do processo de constituição e formulação do discurso, em nosso caso, do discurso científico, visto que este estudo desenvolve-se a partir de obras, entendidas como um discurso documental<sup>6</sup>, que pertencem aos estudos científicos sobre a língua portuguesa do/no Brasil dos anos 50. Com isso, faz-se necessário uma reflexão em torno da constituição e formulação do discurso para que possamos compreender o funcionamento do processo discursivo que envolve nosso objeto.

Na perspectiva discursiva, o discurso, enquanto unidade de análise, é concebido como um objeto linguístico e histórico, pois se articula por meio da relação entre a língua e a história, esta inscrevendo-se na língua e produzindo efeitos de sentidos, como já vimos destacando. A partir dessa articulação entre língua e história na constituição discursiva, podemos analisar como a língua, em sua exterioridade constitutiva, significa em determinada conjuntura sócio-histórica e a partir de determinadas condições de produção (cf. Orlandi, 2004). Ou seja, podemos compreender como a exterioridade produz efeitos de sentidos, e também compreender qual a(s) ideologia(s) em funcionamento através do discurso, visto que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua+(Ibid., p. 21).

Essa tríade discurso/ideologia/língua afeta, por conseguinte, a constituição do sujeito e dos sentidos na materialidade discursiva em questão. É importante salientar que o sujeito que consideramos em nosso estudo não é o sujeito empírico, mas a(s) posição(s) que ele assume no interior do discurso em decorrência da exterioridade, dos elementos sócio-histórico-ideológicos. Sabemos também que, na AD, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, enquanto sujeito é entendido como uma posição entre outras, constituindo-se a partir do seu assujeitamento à língua, e significando-se pelo simbólico inscrito na história (ORLANDI, 2002a, p.65-66).

Partimos do princípio, portanto, que o indivíduo constitui-se como sujeito, pois é afetado pela exterioridade e, em especial, pela(s) ideologia(s) circundante(s) que

---

<sup>6</sup> De acordo com Nunes (2008b), uma obra torna-se um discurso documental a partir do momento que é historicizada, quando se torna um objeto de um saber documental (Ver seção 1, Parte II).

se significam pelo simbólico e que se fazem compreender pela língua, sendo esta também a condição fundamental para a constituição dos sentidos. Diante disso, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, por meio da relação estabelecida entre língua e história, através do imaginário e da ideologia (cf. *Ibid.*, p. 66).

É importante salientar que a condição para a existência do discurso é o sujeito, e para a existência deste é, por sua vez, a ideologia, ou seja, *“não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”* (ORLANDI, 2001a, p.21). O discurso se liga a duas dimensões, a saber: a interdiscursiva e a intradiscursiva. A primeira dimensão está no nível da constituição do discurso, nível este da verticalidade. A dimensão da constituição do discurso refere-se ao lugar do interdiscurso, uma vez que é nessa instância que o sujeito do discurso faz intervir os discursos outros, já ditos, que estão na ordem da exterioridade e do esquecimento. Ao constituir determinado discurso, o sujeito está, portanto, inscrevendo-se numa posição, a qual é ideológica, em relação ao seu dizer (cf. Orlandi, 2005).

O interdiscurso relaciona-se à memória afetada pelo esquecimento, trata-se de uma noção que abrange os saberes já existentes, advindos, conseqüentemente, de lugares diferentes, isto é, de ideologias diferentes (cf. *Ibid.*). Essa noção indica que o processo de produção de todo discurso provém da ligação de uma rede de outros dizeres já ditos, disponibilizando dizeres que *“afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”* (ORLANDI, 2001a, p.31), fazendo com que a constituição do discurso seja marcada por uma memória discursiva. Esta é constitutiva de todo discurso, pois para que este produza sentidos é necessário que se apoie em algo já posto, sustente-se num já lá (cf. Orlandi, 2004). Nas palavras de Orlandi, o interdiscurso é onde

se explicita o processo de constituição do discurso: a memória, o domínio do saber, os outros dizeres já ditos ou possíveis que garantem a formulação (presentificação) do dizer, sua sustentação. Garantia de legibilidade e de interpretação: para que nossas palavras façam um sentido é preciso que (já) signifiquem. Essa impessoalidade do sentido, sua impressão referencial, resulta do efeito de exterioridade: o sentido lá. A objetividade material contraditória. (ORLANDI, 2004, p. 39)

Com isso, podemos dizer que o discurso é constituído pela incompletude, pela dispersão, pois, em sua constituição, pode haver a inscrição de inúmeros

outros, inclusive em posições diferentes, uma vez que todo o contexto que o rodeia pode lhe afetar. Assim, o sujeito pode, conforme as condições de produção, apresentar diversas posição-sujeito no interior de seu dizer. No entanto, essa liberdade do sujeito é regulada pelo seu modo singular de se relacionar com a ideologia que o domina, assujeitando-se a ela.

Desse assujeitamento resulta o que Orlandi (2005) denomina de forma-sujeito histórica de nossa formação social, indicando que o sujeito é, ao mesmo tempo, determinador do que diz, mas também determinado pela exterioridade. O sujeito pode ser dividido, contraditório, e livre, estando sempre em relação a alguma ideologia. O sujeito não só é determinado pela ideologia a que se inscreve, mas é também determinado pelo Estado, o qual regula as formas de relação com a ideologia. Contudo, o sujeito pode escapar e fazer surgir a diferença, a resistência nessa individuação que o Estado busca impor.

Considerando a memória discursiva constitutiva do discurso, ela funciona ideologicamente, apontando para o(s) lugar(es) em que o sujeito se inscreve, como ressaltamos na seção anterior. É importante destacar que a memória discursiva relaciona-se ao inconsciente, pois é a partir deste que ela se materializa no discurso. O inconsciente é, por assim dizer, o lugar em que se situa essa memória, a qual, por sua vez, é determinada pela ideologia. Além disso, o inconsciente tem uma função essencial para a constituição do sujeito e dos sentidos, pois é ele quem regula os chamados esquecimentos nº 1 e nº 2 que Pêcheux (2009 [1988]) propõe. Esses esquecimentos fazem com que o sujeito tenha a ilusão de ser a origem, a fonte de seu dizer, e de controlar os sentidos. Ou seja, fazem com que o sujeito não perceba que o seu dizer é uma atualização de outros dizeres, remetendo a uma exterioridade e marcando o lugar de onde fala; e que os sentidos não podem ser contidos, podem se tornar outros, mas não qualquer um, pois pertencem a um determinado sítio de significação (ORLANDI, 2005).

Os sentidos resultam também das condições de produção do discurso. Essas remetem à exterioridade, ao contexto sócio-histórico e ideológico em que o sujeito se situa, visto que é a partir desse lugar que o sujeito se constitui, enquanto posição, diante do seu discurso, constituindo determinado efeito de sentido. Assim sendo, o discurso e seus efeitos de sentidos são dependentes das condições de produção. Em acordo com Petri,

quando falamos de condição estamos nos referindo à circunstância, a algo que resulta de determinada situação algo que não nos dá liberdade de escolha: a condição que se impõe e se aceita, ela está dada, essa é a sua propriedade essencial. A condição é anterior à produção, ela determina a constituição do produto, pois interfere no processo de produção. (PETRI, 2004, p.157)

Nesse sentido, podemos dizer, conforme Orlandi (2005), que os sentidos e os sujeitos constituem-se concomitantemente, imbricam-se e apontam para a(s) posição-sujeito contida(s) no interior do discurso. Para essa autora, %sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo por um processo que tem como fundamento a ideologia+ (p.47). A respeito dessas tomadas de posição do sujeito, retomamos o que Pêcheux formulou, considerando que cada posição deve ser,

compreendida como o efeito, na forma-sujeito, da determinação do interdiscurso como discurso-transverso, isto é, o efeito da exterioridade do real ideológico-discursivo, na medida em que ela se volta sobre si mesma para se atravessar (PÊCHEUX, 2009 [1988], p.160).

Toda posição resulta, portanto, do modo como o sujeito está se relacionando com a exterioridade, com os elementos sócio-histórico-ideológicos. A ideologia, conforme já apontamos, é posta em funcionamento pelo interdiscurso, e é materializada no interior do discurso pelas formações discursivas (FDs). As FDs, de acordo com Pêcheux (2009 [1988], p. 147), representam %na linguagem as formações ideológicas<sup>7</sup> que lhes são correspondentes+, sendo elas quem regulam o que pode e deve ser dito, mas também o que não pode e não deve ser dito em determinada conjuntura sócio-histórica (cf. Orlandi, 2007). As FDs configuram o lugar em que o sujeito se inscreve para que o discurso produza efeitos de sentidos, sendo constituída através da sua relação com o interdiscurso, o qual, além de

---

<sup>7</sup> Segundo Pêcheux e Fuchs (1997, p. 166), as formações ideológicas (FIs) referem-se a um %conjunto de atitudes e representações que não são nem individuaisnem universaisqmas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras+. As FIs configuram as %posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas+, permitindo que estas signifiquem a partir dessas posições que estão inscritas nas FIs (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 147).

abarcam o todo dos saberes que compõem as FDs, regionaliza os saberes que pertencem a cada FD em específico.

Podemos ressaltar, com isso, que o interdiscurso é um espaço heterogêneo, que comporta diversas FDs. O sujeito não se relaciona da mesma forma com diferentes FDs, nem ao mesmo tempo, sendo que a relação com a FD em que se inscreve pode se dar de diversas formas, pois, como já afirmamos, trata-se de um lugar heterogêneo, que comporta saberes que lhes são próprios, mas também saberes que advêm de outros lugares, atravessando-a. Isso acontece, porque as fronteiras entre um saber e outro não são fechadas, movimentam-se, podendo afetar o modo do sujeito se relacionar com a FD.

Zandwais (2007, p. 45) destaca, retomando os estudos propostos por Pêcheux, que as FDs possuem *entre si relações de determinação dissimétrica*, fazendo com que elas possam se reconfigurar, processo este que *pode desdobrar-se como modalidades de recobrimento-reprodução-reinscrição* e no qual se encontra um espaço em que verificamos a relação existente entre a prática discursiva e modos de subjetivação do sujeito. Pêcheux (2009 [1988]), em seus estudos sobre a forma-sujeito do discurso, considera três possibilidades diferentes do sujeito se relacionar com a FD em que está inscrito, a saber: identificação plena; contraidentificação; desidentificação.

A primeira modalidade definida por Pêcheux caracteriza-se como uma *superposição entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal* (Ibid., p. 199). Para Zandwais (2007, p. 146), retomando o que Pêcheux propõe, trata-se de uma *identificação plena entre os saberes que identificam o sujeito-universal e o indivíduo que se reconhece como sujeito no interior de uma FD*. Indursky (2002, p. 2), também a partir de Pêcheux, aponta que essa modalidade é *uma identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que afeta o sujeito*. Com isso, verificamos que essa modalidade aponta para um sujeito que se identifica, que aceita e defende a determinação ideológica que lhe foi imposta, sendo caracterizada pelo *discurso do bom sujeito* (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 199).

A segunda modalidade é, para Pêcheux, a que caracteriza o discurso do *mau sujeito* visto que se verifica uma contraidentificação entre o sujeito do discurso e o sujeito universal. Nessa modalidade observamos um sujeito que questiona, que põe em dúvida a FD determinada pelo interdiscurso, contraidentificando-se com ela, mas não rompendo com a estrutura que lhe foi imposta, ou seja, o sujeito apresenta

contradiscursos, porém se mantém na mesma estrutura aceitando-a. Ao se ter essa contraposição do sujeito do discurso com a forma-sujeito e, igualmente, no interior da FD, tem-se a instauração da diferença no saber da Formação Discursiva+ (INDURSKY, 2002, p.2).

Já a terceira modalidade, trata do rompimento do sujeito com a estrutura da FD que lhe foi imposta, desidentificando-se com ela e imigrando, ao mesmo tempo, para outra, isto é, o sujeito desloca-se de uma FD para outra. Para Zandwais (2007), a modalidade que envolve o processo de desidentificação definido por Pêcheux está ancorado, principalmente, no campo da prática política, sendo um

trabalho de desarranjo-rearranjo da forma-sujeito, onde a ideologia, em uma perspectiva metafórica, funciona contra e sobre si mesma, para dar sustentação a uma prática nova, em virtude de os saberes que compreende uma determinada forma-sujeito não responderem mais à necessidade de constituição dos interesses, dos objetivos antagônicos que permeiam o modo de produção/reprodução/transformação das relações de produção. (ZANDWAIS, 2007, p. 148).

Essas modalidades definidas por Pêcheux ilustram a possibilidade de o sujeito se movimentar entre diversos saberes. Nesse viés, Zandwais (Ibid.) aponta que o sujeito se constitui no meio de contradições e de relações desiguais, compatibilizando-se, portanto, com relações de produção/transformação+ (p. 144). Além disso, podemos dizer que são os modos de relação com a FD que fazem o sujeito e os sentidos se constituírem na materialidade discursiva.

É importante também considerar que essa possibilidade de o sujeito se relacionar de diferentes modos com a FD em que se inscreve está atrelada às condições de produção do discurso. Entendemos isso, porque essas condições permitem que o sujeito se constitua a partir da relação que mantém com os saberes que circulam em determinada conjuntura. Trazendo um breve esboço das condições de produção do objeto em estudo, podemos dizer que na conjuntura dos estudos sobre a linguagem dos anos 50, no Brasil, os saberes que dominavam nas práticas científicas eram os saberes que visavam ao estudo da língua portuguesa do Brasil sob o viés da Filologia, perspectiva esta que buscava calcar os estudos científicos em torno da língua portuguesa do Brasil não só na conjuntura sócio-histórica e ideológica dos anos 50, mas, principalmente, até esse período. No entanto,

concomitantemente a esses saberes filológicos, tem-se outros saberes que circulavam nessa época, constituindo a FD dessa conjuntura, como, por exemplo, os saberes sobre a Linguística, os saberes dialetológicos e literários. Logo, o objeto analítico se inscreve numa FD que é atravessada por diferentes saberes, que se inscrevem em lugares/perspectivas diferentes.

Consideramos, diante disso, que os saberes dominantes da FD dos estudos sobre a linguagem dos anos 50, referem-se aos que podem e devem ser ditos nessa determinada conjuntura, ou seja, são os saberes que procuram dar visibilidade à língua do Brasil e sua evolução. Já os outros saberes que se atravessam e constituem essa FD, são saberes que começam a ganhar uma importância maior nesse período dos estudos sobre a linguagem do contexto brasileiro. Nesse sentido, estamos considerando que é a partir dos saberes que estão em circulação, na conjuntura dos anos 50, que o sujeito poderá inscrever seu discurso em diferentes posição-sujeito, podendo ou não se contrair com os saberes predominantes da FD em questão.

Essas noções que estamos destacando possuem, pois, uma estreita ligação com uma noção que é de suma importância para a compreensão dos sentidos e da historicidade inerente ao nosso objeto analítico. Trata-se das condições de produção do discurso, cuja noção faz intervir a exterioridade na constituição do discurso, como já sinalizamos anteriormente. Logo, as condições de produção não funcionam como pano de fundo do discurso, mas como algo constitutivo. Podemos dizer que essa noção regula de certo modo a FD, visto que, a partir das condições de produção, tem-se a possibilidade de projetar o dizer/discurso e, ao instaurarem-se outras condições de produção, muda-se, conseqüentemente, a forma do discurso, e até mesmo o sentido e a posição-sujeito. Isso é decorrente do fato de que as condições de produção afetam a memória discursiva que constituirá o discurso.

Todas essas questões levantadas até este momento, articulam-se à constituição do discurso, à dimensão interdiscursiva, a qual está, por assim dizer, na base do processo discursivo, sendo a noção que determina a dimensão intradiscursiva. Esta, por sua vez, está no nível da formulação do discurso, nível da horizontalidade. A instância da formulação refere-se à linearização do dizer, ou seja, refere-se ao momento em que se atravessa o interdiscurso no dizer, fazendo-o funcionar linearmente, em determinado momento e em determinadas condições. É a

partir dessa instância que podemos observar como o sujeito e o discurso se constituem, e como são afetados por outros dizeres e pela exterioridade.

Pêcheux (2009 [1988], p.154) considera que o intradiscurso é um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma anterioridade inteiramente determinada como tal do exterior. Nessa instância, o sujeito tende a linearizar o já dito, absorvendo e esquecendo o interdiscurso no intradiscurso, fazendo com que este seja o fio do discurso do sujeito, onde o dizer ganha corpo e o sentido se instaura.

O interdiscurso, para esse autor (Ibid.), é entendido enquanto noção que abarca todo complexo com dominante das formações discursivas (p.149), bem como que é constituído, em sua estrutura, por categorias que funcionam por oposição, como o pré-construído<sup>8</sup> e o processo de sustentação. Estes elementos desempenham uma função essencial no que tange ao processo de constituição do discurso de uma ciência, permitindo que o discurso se constitua por meio de articulações e de sustentações intracientíficas (p. 177). É através do interdiscurso que o discurso, sujeito, e sentido se constituem, estando ligados a uma memória que se estrutura pelo esquecimento (ORLANDI, 2005, p. 59).

Considerando essas categorias que fazem parte da estrutura do interdiscurso, mas que se opõem, estamos entendendo o interdiscurso como uma noção que remete à relação do discurso com uma exterioridade-anterioridade com o sempre-já-aí que configura o domínio do pré-construído; bem como que remete ao encadeamento de saberes constitutivos do discurso, configurando o domínio do que Pêcheux (2009 [1988]) denomina de processo de sustentação este sendo caracterizado como uma espécie de retorno do saber no pensamento (p.102).

O pré-construído tem como característica a separação fundamental entre o *pensamento* e o *objeto de pensamento* (Ibid., p. 93, grifo do autor). Neste domínio, o objeto de pensamento é tomado como pré-existência, permitindo ao pré-construído conferir esse seu objeto ao pensamento por meio da exterioridade e da pré-existência, ou seja, é o pré-construído que torna o dizer possível, estando, na base da constituição do discurso. Opondo-se a esse funcionamento do pré-construído, tem-se o processo de sustentação, o qual nos permite verificar o efeito da articulação de asserções, apontando para o retorno do saber no pensamento. Essa

---

<sup>8</sup> As considerações acerca do pré-construído que Pêcheux propõe estão embasadas nos estudos de P. Henry, quem propôs esta noção.

separação entre esses dois domínios se torna essencial para compreendermos o processo de constituição do dizer/discurso (cf. Ibid.).

Nesse sentido, Pêcheux (Ibid.) considera que o funcionamento do processo discursivo pelo interdiscurso coloca em evidência o funcionamento do pré-construído, que aponta para os dizeres já postos, a uma construção anterior e exterior. Para esse autor, %o efeito de pré-construído+ trata-se, portanto, de uma %modalidade discursiva da discrepância+ (p.156), por meio da qual o indivíduo é interpelado em sujeito, visto que é a partir desses lugares já dados na exterioridade que o indivíduo tem a possibilidade de se constituir. Tem-se essa constituição, uma vez que, ao se inscrever em determinada posição, há uma identificação do sujeito com determinada posição ideológica. A partir das construções já dadas, o sujeito pode, portanto, apoiar seu dizer em outros dizeres, já ditos, que estão na ordem da exterioridade, do pré-construído, efeito discursivo este que se liga ao encaixe sintático (Ibid., p.89).

Além deste encaixe sintático que o pré-construído coloca em funcionamento, o processo discursivo, a partir do interdiscurso, também está ligado ao efeito do processo de sustentação. Esse processo de sustentação articula-se a uma questão que nos interessa nesse estudo, ou seja, o funcionamento do discurso-transverso. Este resulta do encadeamento de outros saberes que vêm se atravessar no interior de um determinado discurso e domínio de saber, fazendo co-habitar, num mesmo espaço, saberes que advêm de outros lugares, os quais podem pertencer a formações discursivas (FDs) e formações ideológicas (FIs) distintas. Ou seja, são saberes que se linearizam pelo discurso-transverso na dimensão intradiscursiva, passando a constituir o fio do discurso. Esses saberes que passam a estar atravessados são constitutivos do *interdiscurso enquanto pré-construído* (Ibid., p.154), fazendo parte, portanto, do conjunto dos saberes/discursos que já estão dados pela exterioridade.

Pêcheux ainda salienta que %o funcionamento do discurso-transverso+ remete àquilo que, classicamente, é designado por metonímia, enquanto relação da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com o que ele designa, etc.+ (Ibid., p. 153). Há esse processo metonímico no discurso-transverso, pois quando o sujeito retoma, repete, atravessa discursos em seu discurso, tem-se apenas um recorte do todo, uma parte que não se fecha nesse recorte, fazendo ressoar o que não está presente, mas pertencente a esse todo.

Venturini (2009), em seu trabalho de tese, destaca que o funcionamento do discurso-transverso se dá pelo %atravessamento no intradiscorso de discursos advindos de tempos e lugares outros, instaurando efeitos de sentidos contrários à homogeneidade+ (p.74). Ou seja, ao observarmos o atravessamento de saberes numa determinada materialidade, poderemos entender que a constituição discursiva está marcada por uma heterogeneidade a qual, por sua vez, está inscrita em determinada FD, configurando-a.

Sobre essa heterogeneidade, Rasia (2008), em seu estudo acerca dos processos de constituição do discurso gramatical por meio de apagamentos e retornos de determinados saberes, considera que o atravessamento de discursos em uma superfície linguística, a partir de um viés que leva em conta a deslinearização ou a desintagmatização, torna possível analisar os domínios de saberes que estão na constituição de determinado objeto analítico.

A respeito da co-presença de saberes atravessados num discurso, a autora destaca que

Só há sequência discursiva de referência porque as formulações participam, sempre, de jogos de forças aos quais elas não são imunes. E, sobretudo, porque esse embate não se constitui apenas no nível do exterior que relaciona uma FD a outra, mas no seio de sua contradição interna, onde os dizeres são necessariamente afetados pelos dizeres de outras FDs, do que se pode derivar a noção de discurso transverso (RASIA, 2008, p.70).

Esses jogos de forças que se pode verificar nos processos discursivos, bem como esta inscrição de dizeres outros num determinado domínio é regulada pela posição em que o sujeito se inscreve, apontando para quais saberes o sujeito se identifica e/ou se contraidentifica por meio de retomadas. Com relação à identificação do sujeito a determinados saberes, ela é essencial para compreendermos a filiação que constitui e está linearizada em determinado discurso, a qual, por sua vez, está inscrita em determinada FD.

A presença de saberes pertencente a domínios outros no discurso associa-se ao esquecimento nº1 proposto por Pêcheux, pois este esquecimento aponta para a ilusão de que o sujeito é origem e fonte de seu dizer (cf. Ibid., p. 65). É importante destacarmos que a articulação de saberes aponta para o funcionamento do discurso-transverso, sendo entendida como a %versão do encaixe sintático+ (Ibid.,

p.69), pois estes saberes estão postos no nível da exterioridade, do pré-construído. Com isso, a articulação faz com que se tenha, no discurso, a remissão a determinado recorte do universo do dizível, que é o interdiscurso, trazendo saberes que estão filiados a discursos específicos.

Nesse sentido, o atravessamento de saberes nos importa, porque ele aponta para a heterogeneidade presente na constituição discursiva, a qual pode ser compreendida, no interior do discurso, pela articulação e sustentação a diferentes saberes. Essa articulação/sustentação que passa a estar linearizada na dimensão intradiscursiva aponta para a relação interna entre os discursos e pode ser compreendida pela noção de discurso-transverso.

### 3. A prática científica em torno dos estudos sobre a linguagem no/do Brasil

Até o momento, procuramos sinalizar a respeito da constituição e formulação do discurso por meio de uma reflexão teórica. No entanto, para podermos compreender a relação que a produção do conhecimento estabelece com o interdiscurso, é necessário levar em consideração as condições de produção que envolvem os estudos sobre a linguagem dos anos 50. Como já apontamos, essas condições afetam a constituição do discurso e, por conseguinte, do sujeito e dos sentidos.

Em consonância com o dizer de Orlandi (2001a), as condições de produção do discurso apontam para os sujeitos, a situação, e a memória que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra+(p.31). Para essa autora, as condições de produção remetem tanto a um contexto amplo como a um contexto imediato. Este se refere às circunstâncias da enunciação, envolvendo o(s) sujeito(s) que assina(m), constituindo a posição-autor de tal discurso, quando, onde, etc.; aquele, por sua vez, refere-se ao contexto sócio-histórico e ideológico, ou seja, à exterioridade que afeta a produção do discurso.

Nesta seção, destacaremos, inicialmente, o que envolve o contexto amplo das condições de produção, deixando o contexto imediato para as seções seguintes, quando tratamos do estudioso Serafim da Silva Neto, e do objeto em estudo. Entendemos, dessa forma, ser importante iniciar pela conjuntura que envolve os estudos científicos dos anos 50, visto que ela é determinante para que possamos compreender o funcionamento do discurso científico em questão e entender a temporalidade e a memória discursiva em torno dos saberes da Linguística inscritas nesse processo discursivo, destacando, com isso, a determinação histórica que lhe é inerente e os efeitos de sentidos que a partir dela resultam.

Contudo, trazemos considerações que visam a um olhar retrospectivo e de projeção, isto é, trazemos à baila o período que se estende dos anos 40 aos 60, pois entendemos que os anos 50 representam um momento de transição nos estudos científicos brasileiros, que não podem estar desvinculados do seu passado e do que

se projetou a partir dele, estando, portanto, o discurso científico em constante movimento.

### 3.1. Sobre a conjuntura sócio-histórica e ideológica dos estudos sobre a linguagem dos anos 50 no/do Brasil

Atentando ao contexto sócio-histórico dos estudos sobre a linguagem do/no Brasil, podemos dizer que eles se mantiveram relacionados à língua portuguesa até a década de 40, apresentando, principalmente, como campos de interesse: a história e a filologia do português, o estabelecimento de uma língua padrão para o Brasil, e a dialetologia brasileira+ (MATTOSO CÂMARA, 1976 [1968], p.47). Nesse cenário, o que predominou, sobretudo até os anos 60, foram os estudos filológicos, sendo, pois, como nos aponta Altman<sup>9</sup> (2004), os filólogos a grupo de especialidade em evidência. Diante disso, era a Filologia que detinha um lugar reconhecido e institucional no contexto brasileiro, e quem possuía o estatuto socioprofissional e científico que legitimava o trabalho dos pesquisadores dedicados à matéria lingüística+ (Ibid., p.73), configurando à Linguística um programa de investigação à parte (Ibid., p.69).

A Linguística, no período que se estende do final dos anos 30 aos anos 60, vai aos poucos se institucionalizando, mas não conseguindo se estabilizar e atingir seu reconhecimento enquanto ciência ou enquanto disciplina junto aos cursos superiores. Essa situação se modifica somente, na década de 60, em 1962 mais precisamente, quando ela passa a ser considerada uma disciplina obrigatória nos cursos de Letras.

Esta prática científica, no contexto brasileiro, passou por um longo processo de aceitação, em especial, por parte dos filólogos. A Linguística não foi, até os anos 60, bem vista por muitos estudiosos, resultando em divergências e embates teóricos, principalmente, entre estudiosos que a consideravam importante para o desenvolvimento dos estudos sobre a linguagem e aqueles que não viam nela contribuições significativas. Essa posição de rejeição frente à Linguística trava, por

---

<sup>9</sup> É importante destacar que os estudos realizados por essa autora buscam uma articulação entre a História e a Historiografia, diferenciando-se dos estudos realizados em HIL no Brasil. No entanto, retomamos suas considerações, pois nos apontam para uma série de fatos importantes relativos à história da Linguística no Brasil.

assim dizer, uma luta por lugares nos estudos científicos desse período anterior a sua obrigatoriedade nos currículos de Letras, ajudando no atraso do seu estabelecimento no âmbito acadêmico (cf. Altman, 2004).

Coseriu (1976 [1968]), em seu estudo acerca do desenvolvimento da Linguística latino-americana durante o período que se estende de 1940 a 1965, destaca que, no Brasil, os centros de pesquisas visando aos estudos linguísticos concentravam-se em cátedras e cursos universitários a partir de estudos organizados individualmente e não em institutos de pesquisas. Para esse autor, nesse período, dois centros de linguística destacam-se no contexto brasileiro, um localizado no Rio de Janeiro e outro em São Paulo. No entanto, na visão de Coseriu, o maior e principal centro que procurou expandir as ideias linguísticas foi o do Rio de Janeiro.

Esses dois centros que se colocavam em evidência, contaram com importantes estudiosos e, especialmente, grandes filólogos. Em São Paulo, podemos destacar: Issac Nicolau Salum; Theodoro Henrique Maurer Jr.; Francisco da Silveira Bueno, Robert Henri Aubreton, Izidoro Blikstein, dentre outros. No Rio de Janeiro, destacam-se: Manuel Said Ali; Álvaro Ferdinando Sousa da Silveira; Antenor Nascentes; Augusto Magne; Joaquim Mattoso Câmara Jr.; Sílvio Edmundo Elia; Serafim da Silva Neto; Gladstone Chaves de Melo; Ernesto Faria; Ismael da Silva Coutinho; Celso Ferreira Cunha; Antonio Houaiss, dentre outros (cf. Coseriu, 1976 [1968]; Altman, 2004).

Além desses estudiosos, há outros que também se destacam, os quais se encontravam num centro de estudos situado em Brasília e criado a partir dos anos 60, no entanto este centro não teve a mesma dimensão que os salientados acima. Os estudiosos são: Aryon Dall'igna Rodrigues<sup>10</sup>, com estudos sobre as línguas indígenas; Adriano Gama Kury, com estudos sobre o português; e Nelson Rossi, com estudos em línguas românicas (cf. Coseriu, 1976 [1968]).

Sobre a situação pela qual os estudos sobre a linguagem passavam nos anos 50, podemos exemplificar melhor com um trecho do prefácio da obra *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, 1ª edição, 1956, de Serafim da Silva Neto. Esse trecho nos aponta para as condições em torno das práticas científicas da época,

---

<sup>10</sup> Aryon D. Rodrigues licenciou-se em Letras Clássicas, em 1950. Foi professor, no Paraná, até ir para a Alemanha com o auxílio de uma bolsa da Fundação Humboldt, onde se doutorou, em 1959. Em 1960, já era professor de Linguística e de Etnografia do Brasil na Universidade Federal do Paraná.

bem como para o grupo de estudiosos preocupados em desenvolver os estudos científicos em torno da linguagem, preocupação esta que vem desde a criação das primeiras faculdades:

Apesar dessa deficiência fundamental, é muito honroso para o Brasil que tenha sido possível apresentar meia dúzia de estudiosos de timbre universitário, de homens que, por si próprio, quase sem o precioso auxílio de guias experimentados, sem bibliotecas especializadas, souberam encontrar o caminho da Ciência.

Quando, em 1935, foi criada na capital da República, a Universidade do Distrito Federal, que se iria transformar na célula-mater das futuras faculdades de letras, teve ela de recorrer em boa parte a esse grupo de abnegados e silenciosos trabalhadores. A sua experiência e o seu saber é que cimentam novas gerações . estas já agora formadas ao sopro e ao calor de cursos especializados e sistemáticos.

Sei que cometo omissões involuntárias, mas, para só referir-me aos meus contemporâneos e residentes na Capital, aí estão: Augusto Magne e Sousa da Silveira (Faculdade nacional de Filosofia), Clóvis Monteiro (Pontifícia Universidade Católica), Antenor Nascentes (Universidade do Distrito Federal), Ismael de Lima Coutinho (Faculdade Fluminense de Filosofia). Foi também o advento das Faculdades de Letras que tornou possível o cultivo de Ciências que lhe servem de base ou de orientação. E isso proporcionou o aproveitamento de um Ernesto Faria (Filologia latina) e de um Joaquim Matoso Câmara (Linguística Geral). (SILVA NETO, 1956, p.8)

No trecho acima, observamos algumas questões importantes sobre o desenvolvimento científico brasileiro, o qual se originou a partir de iniciativas individuais de alguns estudiosos, dando destaque aos situados na Universidade do Distrito Federal, localizada no centro de estudos do Rio de Janeiro. Além disso, nesse trecho podemos observar a presença de estudiosos voltados não só ao domínio da Filologia (Augusto Magne, Sousa da Silveira, etc.), mas também ao da Dialectologia (Antenor Nascentes) e ao da Linguística (Joaquim Mattoso Câmara).

Sobre o desenvolvimento da Linguística científica<sup>11</sup> brasileira, Coseriu (1976 [1968]) considera que os linguistas brasileiros, os quais, geralmente, também eram filólogos, dedicaram-se a estudos em torno da língua portuguesa, especialmente, no que tange ao português medieval e à etimologia portuguesa. Com isso, destaca o autor que os estudiosos propuseram gramáticas históricas e histórias da língua, as quais se inscrevem na linguística portuguesa em geral, diferenciando apenas os

---

<sup>11</sup> Linguística científica, ou acadêmica, para Coseriu (1976 [1968]), é entendida como aquela utilizada em cursos universitários e publicações acadêmicas com finalidades científicas e com um mínimo de base metodológica e técnica aceitável+(p.14).

estudos dialetológicos e os estudos do português contemporâneo do Brasil, os quais visavam somente ao contexto brasileiro. Devido a esse enfoque histórico que os estudos científicos brasileiros tinham, a Linguística Brasileira, nesse período estudado por Coseriu, caracteriza-se como uma Linguística histórica.

Já segundo Mattoso Câmara (1976 [1968]), é a partir dos anos 40 que se configuram as tendências atuais da linguística no Brasil as quais se deram concomitantemente à criação das primeiras universidades brasileiras, as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Como destacamos, a Linguística, enquanto saber reconhecido, situou-se por muito tempo em fase embrionária, contudo, desde os anos 30, ela estava sendo pensada nas faculdades. Foi a Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal (UDF), criada em 1935, que teve o primeiro curso, em 1938 e 1939, de Linguística ministrado por Joaquim Mattoso Câmara Júnior<sup>12</sup>, o qual foi influenciado pelos cursos que havia participado, em 1937, com o professor visitante Georges Millardet. Essa inclusão da Linguística, nas faculdades, resultava do fato de que a consideravam como conhecimento essencial para os professores de língua e para os estudantes que se voltavam à crítica literária (cf. *Ibid.*).

Por questões políticas, a UDF acabou sendo fechada pela administração municipal, sendo criada, em 1939, em seu lugar, a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (RJ), com isso a Linguística foi silenciada e, conseqüentemente, o responsável pelo início de sua difusão. Diante disso, Mattoso Câmara foi afastado não só de um público de lingüistas em potencial, mas também de qualquer possibilidade de ascensão na carreira acadêmica+ (ALTMAN, 2004, p. 103).

A Linguística que Mattoso Câmara vinha propondo, no entanto, foi sendo divulgada de maneiras diferentes até os anos 50, pois, após o fechamento da UDF, esse estudioso manteve-se afastado das atividades acadêmicas. Nesse período, a contribuição de Mattoso Câmara para o reconhecimento dos estudos linguísticos no Brasil ocorreu por meio da publicação, em 1941, do livro: *Princípios de Lingüística Geral, como fundamento aos estudos superiores da língua portuguesa*, que se tornou, por algum tempo, o único manual existente sobre a Linguística em

---

<sup>12</sup> Doravante apenas Mattoso.

português<sup>13</sup> (MATTOSO CÂMARA, 1976 [1968]). Mattoso trabalhou voluntariamente no Museu Nacional, no qual se relacionou com antropólogos, resultando em sua viagem aos Estados Unidos (1943-1944). Nessa viagem, Mattoso teve a possibilidade de se relacionar teoricamente com Roman Jakobson e Louis Gray. Além disso, contribuiu com a tradução da obra *Language*<sup>14</sup> de Edward Sapir (cf. *Ibid.*; Guimarães, 2004; Orlandi, 2002a). E somente nos anos 50 voltou a sua atividade acadêmica, lecionando Linguística na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Segundo Orlandi (2001b), é a partir dos anos 50 que os estudos sobre a linguagem no Brasil se tornam de fato uma prática brasileira, visto que a partir de então se instauraram estudos preocupados em refletir sobre o português do Brasil. Este pensado agora como a língua nacional do Brasil, uma língua diferente da falada em Portugal, sendo, pois, uma língua situada num espaço/tempo outro, possuindo suas particularidades de acordo com a realidade brasileira. Esses estudos irão, para a autora, afetar a constituição das ideias linguísticas no contexto brasileiro, já que a noção de língua nacional deixa apenas de ser uma noção que é uma análise que permite que trabalhem a história, a diferença, a mudança+ (ORLANDI, 2009, p. 83).

Segundo Clemente<sup>15</sup>, na segunda metade do século XX ficou postergada a história da língua para ter maior importância a descrição do fenômeno, segundo os parâmetros da nova ciência da linguagem, a Linguística+. É importante destacar que os estudos sobre a Linguística, mesmo ainda não sendo uma prática científica institucionalizada e legitimada no Brasil, eram enfatizados por muitos estudiosos brasileiros desse período que se estende dos anos 40 ao final dos anos 50.

Nesse sentido, podemos dizer que foi a partir desses estudos em torno da língua portuguesa do Brasil que a Linguística Brasileira foi sendo incorporada, sendo, pois, inicialmente, uma prática de aplicação teórica a dados do português do Brasil+ (ALTMAN, 2004, p. 102). Além disso, há nomes que se destacam neste desenvolvimento inicial da Linguística que, para Lagazzi-Rodrigues (2002), ao

<sup>13</sup> A respeito dessa obra de Mattoso, podemos conferir o trabalho de dissertação de Juciele Dias, no qual destaca que esta obra é um manual em Língua Portuguesa e voltado para a Língua Portuguesa (2009, p.42).

<sup>14</sup> A tradução brasileira realizada por Mattoso possui como título: *A Linguagem: Introdução ao estudo da fala*, e sua publicação, no Brasil, data do ano de 1954.

<sup>15</sup> Texto *on line*: Filólogo Celso Pedro Luft de Manuel Said Ali à Moderna Gramática Brasileira+. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/06.htm>>. Acesso em: 15 de maio de 2010.

mencionar um conjunto de nomes de autores brasileiros, considera serem legitimados e legitimadores na relação com a reflexão linguística, são eles: Serafim da Silva Neto, Joaquim Mattoso Câmara Jr., Capistrano de Abreu, Said Ali, Antenor Nascentes, Theodoro Sampaio e Sousa da Silveira.

Esse desenvolvimento inicial da Linguística a partir de um grupo restrito de estudiosos e por uma posição periférica, até sua institucionalização enquanto disciplina, pode estar associado a uma forma de silenciamento que foi imposto diante dos saberes sobre o disciplinar da Linguística. A questão do silenciamento é tomada por nós a partir do estudo que Orlandi (2007) propõe acerca do silêncio, que, para a autora, *trabalha os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer+(p.74)*. Ou seja, através do silêncio, podemos compreender o que pode e deve ser dito, mas também o que não pode e não deve ser dito em determinada conjuntura, produzindo um recorte entre o que se diz e o que não se diz.

O silenciamento da Linguística institucionalmente como disciplina e ciência, nesse período, pode ser entendido como uma forma de censura a esse disciplinar, uma vez que se refere a um novo domínio de saber que estava sendo posto em relação ao domínio filológico, cujos saberes predominavam na FD dos estudos sobre a linguagem dessa conjuntura. Para Orlandi (Ibid, p.77), a censura traz à baila um *modo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, não deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala+*. É importante ressaltar que, embora se procure silenciar certos saberes e sentidos em determinada conjuntura, não se pode contê-los, visto que eles irão emergir de formas diferentes, fazendo com que as fronteiras entre os saberes que compõem a FD movimentem-se e desloquem-se, agregando saberes outros, que formam os elementos do pré-construído, em seu interior.

Considerando a entrada das obras de Linguística no Brasil, sabemos que a edição brasileira do *Curso de Lingüística Geral*<sup>16</sup> é editada com 54 anos de atraso ou seja, somente nos anos de 1970, como nos destaca Isaac Nicolau Salum no prefácio à edição brasileira. Se pensarmos na conjuntura de sua edição, podemos dizer que ela é resultante de uma série de questões: para atender as demandas intelectuais que se instalavam no Brasil, e as demandas das universidades, pois é nessa década que a Linguística começa a ter uma difusão maior, e que se tem a sua

---

<sup>16</sup> Doravante apenas *Curso*.

institucionalização enquanto disciplina junto aos cursos de Letras. Além disso, podemos associar a presença da obra de Saussure, no Brasil, ao que acontece no contexto europeu referente aos estudos sobre a linguagem, tratando-se do apogeu do estruturalismo, o qual possibilitou reedições e traduções do *Curso* em diversos contextos, visto que a Linguística moderna vive um momento de franca ebulição nos anos 60.

É no centro de estudos do Rio de Janeiro que se configura, além da abordagem histórica que se tinha sobre os estudos da língua, a Linguística moderna no Brasil, a qual estava, inicialmente, marcada pelos estudos europeus. Essa filiação com a Linguística europeia que vinha se firmando, vincula-se ao fato de que as universidades brasileiras contaram, nos primeiros anos de sua criação, com uma forte presença de professores visitantes franceses, os quais influenciaram os estudos brasileiros com as ideias que traziam da Europa. Dentre esses professores, podemos destacar o professor visitante Georges Millardet da Universidade de Sorbonne que lecionou na Universidade do Distrito Federal (cf. Guimarães, 2004).

Sobre os centros que marcaram o início da prática acadêmica no Brasil, podemos trazer os estudos de Guimarães (2004) que considera essa conjuntura que envolve o início da criação das primeiras universidades no Brasil, que vai do final dos anos 30 até o início dos programas de pós-graduação, em meados da década de 60, referente ao terceiro período dos estudos da língua portuguesa no Brasil. Para esse autor, os estudos realizados na Universidade de São Paulo (USP), criada em 1934, tinham um enfoque que se voltava sobre a língua portuguesa a partir de uma abordagem histórica, a qual embasava e ligava os estudos filológicos e gramaticais (cf. *Ibid.*; 2007).

Além dessa orientação histórica que caracterizava, inicialmente, os estudos realizados na USP, verificava-se que a Geografia Linguística, esta baseada na tradição portuguesa de estudos linguísticos, também começava a ser considerada (FIORIN, 2006). Segundo Fiorin a pesquisa lingüística realizada na cátedra de Filologia e Língua Portuguesa nos primórdios da USP segue os rumos dominantes da Lingüística Histórica, mas começa a preocupar-se com a Geografia Lingüística, seus métodos e seus objetivos+ (*Ibid.*, p.17). Esse autor destaca que nessa época, na USP, tem-se uma preocupação menor com relação à descrição e à explicação dos fatos sincrônicos, detendo-se na discussão e crítica de questões gramaticais, bem como na análise de alguns problemas linguísticos. No entanto, a Geografia

Linguística teve pouco tempo de existência nos programas da cadeira de Filologia e Língua Portuguesa, pois, em 1937, quando Otoniel Mota assumiu a cadeira, ela desapareceu, assim como as referências à descrição e explicação dos fatos sincrônicos (cf. *Ibid.*).

Orlandi (2002a), em seus estudos sobre a HIL no Brasil, enfatiza que a Linguística, na USP, relacionava-se à Filologia Românica, a qual também abarcava estudos de Linguística Indo-europeia, ficando a cargo da Filologia Portuguesa abarcar os estudos de gramática da Língua Portuguesa. Para essa autora, verifica-se nesse centro de estudos, nos anos 40, uma forte tradição da gramática filosófica, tendo em seu quadro docente como nome expressivo o de Silveira Bueno, estudioso este que instalou o curso de Filologia e Língua Portuguesa na USP, ligando-os para que surgissem novos domínios gramaticaisq diferenciando-se dos já existentes. Essa época que envolve o desenvolvimento inicial da USP é caracterizada, portanto, por cursos postos um ao lado do outro e em relação, ou seja, os cursos de Filologia Românica estavam ao lado de cursos de Filologia e Língua Portuguesa, por exemplo (*Ibid.*, p.195).

É, em 1940, que Silveira Bueno assumiu a cátedra de Filologia e Língua Portuguesa. Fiorin (2006) enfatiza que, apesar dessa cadeira continuar com sua orientação predominantemente filológica e histórica, verificam-se outras influências nos estudos realizados, como: influências de semanticistas franceses e alemães da época, e estudos sobre a fonética. Além disso, têm-se os trabalhos dialetológicos que continuaram a ser realizados.

No que tange à inserção da Linguística nesse centro, antes de sua obrigatoriedade nos currículos, ela ocorreu por formas diferentes, através das cadeiras de Língua e Literatura Grega, ministrada pelo professor visitante francês Robert Henri Aubreton, e de Filologia Românica, ministrada por Theodoro Henrique Maurer Jr. Este, por ter estudado em Yale (1945-1946), com a ajuda da Fundação Rockefeller, pôde frequentar, dentre diversos cursos, o de L. Bloomfield. Voltando, em 1947, procurou, em sua cadeira de Filologia Românica, em São Paulo, introduzir os preceitos da Linguística estrutural influenciado por Bloomfield, além de divulgar os estudos de Mattoso e de Saussure (cf., *Ibid.*).

O professor Aubreton lecionou, no Brasil, por doze anos, de 1952 a 1964, proporcionando aos seus alunos ou os de Maurer a possibilidade de que fossem estudar, na França, com a ajuda de bolsas de estudos que o governo Francês

concedia. Isso fez com que novos adeptos ao pensamento linguístico europeu surgissem. Após a implantação oficial da Linguística nos cursos de Letras, Maurer optou por seguir a tradição filológica em seus estudos, deixando para os jovens estudantes que voltavam da França, denominados de *francófonos* que se dedicassem a essa nova disciplina. Foi no final dos anos 50 e início dos anos 60 que os primeiros alunos que foram estudar na França regressaram ao Brasil, trazendo as *modernidades* que se faziam referentes aos estudos da linguagem. O primeiro estudante a ir estudar para a França foi Izidoro Blikstein, formado em Letras Clássicas pela USP, e especialista em Língua e Literatura Grega (cf. Altman, 2004, p. 109; Blikstein, 2009).

Em contrapartida a essas investidas em favor da Linguística, tinha a posição de Silveira Bueno, a qual era estritamente contra a qualquer influência dos estudos linguísticos (cf. *Ibid.*). Silveira Bueno considerava a filologia como uma disciplina com a função de coordenar e de agregar conhecimentos das diferentes disciplinas, valendo-se de conhecimentos linguísticos, literários, retóricos, paleográficos, epigráficos, hermenêuticos, etc. Os textos antigos, para ele, eram a razão de ser dos estudos filológicos, e, para estabelecê-los, era preciso conhecer profundamente a língua do tempo em que foram escritos (cf. Fiorin, 2006).

Mesmo com os avanços realizados referentes à *lingüística* geral, *lingüística* do português e dialetologia, a filologia em seu sentido estrito [continuou] a merecer o interesse predominantemente dos estudiosos brasileiros até os anos 60 (MATTOSO CÂMARA, 1976 [1968], p.58). Em nosso entendimento, essa posição não privilegiada da Linguística estava relacionada ao fato de que ela não possuía um lugar institucional, isto é, não estava legitimada academicamente.

Sobre essa questão da legitimação de um saber científico podemos trazer Lagazzi-Rodrigues (2002, p.15) considerando que é a legitimação que sustenta a relação existente entre a cientificidade e o lugar institucional, pois, para a autora, a prática científica *se faz (em) um lugar institucional*. Diante dessa *falta de lugar* a Linguística circulava de modo restrito e em um lugar secundário nos cursos de Letras. Podemos observar isso, uma vez que, ao retomar as atividades acadêmicas, em 1950, Mattoso dava aula de Linguística Geral apenas aos alunos do último ano de Letras Clássicas, aulas estas vistas apenas como complemento aos estudos filológicos (cf. Altman, 2004).

O que se verificava nesse cenário era uma forte relutância da Filologia diante da Linguística, relutância esta que pode ser, em concordância com Altman (2004), devido a questões de ordem social, institucional, teórica, ou pessoal, acarretando em confrontos entre esses dois domínios de saberes que circulavam e constituíam os estudos científicos dos anos 50.

Os filólogos, até meados dos anos 60, ocuparam as principais cátedras universitárias do país, e fundaram os primeiros centros de pesquisa voltados a questões linguísticas, cujos estudos prevaleceram no que toca a publicações monográficas e periódicas (cf. Ibid.). É importante ressaltar que é nos anos 40 e 50 que começam as mudanças nesse cenário onde predominava a Filologia, e um dos fatores foram os avanços dos estudos dialetológicos. Estes iniciaram-se a partir do estudo de Amadeu Amaral, com a publicação da obra: *Dialeto Caipira*, em 1920. Esta obra, segundo Guimarães (2004), é um marco na produção dialetológica do Brasil. Outro nome, dentre outros que se destacam com produções visando aos estudos dialetológicos, é o de Antenor Nascentes que, em 1922, apresentou uma monografia sobre o linguajar carioca; em 1932, publicou o primeiro dicionário etimológico no/do Brasil, e também foi quem publicou o primeiro esboço de roteiro para a elaboração de um atlas linguístico no Brasil (MATTOSO CÂMARA, 1976 [1968]).

Inicialmente, a Dialetologia, enquanto programa que buscava dados a respeito das diferentes variantes regionais do português do Brasil, foi incorporada ao programa de Filologia, o que lhe garantia legitimidade. Nos anos 50, em busca de garantir um espaço institucional e implantar uma mentalidade dialetológica no Brasil, Serafim da Silva Neto fundou, em 1953, o *Centro de Estudos de Dialetologia Brasileira* no Museu Nacional do Rio de Janeiro; e procurou difundir a dialetologia brasileira através de palestras em Belo Horizonte, na Universidade de Minas Gerais, e, em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Também publicou o livro, em 1955, *Guia para estudos dialetológicos*, além de abordar esta orientação em várias de suas obras sobre o estudo do português do Brasil<sup>17</sup>.

Com o fortalecimento da Dialetologia, especialmente no Rio de Janeiro, houve uma crescente preocupação na elaboração e publicação de Atlas linguísticos, e de

<sup>17</sup> A obra *Introdução aos Estudos da Filologia Portuguesa no Brasil*, 1ª edição, 1956, de Serafim da Silva Neto é considerada pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) como uma das obras referentes à produção em Dialetologia e Geolinguística do Brasil, conforme está disponível em: <<http://www.alib.ufba.br/artigos.asp>>.

Guias Dialetológicos (ALTMAN, 2004). Diante disso, o programa da Filologia também passou a considerar entre suas tarefas a elaboração de atlas lingüísticos brasileiros regionais, de acordo com os preceitos do método da Geografia Lingüística+ (Ibid., p.75), preceitos estes também utilizados pela Dialetologia realizada por Serafim e Nascentes. Ou seja, ambos os programas, o de Filologia e de Dialetologia, estavam, no início, unificados através da utilização da mesma tradição de pesquisa.

A perspectiva que, inicialmente, marcava a Filologia e a Dialetologia era a abordagem diacrônica, a qual sustentava os estudos em torno da língua portuguesa no início do desenvolvimento das faculdades brasileiras. Porém, essa relação da Filologia com a Dialetologia, na década de 50, denominada por Altman de década da renovada cruzada dialetológica de Silva Neto+ (Ibid., p.80), enfraquece, visto que se tem uma reavaliação do programa de investigação dialetológico que se fazia e devido ao fato de ser instalado novos desafios com o crescimento da influência do estruturalismo no contexto brasileiro.

É a partir dos anos 50 que serão observados avanços no desenvolvimento do programa de investigação da Linguística. Segundo Altman (Ibid.), esse avanço da Linguística está relacionado ao estruturalismo lingüístico, configurando um caráter estruturalista à Linguística que se vinha firmando no Brasil. Esse caráter estruturalista configurou à Linguística uma abordagem sincrônica, marcando modificações nos estudos sobre a linguagem desse período. Há essas modificações, pois os estudos filológicos brasileiros sempre estiveram vinculados à perspectiva diacrônica, colocando-se contra a perspectiva sincrônica que caracteriza o campo disciplinar da Linguística.

A abordagem sincrônica, a partir dos anos 50, conforme a autora, vai ganhando supremacia diante dos estudos que se faziam, acarretando em significativas mudanças nesse cenário. A principal mudança que ocorre refere-se à compacta relação entre Filologia e Dialetologia+ (Ibid., p.122), visto que a Dialetologia acabou incorporando em seus estudos o estruturalismo, voltando-se ao viés sincrônico para marcar um lugar diferenciado nos estudos sobre a língua do Brasil. É, portanto, ligada à Linguística, a partir de um viés sincrônico, que a Dialetologia vai se configurando e marcando seu espaço, e não mais à Filologia.

Essa orientação sincrônica dos estudos dialetológicos brasileiros diferenciam-se dos estudos realizados, na França, por Gilliéron. Os estudos propostos por

Gilliéron estão na base da constituição desse campo disciplinar no início do século XX, configurando o método da geografia linguística, o qual era considerado pelos romanistas europeus como um campo disciplinar diacrônico (cf. Fiorin, 2006).

Nesse sentido, podemos dizer que o espaço da dialetologia é demarcado, no Brasil, principalmente, através da instalação do *Centro de Estudos Dialetológicos*, como já referendamos. Podemos considerar que a instalação desse centro pode estar relacionada às novas perspectivas instauradas nos estudos da linguagem. Três anos depois, em 1958, ao lado do Centro de Dialetologia, foi criado um *Setor Linguístico* por Mattoso, setor este que configura o espaço físico, por assim dizer, da Linguística, no Brasil, o qual será o passo inicial para que se tenha, mais tarde, a sua institucionalização e legitimação acadêmica (ALTMAN, 2004).

No entender de Altman (Ibid.), há uma forte relação, nos estudos brasileiros, entre o estruturalismo e a Linguística, não só pelo viés sincrônico, mas pela nova abordagem que propunham aos estudos sobre a linguagem. Essa autora salienta que

o termo lingüística surgiu no contexto acadêmico brasileiro ligado ao termo estruturalismo e foi só então, no decorrer da década de 60, que começaram a se tornar mais preciso os universos de referência propostos pelos dois termos . Filologia e Lingüística . justamente no momento em que as oposições institucionais iam se fazendo mais nítidas (ALTMAN, 2004, p.120).

Altman (1996) destaca que, nos anos 60, tem-se uma tensão entre as orientações diacrônica e sincrônica, ou seja, entre a Filologia e a Linguística, pois é um momento em que se torna necessária a ruptura entre essas duas práticas científicas no campo disciplinar dos estudos brasileiros. O linguista, nessa época, estava fortemente filiado a uma tradição ocidental que teve seu início na Europa, no século XX, distanciando-se da tradição normativa, da investigação da linguagem enquanto fenômeno biológico, da tradição do pensamento filosófico grego e, principalmente, da tradição filológica, então predominante no país+(Ibid., p.185).

Nesse sentido, podemos afirmar que foi determinante, para os estudiosos brasileiros que procuravam se legitimar enquanto linguistas, o estabelecimento da Linguística enquanto disciplina. A respeito dessa relação entre o estudioso e o campo disciplinar, Lagazzi-Rodrigues (2007, p.13) entende que a %Linguística é

legitimada por quem institui uma ciência, por quem pratica uma ciência, por quem ensina uma ciência, por quem divulga uma ciência+, mas considera que os espaços institucionais acadêmicos foram essenciais para que se tivesse a produção, expansão, circulação e representação dos estudos sobre a Linguística do/no Brasil.

Juciele Pereira Dias (2009), em seu estudo de dissertação, destaca-nos que a resolução ou decreto sobre a obrigatoriedade da Linguística faz com que essa disciplina fosse

colocada em um %lugar especial+ institucional, pertencente ao currículo mínimo, enquanto que, por exemplo, a disciplina de Filologia Românica equivale ao que se pode chamar hoje de uma %disciplina eletiva+.

A Filologia Românica que teria possibilitado o início dos estudos em Linguística no espaço universitário brasileiro, seja na UDF com Millardet ou na USP com Maurer, passa a ter um lugar secundário na Resolução de 1962. A não obrigatoriedade da Filologia ao lado da obrigatoriedade da Linguística nos cursos de Letras coloca esta disciplina em um lugar privilegiado em relação àquela.

Esse deslocamento vem a constituir uma problemática no momento da passagem da disciplina Linguística de um %não-lugar especial+a um %lugar especial+ antes da Resolução, tínhamos o linguista buscando constituir um lugar para si e para a disciplina; depois da resolução, temos lugares para a *disciplina Linguística* reclamando por um linguista. É um deslocamento da falta de lugar para o excesso de lugares destinado à disciplina Linguística. (DIAS, 2009, p.51)

Essa passagem da falta de lugar para o %excesso+ de lugar, que vimos na citação acima, faz com que se tenha, conseqüentemente, a falta de professores capacitados para ministrarem a nova disciplina instituída, fazendo com que houvesse uma demanda por capacitação, dando condições ao início da criação dos programas de pós-graduação. Uma universidade que pode ser citada é a Universidade de Brasília (UnB), a qual foi criada no período em se teve a Resolução sobre a obrigatoriedade da Linguística, sendo esta instituição importante, porque impulsionou a instauração de cursos para a preparação de professores para ministrarem a nova disciplina que se institucionalizava academicamente (cf. Guimarães, 2004).

Essa universidade teve como criador e idealizador Darcy Ribeiro, um antropólogo indigenista, que procurou organizar uma universidade diferenciada, na qual teria Institutos e Departamentos autônomos, sendo um deles o de Linguística. Devido à relação mantida com Aryon D. Rodrigues, este deixou o Paraná e, em

1963, chegou à UnB como convidado a ser o Chefe do Departamento de Linguística, e quem deveria organizar o Mestrado nessa área. Assim que deu início aos seus trabalhos, Aryon promoveu, nesta recém-criada Universidade, um curso de Linguística com o objetivo de preparar os professores que iriam ministrar a nova disciplina (ALTMAN, 2004).

Podemos ressaltar que, no caso da Linguística no Brasil, para esse campo se disciplinar e se institucionalizar, foi necessário tanto a legitimação de quem produz ciência e a faz circular entre seus pares, quanto à legitimação via órgão Federal (Estado) e das Instituições. Sobre a disciplinarização de um campo científico, podemos retomar os estudos realizados por Puech (2004) que propõe essa noção para *«designer le processus (historique) par lequel les propositions intellectuelles concernant le domaine considéré créent, reprennent et tentent de maîtriser la temporalité de leur développement»* (PUECH, 2004, p. 125)<sup>18</sup>.

Scherer e Petri (2008) também destacam que o campo disciplinar de uma ciência é afetado pela formação ideológica a que está inserido, afetando, pois, a história dos conceitos e a história cultural do disciplinar. Assim, analisar o processo de constituição de um campo científico ou a constituição de uma disciplina, é, como destaca Scherer e Brum de Paula (2002, p.125), considerar tanto a história das ideias quanto a história das instituições que ajudaram a constituí-la.

Diante dessas considerações, é em meio a essa conjuntura que visa à institucionalização e à obrigatoriedade da Linguística no âmbito acadêmico brasileiro que se acentua, nos anos 60, a separação entre o campo da Linguística e o da Filologia. Configuram-se, pois, dois campos de saberes distintos, os quais abrangiam estudiosos que se denominavam somente filólogos ou somente linguistas, ou seja, em vez de haver imbricações entre esses saberes, o que se teve foi a oposição entre eles. A partir disso criou-se um espaço que pôde impulsionar a instauração de programas de pós-graduação no decorrer dos anos 60 (GUIMARÃES, 2004; 2007).

Essas questões que procuramos trazer nessa seção apontam para alguns dos fatos que constituem a história dos estudos sobre a linguagem no/do Brasil. Sabemos que deixamos muitos acontecimentos de fora, mas nosso objetivo, nesse

---

<sup>18</sup> Tradução nossa: *«designar o processo (histórico) pelo qual as proposições intelectuais que dizem respeito ao domínio criado retomam e tentam dominar a temporalidade de seu desenvolvimento»* (PUECH, 2004, p.125).

apanhado do contexto que envolve as condições sócio-histórica e ideológica dos estudos sobre a linguagem dos anos 40 aos 60, foi o de trazer questões que nos serão importantes para a compreensão e os gestos de leitura em torno de nosso objeto de estudo, bem como de trazer um panorama dos dois centros que se destacam nesse período em questão (cf. Coseriu, 1976 [1968]). Consideramos que a retomada desses acontecimentos nos permitirão ver influências inerentes na constituição e formulação do discurso científico que está em análise.

Acreditamos que esse estudo contribui para uma leitura de que a produção do conhecimento sobre a linguagem não está desvinculada da história, nem de suas condições de produção, estando em constante movimento e sendo constituída por uma temporalidade e uma memória que coloca em funcionamento determinados efeitos de sentidos, os quais estão de acordo com a conjuntura sócio-histórica e ideológica em questão. Ou seja, procuramos destacar como a produção do conhecimento em torno da linguagem dos anos 50 irá se constituir a partir do atravessamento do campo disciplinar da Linguística.

### 3.2. Sobre o estudioso e sujeito da ciência Serafim da Silva Neto

Para compreendermos o funcionamento do atravessamento dos saberes da Linguística no discurso científico dos anos 50, vamos examinar duas materialidades discursivas de um estudioso significativo para os estudos sobre a linguagem do Brasil. A escolha por esse autor foi devido ao nosso interesse em compreender a circulação dos saberes sobre a Linguística em autores que contribuíram para os estudos linguísticos brasileiros a partir dos estudos sobre a língua portuguesa do Brasil.

Consideramos Serafim da Silva Neto um estudioso significativo para os estudos sobre a linguagem do/no Brasil, principalmente, no que tange à língua portuguesa, sob um viés filológico, e à dialetologia, ligada, por sua vez, a uma perspectiva sincrônica. Entendemos, nesse sentido, que se trata de um sujeito que possui uma posição teórico-analítica peculiar em seus estudos, instalando-se no entremeio dos estudos filológicos e linguísticos, cuja posição poderá ser observada nas obras tomadas como objeto de nosso estudo.

Serafim da Silva Neto<sup>19</sup>, em concordância com Penha (2002), foi considerado a maior expressão do período científico da Filologia no Brasil+ (p.149). Este estudioso teve uma carreira curta, nasceu em 06 de junho de 1917, no Rio de Janeiro, e faleceu em 23 de setembro de 1960, aos 43 anos, na mesma cidade. Foi casado com Cremilda Carvalho Pereira da Silva, com a qual teve três filhos: David, Carmen Lúcia e Ana Cristina. Formou-se, no curso secundário, no Colégio Batista, do Rio de Janeiro, e bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais - Direito -, doutorando-se, mais tarde, em Letras pela Faculdade Nacional de Filosofia.

Ainda muito jovem, por meio de concurso, Serafim tornou-se catedrático do Liceu Nilo Pessanha de Niterói. Também foi o catedrático fundador da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro. Um importante concurso que prestou foi o da Universidade do Brasil para a cátedra de Filologia Românica, no qual empatou, em primeiro lugar, com outro grande filólogo, o catedrático interino Pe. Augusto Magne. Este foi nomeado e, após se aposentar, deixou a vaga de catedrático para Serafim (cf. Ibid.).

---

<sup>19</sup> Doravante apenas Serafim.

Sílvio Elia (1975) destaca que o coroamento da brilhante carreira de Serafim foi o convite honroso do Governo Português para ocupar uma cátedra na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Serafim permaneceu por dois anos em Portugal, voltando ao Brasil por motivo de saúde, mesmo com o desejo da Universidade de que ele permanecesse na Europa.

Em sua carreira, Serafim dedicou-se, predominantemente, aos estudos filológicos, produzindo obras importantes, tanto de cunho filológico quanto de cunho dialetológico, os quais contribuem para a história das ideias linguísticas no/do Brasil. Podemos citar as seguintes obras<sup>20</sup>:

- ❖ *Fontes do Latim Vulgar (1938);*
- ❖ *Manual de Gramática Histórica Portuguesa (1942);*
- ❖ *A Santa Vida e Religiosa Conversação de Frei Pedro (1947);*
- ❖ *Diálogos de São Gregório (1950);*
- ❖ *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil (1950);*
- ❖ *Manual de Filologia Portuguesa (1952);*
- ❖ *Guia para Estudos Dialetológicos (1955);*
- ❖ *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa (1956);*
- ❖ *Ensaio de Filologia Portuguesa (1956);*
- ❖ *Textos Medievais Portugêses e seus Problemas (1956);*
- ❖ *História do Latim Vulgar (1957);*
- ❖ *História da Língua Portuguesa (1957);*
- ❖ *Bíblia Medieval Portuguesa (1958);*
- ❖ *Língua, Cultura e Civilização (1960);*
- ❖ *A Língua Portuguesa no Brasil (1960).*

Além das obras que produziu, em 1955, no Rio de Janeiro, fundou e dirigiu a *Revista Brasileira de Filologia (RBF)*, considerada a mais completa e categorizada publicação no gênero no país+ (ELIA, 1975, p.158). Os principais objetivos desta revista eram: considerar de forma especial o português do Brasil, e fazer com que os estudos de Filologia Românica avançassem. Esses objetivos foram ratificados, para Sílvio Elia, em cada número que era publicado.

---

<sup>20</sup> Algumas das capas dessas publicações de Serafim da Silva Neto estão em anexo, e nelas constam onde as mesmas foram publicadas e por quais editoras.

Essa revista foi dirigida até o volume 4, em 1958, por Serafim e, a partir do volume 6, foi composta uma comissão para dirigi-la, na qual faziam parte: Antenor Nascentes, Lima Coutinho, Mattoso Câmara, Sílvio Elia. No entanto, com a morte de Serafim, a revista acabou prosseguindo com menos regularidade, sendo publicada somente até 1961. Coseriu (1976 [1968]) aponta para a importância deste periódico, considerando-o como o principal periódico linguístico-histórico do Brasil, cujo conteúdo voltava-se mais à Linguística do que à Filologia. Além disso, para esse autor, é a *RBF* que mais se interessou à Linguística Histórica, e que dedicou maior espaço ao estruturalismo dentre os periódicos do contexto latino-americano.

Considerando alguns estudos que visam a periodizar a prática científica brasileira do/no Brasil, podemos perceber que a prática científica de Serafim se enquadra em determinados períodos, conforme o ponto de vista adotado diante dos estudos sobre a linguagem. Sobre esses estudos, iremos citar três autores, ressaltando o período em que eles situam a prática de Serafim da Silva Neto, são eles: Sílvio Elia (1975), Eugenio Coseriu (1978 [1968]) e Eduardo Guimarães (2004; 2007).

Sílvio Elia (1975), ao fazer menção a essa periodização dos estudos sobre a linguagem, considera-a a partir das gerações, ou seja, a partir dos autores mais significativos, destacando que dos nomes da geração de 40 quem ~~de~~ deve ser citado em primeiro lugar, não só pelo seu valor excepcional, mas também porque já teve a consagração do leito derradeiro é Serafim da Silva Neto+(p.155).

Ainda segundo Sílvio Elia, Serafim foi um dos poucos estudiosos que ajudou no avanço dos estudos sobre a realidade linguística brasileira, considera isso ~~no~~ não só pela exata perspectiva em que se situou, mas também pelas contribuições de ordem histórica e lingüística que trouxe à questão+(p.158). Para esse autor, é inquestionável a importância de Serafim nos estudos científicos brasileiros, bem como do que fez em sua breve e ~~fecunda~~ fecunda existênciaq tratando-se, portanto, de uma ~~pe~~ personalidade extraordinária de homem de espírito e de ciência+(p.158).

Nos estudos de Coseriu (1976 [1968]), a tradição científica dos estudos sobre a linguagem também é pensada a partir de gerações, considerando a primeira geração os iniciadores da tradição científica no Brasil, esses iniciadores são: Said Ali, Sousa da Silveira, Antenor Nascentes e Augusto Magne. A segunda geração, para Coseriu, envolveu-se ~~no~~ com sucesso na batalha pela lingüística científica+(p. 15) e dentre os estudiosos dessa geração está Serafim da Silva Neto, Ernesto Faria,

Mattoso Câmara, Sílvio Elia, Maurer Jr., Celso Cunha, etc. No entendimento desse autor, Serafim é reconhecido como um mestre entre os linguistas tanto de seu tempo, como pelos seus precursores, pois procurou incessantemente expandir toda forma que envolvia os estudos linguísticos. Com isso, tornou-se o principal representante da Linguística Histórica do Brasil, garantindo uma posição de destaque na Linguística brasileira. Ainda considera uma terceira e quarta geração composta por linguistas mais jovens, mantendo sempre uma continuidade nos estudos científicos brasileiros.

Já nos estudos de Guimarães (2004; 2007), a periodização que este autor propõe leva em consideração quatro períodos históricos, os quais foram organizados segundo os acontecimentos institucionais e políticos em sua relação com o movimento no campo dos estudos da língua portuguesa (GUIMARÃES, 2004, p.25). O primeiro período se estende de 1500 ao início da segunda metade do século XIX. O segundo período se estende da segunda metade do século XIX, quando se pode falar de fato de estudos do português do Brasil, até o início da criação dos cursos de Letras, nos anos 30. O terceiro período se refere ao início da criação dos cursos de Letras até os anos 60, momento em que a Linguística passa a ser disciplina obrigatória no currículo dos cursos de Letras e quando se tem a criação dos primeiros cursos de pós-graduação. Segundo Guimarães, a prática científica de Serafim se enquadra neste terceiro período, no qual se verifica uma série de acontecimentos institucionais e políticos em torno dos estudos sobre a língua portuguesa e das primeiras universidades instaladas. O quarto e último período vai de meados dos anos 60 em diante, momento em que se abrem novas perspectivas nos estudos da linguagem (cf. *Ibid.*).

Com esses estudos que levam em consideração a periodização e que nos apontam em que condições a prática desse estudioso se inscreve, também podemos dizer que a contribuição de Serafim nos estudos linguísticos brasileiros pode estar relacionada à sua sólida base em Linguística Geral e Filologia Românica, possuindo, portanto, uma situação privilegiada para a pesquisa, como nos aponta Penha (2002). A respeito disso, este autor salienta que ele tinha a mais rica e atualizada biblioteca do gênero [...] [e] assinava as principais revistas estrangeiras da especialidade [destacando que] o próprio Serafim confessou certa vez que assinava 42 revistas estrangeiras+(p.150).

Essas questões e considerações em torno desse estudioso nos apontam para a relevância de refletir sobre a prática científica que se constitui pelo sujeito da ciência que aí se inscreve. Trata-se, pois, de um estudioso expressivo no que se refere aos estudos sobre a linguagem do Brasil, tornando-se, como destaca Mattoso Câmara (1976 [1968], p. 53), um «investigador de múltiplos interesses», circulando, pois, entre os estudos da linguagem, e, conseqüentemente, estando a par das «modernidades» da época, dos estudos atuais que se faziam, em especial, acerca da Linguística. Diante dessas questões, destacamos uma afirmação de Celso Cunha, na apresentação da 2ª edição, 1970, da *História da Língua portuguesa* de Serafim da Silva Neto, afirmando ser Serafim «o mais atualizado lingüista-filólogo que tivemos em qualquer época».

Diante de nossa questão de pesquisa que visa à compreensão da temporalidade e da memória discursiva em torno dos saberes do campo disciplinar da Linguística na prática científica dos anos 50, esta consideração de Celso Cunha nos é bastante significativa, porque irá nos remeter justamente ao fato de que essas duas posições circulavam na constituição dos estudos sobre a linguagem. No entanto, esta consideração também nos aponta para a posição peculiar do sujeito da ciência inscrito na discursividade em análise, visto que esse sujeito irá se constituir não só a partir da posição filológica, a qual predominava nos estudos da época, mas também a partir dos lugares que vão se firmando no contexto brasileiro e que se colocam como importantes para o desenvolvimento dos estudos sobre o português do Brasil.

Podemos considerar que se trata de uma posição peculiar, uma vez que essa afirmação: «o mais atualizado lingüista-filólogo», permite-nos pensar uma relação entre essas duas posições na constituição da prática científica deste sujeito, o que diverge do que muitos estudiosos acreditavam na época, remetendo aos embates e jogos de forças que se verificavam entre os linguistas e os filólogos, pois estas posições eram consideradas como distintas, apenas postas uma ao lado da outra, não podendo ser articuladas nos estudos sobre a linguagem que se desenvolviam.

## PARTE II

### O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO CIENTÍFICO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA DOS ANOS 50

#### 1. Sobre o objeto de estudo e a constituição do processo analítico

Nas duas seções anteriores da Parte I, buscamos destacar algumas questões sobre o contexto dos estudos sobre a linguagem, bem como questões que nos instigaram na escolha das obras do estudioso Serafim da Silva Neto. É importante destacar ainda que essa escolha está primeiramente relacionada à nossa questão de pesquisa, a qual procura analisar, no discurso científico sobre a linguagem dos anos 50, no âmbito acadêmico, a temporalidade e a memória discursiva que estão inscritas a partir do atravessamento de saberes da Linguística, e ao recorte temporal que pretendemos dar ao nosso estudo. Diante disso, consideramos que essas formulações nos apontam para esse atravessamento de saberes, e para os movimentos e diferentes efeitos de sentidos que marcam os estudos científicos do período em questão.

Esse recorte temporal foi delimitado, pois é expressivo em estudos relacionados ao português do Brasil, bem como antecede à obrigatoriedade da Linguística enquanto disciplina nos cursos de Letras. Diante disso, torna-se relevante o estudo em torno da inserção da Linguística nos estudos sobre a língua portuguesa dos anos 50, uma vez que essa conjuntura sócio-histórica pode ser caracterizada por um movimento/transição/inserção de saberes, o que, conseqüentemente, afeta as condições de produção dos estudos sobre a linguagem.

Tendo em vista esse recorte temporal, procuramos também delimitar o objeto de análise. As obras selecionadas como objeto desse estudo representam o início e meados da conjuntura dos anos 50 e demonstraram-se significativas para o nosso objetivo, que se refere ao atravessamento do disciplinar da Linguística nos estudos em torno da língua portuguesa no Brasil, tendo em vista que predominava, nesses estudos, a perspectiva filológica.

Selecionamos, portanto, as obras: *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, 1ª edição, de 1950, e *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, 1ª edição, de 1956. Vejamos as capas dessas obras:

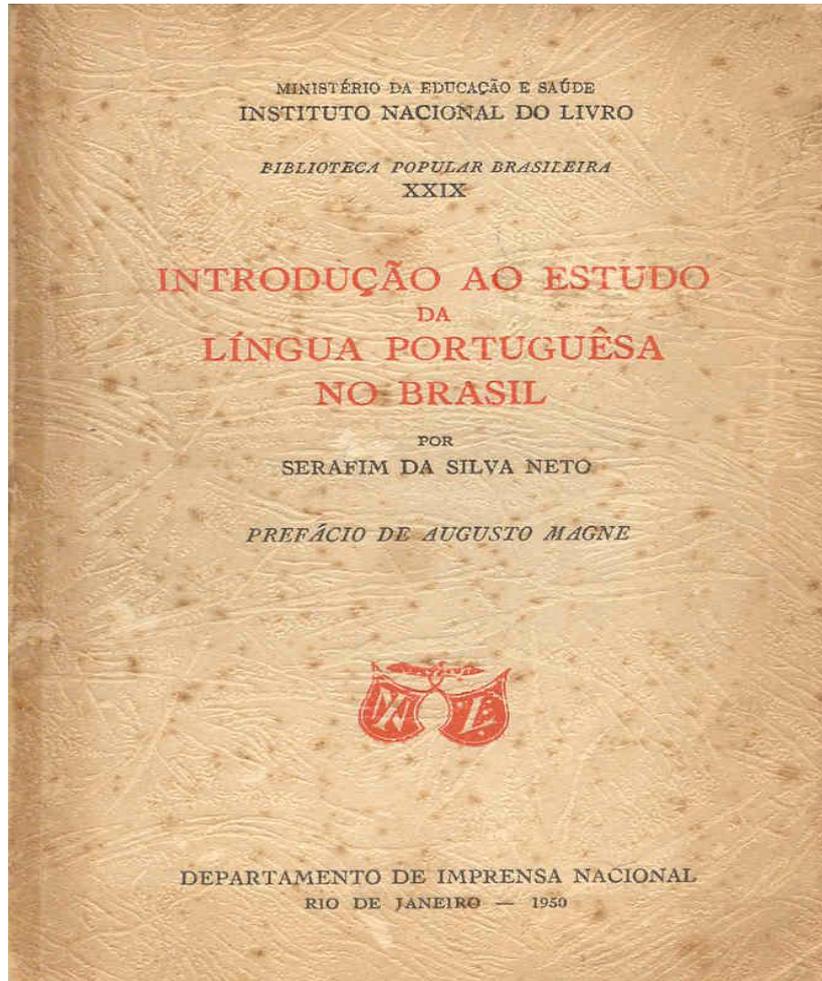


Figura 1 É Obra A

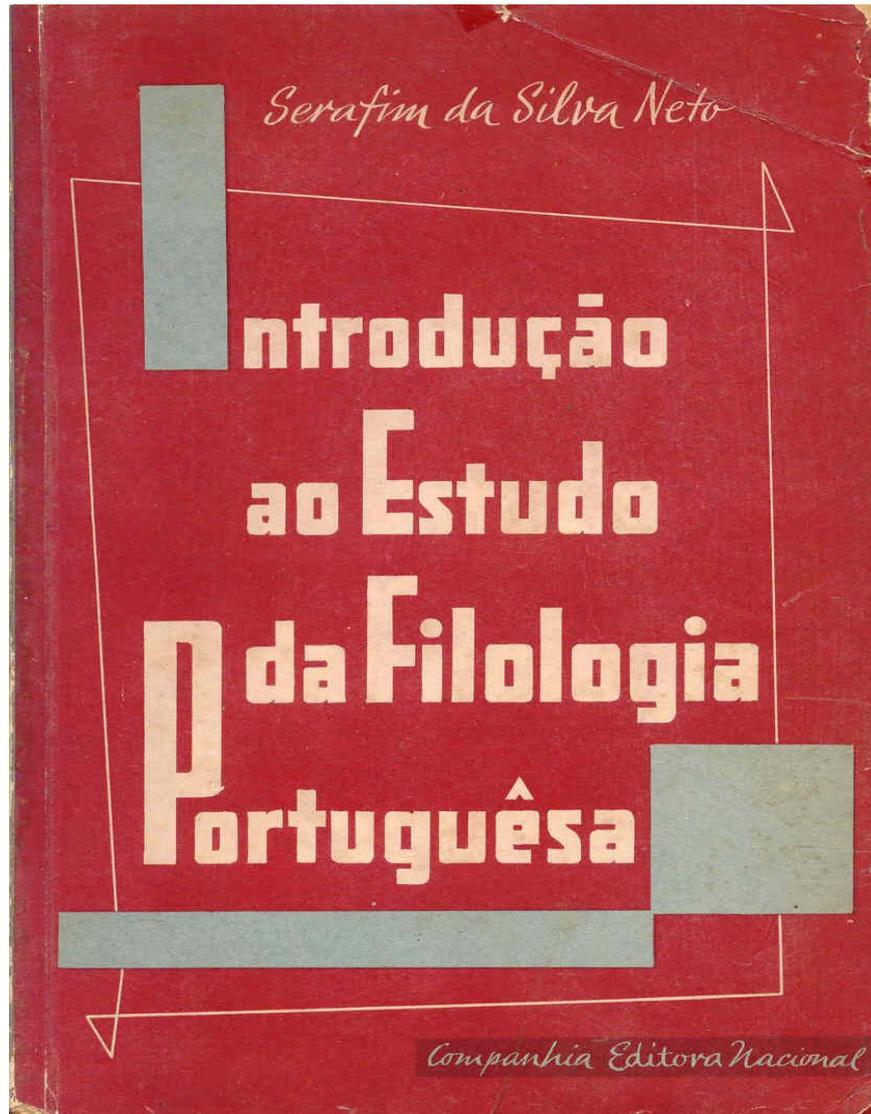


Figura 2 É Obra B

A obra *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* (**obra A**) foi publicada pelo Departamento de Imprensa Nacional, no Rio de Janeiro, em 1950, tendo como mote um estudo histórico em torno do português do Brasil, trazendo as peculiaridades do português situado no Brasil. Peculiaridades essas que se referem, sobretudo, às diferentes linguagens/línguas que coexistem no território brasileiro, as quais passam a ser enfatizadas nos estudos dialetológicos<sup>21</sup> que se colocam em evidência na conjuntura em questão. Isso pode ser exemplificado a partir de um trecho da obra A: %O português do Brasil *não é um todo, um bloco uniforme*. É

<sup>21</sup> É importante destacar que os estudos de Serafim da Silva Neto também contribuem para os estudos dialetológicos, como vimos na seção anterior.

preciso distinguir-lhe os vários matizes, de acôrdo com as ocasiões, as regiões e as classes sociais. Assim temos: 1) *uso literário, culto*; 2) *uso corrente* (familiar, popular, gíria); 3) *uso regional*+ (SILVA NETO, 1950, p.9). A língua portuguesa trata-se, pois, de uma língua que é tomada em sua unidade, mas que, devido a diversos fatores, estes relacionados ao território brasileiro, é, ao mesmo tempo, diversa.

Para se ter uma visão do que se tem em sua constituição, trazemos o seu índice, que nos mostra as suas partes e os assuntos de que trata: *Prefácio; Introdução; A língua portuguesa no Brasil; Diferenciação e unificação do português no Brasil; As três fases da história da língua portuguesa no Brasil; Contato e interação lingüística no Brasil colonial; Panorama atual da língua portuguesa no Brasil; Do método na pesquisa dos falares brasileiros; Duas palavras sobre a língua literária.*

Já a segunda obra, *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa (obra B)*, foi publicada, em 1956, pela Companhia Editora Nacional, em São Paulo. Trata-se de um estudo filológico, propriamente dito, com um enfoque comparativo-histórico sobre as línguas românicas. Esse estudo parte do indo-europeu para chegar ao latim, que pertence ao grupo linguístico ítalo-céltico, e, assim, compreender o processo de evolução que envolve a língua portuguesa. Segundo Sílvio Elia (1956, p. 133-135), em notas bibliográficas da *RBF*, vol. 2, tomo I, este livro não é uma gramática histórica, mesmo possuindo a perspectiva diacrônica como predominante. Trata-se de uma obra, na visão do autor, que serve de orientação doutrinária e metodológica+ para quem se interessar em estudar a língua portuguesa no nível acadêmico.

Considerando seu índice, possui a seguinte divisão: *PREFÁCIO; SINAIS EMPREGADOS; 1- Filologia e seu conceito. Ciências afins e auxiliares; 2- O indo-europeu. Grupo ítalo-céltico. Línguas itálicas. O latim; 3- Aperfeiçoamento literário e expansão do latim; 4- A romanização; a Lusitânia; 5- Evolução do latim; o latim vulgar; características; 6- Substratos e superestratos; 7- As línguas românicas; 8- História da língua portuguesa. Períodos; 9- A evolução fonética. O problema das leis+ fonéticas; 10- Fonética e Fonemática; 11- O acento; 12- Vocalismo histórico; 13- Consonantismo histórico; 14- Acidentes Fonéticos; 15- Formas Divergentes e Convergentes; 16- Morfologia; 17- A Estilística; 18- A expansão da Língua. O português no Brasil; 19- Aspectos do ensino de língua; ORIENTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA.*

Ambos os estudos que estão em análise possuem um enfoque histórico, ou seja, um enfoque diacrônico, o qual é a base dos estudos filológicos. A partir dessa visão histórica, busca-se compreender a língua portuguesa do Brasil, e, para tanto, o sujeito da ciência busca calcar sua produção nos saberes que estão em circulação na conjuntura da constituição de cada discurso. Esses saberes que consideramos são tanto os que predominam na FD dos estudos sobre a linguagem dos anos 50, que são os filológicos, bem como os do campo da Linguística e da Dialetoлогия, mesmo estes não estando institucionalizados academicamente no contexto brasileiro.

Em nossa pesquisa, consideramos essas obras como um discurso documental, através do qual buscamos apresentar uma reflexão em torno da articulação entre a produção do conhecimento linguístico e a exterioridade, sendo, pois, um modo de trabalhar a história das ideias linguísticas dos anos 50 no Brasil. Com relação ao modo de se trabalhar sob a perspectiva da História das Ideias Linguísticas, embasamo-nos nas considerações de Guimarães (2004), o qual entende que a história das ideias pode ser organizada por meio de três modos de entrada: as instituições, os acontecimentos nas instituições que organizam as práticas de produção de conhecimento, e as obras que formulam este conhecimento.

Cada um desses modos de entrada definidos por Guimarães (Ibid.) podem ser analisados por vias específicas, constituindo uma forma particular de produzir uma história das ideias. No que se refere à produção de uma história das instituições, esta pode se dar conforme a concepção de história ou de instituição que se está considerando. Pode-se também analisar uma instituição em seu conjunto, ou mesmo uma instituição específica no interior de um tipo de instituição.

Quanto ao acontecimento, Guimarães o concebe como sendo % que produz, numa certa ordem específica, uma temporalidade própria. Constitui um presente, um passado e um futuro+ (Ibid., p.12). Traçar a história dos acontecimentos é, portanto, constituir métodos próprios que conduzem a uma temporalidade que não está dada, mas que se possa com ela compreender os acontecimentos que se inscrevem em diferentes momentos da história das instituições, e que configuram determinada prática científica ou determinado conceito.

É importante ressaltar estes modos de entradas, pois eles estão relacionados quando consideramos as análises de obras, sendo estas um modo de entrada que

visa a destacar que sua constituição, segundo o autor, é afetada por uma exterioridade que as constitui, trazendo à tona a relação que mantêm com os acontecimentos institucionais e com suas condições de produção. Ao tomar como ponto de partida as instituições e os seus acontecimentos importantes, podemos ver como estes afetam a prática de indivíduos específicos, ou mais precisamente, de grupos de indivíduos+ (Ibid., p.16). Nesse sentido, podemos dizer que esses modos de entrada estão relacionados, pois, ao tomar um deles, estaremos fazendo relação com os outros, sendo, portanto, a partir da relação entre eles que podemos constituir uma História das Ideias Linguísticas, embora tendo como ponto de partida uma entrada em específico.

O nosso estudo em História das Ideias Linguísticas envolve a análise de obras, mais precisamente, determinada produção de conhecimento, sendo necessário, para analisá-las, atentar também às instituições e os seus acontecimentos, devido à relação que se estabelece entre estes modos de entrada. Como já afirmamos, as obras em análise estão sendo consideradas por nós como um discurso documental, o qual, nos estudos de Orlandi (2002a) sobre a HIL, está vinculado à noção de arquivo, configurando, para a análise de discurso, uma memória institucionalizada. Esta memória, para a autora, tem relações complexas com o saber discursivo, ou seja, com o interdiscurso, que é a memória irrepresentável, que se constitui ao longo de toda uma história de experiência de linguagem+(p.11).

Nunes (2008b) aponta que uma obra passa a ser um documento na medida em que ela é historicizada, ou seja, na medida em que ela se torna um objeto de um saber documental. O texto nomeia, data, seleciona objetos e traça percursos+(p.83). Para esse autor (Ibid., p.87), o trabalho documental está diretamente relacionado aos modos de circulação do conhecimento, na medida em que lida com as condições de realização e de divulgação das ciências+. Nesse sentido, a compreensão da produção do conhecimento pode se dar via análise do discurso documental, uma vez que, através deste, poderemos atentar aos percursos inerentes a sua constituição.

Para nós, o discurso documental permite trabalhar com uma memória institucionalizada, mas, sobretudo, entender uma temporalidade e memória que são decorrentes dos gestos analíticos que lançamos sobre essa memória institucionalizada que constitui determinada materialidade discursiva. Desse modo,

entendemos que o discurso documental pode trazer à baila uma memória que não está dada e que, em nosso caso, é constituída pelos discursos que se atravessam e que afetam o processo de produção do discurso documental em questão. Com isso, consideramos que é através dessa noção que se verifica como se dá a relação entre a produção do conhecimento com as condições de produção, visto que é decorrente dessas condições que se terá a presença de determinada temporalidade e memória na constituição e formulação da materialidade discursiva.

O que faz o diferencial, ao se estudar o discurso documental, está no olhar que se lança sobre ele, sendo este olhar que constituirá os gestos de leitura sobre determinada materialidade discursiva e sobre a memória institucionalizada que ela veicula. O nosso olhar, para esse estudo, está no modo como esse discurso documental é constituído por uma temporalidade e memória discursiva sobre os saberes em torno da Linguística, mobilizando como questão teórica, para o desenvolvimento de nossas análises, a noção de discurso-transverso. A partir disso, podemos compreender uma história que não está dada, estabelecida, mas o processo de sua constituição.

Após a escolha por esse discurso documental, a fim de analisarmos o processo discursivo, fizemos recortes discursivos (RDs) do interior das obras delimitadas. Os recortes discursivos realizados em cada obra estão enumerados em ordem crescente, sendo a obra *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* representada como **obra A** (RDa1, RDa2, RDa3, etc.), e a obra *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa* como **obra B** (RDb1, RDb2, RDb3, etc.).

É importante destacar que procuramos mobilizar recortes discursivos<sup>22</sup> na constituição analítica devido ao fato de que estamos propondo uma análise que visa à relação das partes com o todo do objeto discursivo (ORLANDI, 1984, p.14). Ou seja, ao recortar nosso objeto, estamos considerando que os recortes, ou fragmentos nos possibilitam compreender os sentidos em torno da constituição e formulação discursiva da materialidade em estudo.

Os RDs delimitados tiveram como critério de escolha a articulação de diferentes saberes num mesmo espaço; isto é, buscamos destacar recortes que indicam ou fazem referência a diferentes domínios de saberes, para assim analisar o processo discursivo tendo em vista o atravessamento e articulação de saberes.

---

<sup>22</sup> O recorte discursivo está sendo compreendido a partir do que Orlandi destaca no texto: *Recortar ou segmentar*, 1984, p. 9-26.

Contudo, não nos interessamos em qualquer domínio de saber, mas sim nos saberes sobre a Linguística, devido a sua historicização na época em questão. Assim, os recortes realizados foram delimitados a partir da relação que eles estabelecem com esse disciplinar.

Para compreendermos a temporalidade e o funcionamento da memória discursiva que constitui o objeto em análise, a partir do atravessamento de saberes da Linguística, utilizaremos, no desenvolvimento das análises, dois modos de entrada. Primeiramente, propomos uma reflexão em torno das fontes/referências citadas no interior de nosso objeto, as quais apontam para a co-presença (cf. Auroux, 2008) de nomes/autores vinculados à disciplina de Linguística. Por meio dessa co-presença, poderemos entender a rede de memória e filiações que constitui nosso objeto analítico. No entanto, procuramos trazer fontes que nos permitem pensar uma relação entre elas, não apenas trazer autores vinculados ao disciplinar da Linguística, mas sim autores que mantiveram uma relação teórica e que são considerados como referências importantes no que se refere à História das Ideias Linguísticas<sup>23</sup>.

No segundo momento de nossas análises, procuramos propor gestos analíticos com vistas a refletir sobre o imbricamento com os saberes sobre a Linguística que há na constituição do discurso científico em análise, permitindo-nos entender que essa discursividade está articulada e atravessada por esses saberes. Tomamos esses momentos, uma vez que eles nos conduzirão à historicidade e ao modo de circulação da memória discursiva em torno dos saberes sobre a Linguística antes de sua institucionalização acadêmica, no Brasil, ou seja, num espaço/tempo que não é próprio para essa circulação.

---

<sup>23</sup> Consideramos que as referências que mobilizamos são importantes a partir de algumas das leituras que realizamos, como: Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil, de Orlandi; Institucionalização dos estudos da linguagem: a disciplinarização das idéias lingüísticas, de Guimarães e Orlandi (orgs).

## 2. Rede de memória e filiações teóricas nos estudos sobre a língua portuguesa dos anos 50.

Esse estudo está organizado a partir da análise do discurso documental. Este nos permite atentar a uma memória institucionalizada que dará o aporte necessário para compreendermos a produção do conhecimento do período em questão e chegarmos ao nosso objetivo, a saber: refletir sobre como os saberes do campo disciplinar da Linguística já circulavam na produção dos anos 50 por meio dos estudiosos que estão inseridos na prática científica em torno dos estudos sobre a língua portuguesa do/no Brasil. Tendo isso em vista, os gestos de leitura se situam na temporalidade e na memória discursiva que esse discurso apresenta em sua constituição. O que propusemos nesta pesquisa se insere na perspectiva da HIL no/do Brasil, pois acreditamos, em concordância com Guimarães (2004, p. 11), que **uma história das idéias deve acompanhar a formação de práticas de conhecimento, de conceitos, de noções**.

Nesse viés seguem os estudos realizados por Scherer (2005) acerca da institucionalização da Linguística no sul, por meio dos quais a autora, a partir de uma perspectiva discursiva, analisa discursos da e sobre a Linguística a fim de entender o seu funcionamento discursivo e histórico. Através desses estudos de Scherer, podemos vislumbrar a relação entre a exterioridade, a conjuntura de cada época, e as práticas acadêmicas, o que, conseqüentemente, acarreta na produção de determinados saberes.

Esses estudos são relevantes porque a autora nos possibilita pensar sobre o processo que envolve a produção do conhecimento linguístico, apontando para questões fundamentais, como: o movimento de sentidos que se tem de uma época para outra, o sujeito, e as ideias que circulam em determinada conjuntura e que acabam voltando em espaços e momentos outros por meio de outros sujeitos e instituições. No entender da autora, tratar da constituição de determinado saber, no caso da Linguística, é levar em consideração **as condições históricas de produção do saber e de sujeito do conhecimento como parte integrante dessas condições para chegar às normas de cientificidade e alcançar a sua formulação**+(Ibid., p.14).

Desse modo, analisar a prática científica em determinada conjuntura permite-nos ter um entendimento sobre os movimentos e atualização em torno do processo

da produção de conhecimento, em nosso caso, podemos entender a constituição da prática científica em torno da língua portuguesa do/no Brasil. Assim, torna-se possível compreender a constituição da produção de conhecimento sobre a linguagem que precede à institucionalização da Linguística enquanto disciplina, possibilitando-nos compreender também o horizonte de projeção (cf. Auroux, 1992) que se tem após este período dos anos 50, que é a inserção da Linguística nos cursos de Letras, pois como corrobora Guimarães (2004), fazer história das ideias é justamente

acompanhar como certos conceitos, certas noções, certas categorias se constituíram e como ao permanecerem mudaram, ou ganharam contornos específicos. Ou seja, em que momentos encontramos acontecimentos pelos quais um conceito [ou saberes] se constitui, permanece ou se torna outro. (GUIMARÃES, 2004, p.13)

Tendo em vista as noções teórico-metodológicas da AD mobilizadas<sup>24</sup>, buscamos analisar como o objeto de estudo está constituído por uma temporalidade e memória sobre os saberes do campo disciplinar da Linguística, saberes estes que afetam a produção dos estudos sobre a língua portuguesa do/no Brasil dos anos 50. Voltamo-nos a isso, uma vez que poderemos apreender como a historicidade constitutiva da materialidade discursiva em questão aponta para a circulação de uma memória discursiva em torno de nomes e de saberes vinculados à Linguística antes de sua institucionalização acadêmica, ou seja, num espaço/tempo que não é próprio para essa circulação. Logo, estamos considerando, sobretudo, a memória do saber em que o sujeito da ciência se inscreve para constituir essa materialidade, nessa determinada conjuntura sócio-histórica e ideológica.

A partir disso, acreditamos ser possível um entendimento sobre a rede de teóricos, que se vinculam à Linguística, utilizada no processo de produção do conhecimento sobre a linguagem que estamos analisando. Essa rede é pensada aqui como a filiação teórica pela qual o sujeito da ciência é afetado na constituição do seu discurso, filiação esta que resulta das posições e apropriações do sujeito da

---

<sup>24</sup> A principal categoria analítica mobilizada é a de discurso-transverso, trazendo conjuntamente outras categorias que nos auxiliarão nos gestos de leitura, como: memória discursiva, interdiscurso e as condições de produção.

ciência frente à determinação histórica que envolve a prática científica (cf. Pêcheux, 2009 [1988]).

Delesalle & Chevalier (1986) também apontam nessa direção, considerando que o estatuto de um pesquisador, os métodos que adota, os campos que escolhe são amplamente prefixados pelas suas condições sociais e econômicas, condições organizadas num sistema ideológico+ (p.3). Desse modo, ao observarmos as fontes utilizadas, apreenderemos a historicidade que é constitutiva, a qual, por sua vez, aponta para o percurso que o sujeito da ciência faz no processo da constituição da materialidade discursiva em questão.

Diante disso, consideramos que as fontes citadas em nosso objeto de estudo nos permitiram construir relações, ajudando a compreender um pouco a temporalidade presente, e, principalmente, essa conjuntura específica dos estudos sobre a linguagem, que se trata dos anos 50. Segundo Delesalle & Chevalier (Ibid., p.5), toda obra é um conjunto não fechado que busca resolver concomitantemente um conjunto de postulações dificilmente sistematizáveis+, ou seja, uma obra não é estanque, pois se constitui a partir de diferentes discursos, apontando para diferentes tomadas de posições. Esses autores destacam ainda que a reconstrução das fontes presentes no interior de uma obra pode se tornar uma empreitada perigosa+, visto que é preciso não isolar a obra do jogo geral da época, o qual é de extrema complexidade+(Ibid., p. 5).

Para nós, as citações apontam para um jogo de filiações teóricas que se relacionam ao disciplinar da Linguística, cujo saber se faz circular no objeto de estudo mesmo não possuindo um lugar institucionalizado e legitimado academicamente. A questão da institucionalização e legitimação é um ponto central na prática científica, pois envolve, na sua constituição, uma política que traz à tona o que pode e deve ser dito em determinado espaço. No entanto, para que determinada prática científica seja legitimada, como já vimos anteriormente, ela passa por diversos processos, sendo um deles o mecanismo de citação que, no entender de Orlandi (2003, p.14), estabelece uma relação de sentidos, através do qual o sujeito da ciência procura ratificar e, conseqüentemente, legitimar suas ideias.

Tendo esses cuidados com o estudo das fontes e buscando observar as questões salientadas até aqui, selecionamos, primeiramente, a fim de compreendermos como a historicidade está constituída, bem como a forma de circulação de autores e de saberes a que ela remete, os seguintes recortes

discursivos (RDs)<sup>25</sup> da obra *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil, 1ª edição, 1950*. Estes recortes, além de nos apontar para a filiação teórica, apontam para a relação que a obra em questão possui com os saberes da Linguística<sup>26</sup>. Vejamos o quadro a seguir sobre os recortes discursivos da obra A:

---

<sup>25</sup> Os negritos dos recortes do quadro a seguir foram marcados por nós.

<sup>26</sup> Verificamos, no interior da obra A, mais referências a esses autores que estão presentes nos recortes, no entanto selecionamos apenas estes.

## Quadro 1 Ê Recortes Discursivos da Obra A

<p><b>RDa1:</b> Mas a verdade é que a língua, longe de ser um organismo, é um <b>produto social</b>, é uma atividade do espírito humano [...] <b>as línguas seguem o destino de quem as falam</b>, são o que delas fazem as sociedades que as empregam+ (p. 14)</p>
<p><b>RDa2:</b> Mas, assim, depois da brilhante reação de um Schuchardt, um Bréal, um <b>Meillet</b>, invertem-se os papéis, e pode-se afirmar, <b>agora, que a vontade dos homens influi no destino das línguas que falam.</b>+(p.14)</p>
<p><b>RDa3:</b> Desde <b>Saussure</b> pelo menos, sabe-se que a <b>língua é um sistema</b>, rigorosamente conexo, de meios de expressão comuns a um conjunto de sêres. <b>Êsse sistema, que só existe nos indivíduos falantes</b>, tem, entretanto, existência independente deles, porque, tal como outras instituições sociais lhes é imposto. (3) [nota de rodapé: <b>Mj.</b> o <b>Cours de linguistique générale</b>, pág. 30.+]      Apesar disso, porém, cada pessoa tem seu jeito de falar a própria língua, de modo que tantas há quantos são os indivíduos (4) [nota de rodapé: <b>Cf.</b> Vendryes, <i>Le langage</i>, pág. 273.+] É em suma, a oposição: <i>langue</i> (système de moyens d'expression imposé aux individus), <i>parole</i> (exécution de la langue par l'individu) + (p. 18, grifo do autor)</p>
<p><b>RDa4:</b> As seguintes considerações de <b>MEILLET</b>, alusivas ao inglês americano, podiam aplicar-se, quase <i>in totum</i>, ao português culto do Brasil [...]+(p.21)</p>
<p><b>RDa5:</b> Que a linguagem corrente varia de acordo com a classe social e o grau de instrução das pessoas é verdade comezinha. Entretanto <b>Bally</b>, <b>um dos maiores lingüistas atuais</b>, faz questão de frisar: <i>Mais la langage est aussi un fait éminemment social: non seulement c'est un ensemble de symboles capables de classer l'individu socialement, mais il porte aussi la marque des efforts par l'individu pour, s'adapter socialement aux autres individus du groupe.</i> (p. 24, grifo do autor)</p>
<p><b>RDa6:</b> Nada fora de dúvida que me limito a simples apontamentos, pois o assunto . inteiramente virgem . está a pedir o seu <b>BALLY</b>, o seu HENRI BAUCHE. (p.27)</p>
<p><b>RDa7:</b> É que a realidade brasileira, forjada pouco mais ou menos com os mesmos elementos: português, negro e índio, se coaduna, integralmente, com esta afirmação, de <b>Meillet</b>: <b>C</b>e qui caractérise d'abord le dialecte, c'est donc la diversité dans l'unité, l'unité dans la diversité. (<b>La méthode comparative em linguistique historique</b>, p.54). (p. 83, grifo do autor)</p>
<p><b>RDa8:</b> Ora, já <b>Saussure</b>, em lúcidas considerações acerca da evolução lingüística, estabeleceu que ela se processa lentamente+(p.115)</p>
<p><b>RDa9:</b> Além disso, é preciso ter-se na devida conta que o <i>processus</i> pelo qual duas línguas podem entrelaçar-se é a <i>bilingüidade</i>. Neste sentido é preciso ouvir o que nos ensinam dois lingüistas eminentíssimos:      [...] (Eduardo Sapir, <i>Language</i>, págs. 213-4)      [...] (<b>A. Meillet</b>, <i>Linguistique Historique et Linguistique Général</i>, II, pág. 102). (p.147, grifo do autor)</p>
<p><b>RDa10:</b> <b>Cf.</b> êste passo de <b>Millardet</b>: [...] (<i>Linguistique et dialectologie romanes</i>, 1921, pág. 352).+(p.214)</p>
<p><b>RDa11:</b> Assim, a certa altura, o que era da estabilidade passa a desprender-se da massa uniforme e homogênea. Posso mostrar o fato num <b>esquema imitado de Saussure</b>:</p> <div style="text-align: center;"> </div> <p>A intercomunicação freqüente propicia unidade lingüística. Por isso é que, em geral, nos planos a variação dialetal é bem menor que nas montanhas.+(p.215)</p>
<p><b>RDa12:</b> A língua é uma sucessão de fases, de continuidades: <b>cada fase é resultante das anteriores</b>. Ora, viajando para o Brasil, o português foi desarraigado.      Provocou-se, dêsse modo, um <b>desengranzamento de sincronias</b>, do que resultou a <i>ossificação</i> do idioma.+(p. 218).</p>
<p><b>RDa13:</b> Devemos, porém, ao <b>grande dialectologista</b> suíço <b>Jules Gilliéron</b> o extraordinário desenvolvimento a aperfeiçoamento das pesquisas dialetais. Neste pequeno e despretensioso capítulo, não iremos, porém, expor as doutrinas e resultados de <b>Geografia Lingüística</b>, método de pesquisa que ele criou, mas apenas indicar, brevemente, as orientações que devem seguir os pesquisadores dos falares modernos.+(p.225-226)</p>
<p><b>RDa14:</b> Para a formação lingüística do escritor colaboram evidentemente <b>as duas linguagens</b>: por isso como há tempos lembrava <b>Bally</b> [...]+(p.264).</p>
<p><b>RDa15:</b> Agora, portanto, já estávamos em época de <b>reformatar o ensino</b>, apresentando aos estudantes não as opiniões dos gramáticos, mas sim <b>os fatos da língua.</b>+(p. 283)</p>

Podemos dizer, a partir do quadro destacado, que o sujeito da ciência, este pensado como o sujeito que (re)atualiza saberes, na produção científica, para que se tenha, com essa retomada, um avanço científico no domínio a que se inscreve (ver Parte I, seção 1), traz esses estudiosos, que estão em destaque nos recortes, para embasar as questões sobre a língua portuguesa que está em discussão nesta obra. Segundo as formulações da própria obra em questão, essa materialidade é um *livrinho* [que] pretende ser ligeiro resumo de história externa da língua portuguesa no Brasil+ (SILVA NETO, 1950, p.6), procurando-se traçar a evolução da língua portuguesa a partir de uma visão que leva em consideração a formação étnico-social do Brasil.

Esse estudo voltado à língua do/no Brasil coloca à baila a discussão entre a unidade e a diversidade da língua portuguesa do Brasil, discussão essa que também se procura veicular. Tem-se, inicialmente, nessa materialidade, a exposição de algumas considerações sobre a noção de língua, para as quais o sujeito da ciência filia-se, dentre outros estudiosos, em Saussure e Bally. Após, passa-se para a exposição da história externa da língua, mostrando que a língua portuguesa é patrimônio tanto do Brasil quanto de Portugal, língua esta que, ao se fixar no Brasil, passou a estar em contato com as outras línguas que habitavam nesse território, como a africana e a indígena. Diante das peculiaridades do território em questão, a língua portuguesa passou a ter características outras, próprias ao lugar onde estava situada.

Em acordo com Orlandi (2009), consideramos que essas peculiaridades da língua portuguesa resultam do fato de que o português do Brasil *é* uma historicização singular, efeito da instauração de um espaço-tempo particular diferente do de Portugal+ (p.48), fazendo com que se tenha uma nova estrutura na língua, a qual resulta dos sujeitos, dos objetos e da capacidade linguística particular deste espaço-tempo que é o Brasil (p.49).

Com isso, tem-se, na obra A, a questão da história e evolução a que a língua está exposta, as quais apontam para essas novas características, ao longo do tempo, da língua portuguesa que se situa no Brasil. Nesta parte, verifica-se a presença de **Meillet**, através de seus estudos acerca da Linguística Comparativa e Histórica, para enfatizar a questão da relação entre os dialetos, os quais são distintos, porém apresentando uma unidade linguística, unidade esta que é entendida pelo ponto de vista da língua portuguesa. Também, nesta parte, há a

citação de **Saussure** por meio de seus estudos que envolvem a questão histórica e a evolução linguística (ver RDa8 e RDa11) que se verifica no *Curso*.

Tendo em vista essa abordagem histórica em torno da língua portuguesa que a obra procura expor, a língua é concebida como um sistema ligado a um conjunto de falantes, ou seja, enquanto um sistema linguístico, a língua é homogênea, já a fala, por estar ligada aos falantes, e, conseqüentemente, à utilização individual que cada um faz da língua, é heterogênea: *Desde **Saussure** pelo menos, sabe-se que a língua é um sistema, rigorosamente conexo, de meios de expressão comuns a um conjunto de seres. **Esse sistema, que só existe nos indivíduos falantes, tem, entretanto, existência independente deles, porque, tal como outras instituições sociais lhes é imposto.***+(Negritos nossos, RDa3). Para tanto, verificamos a retomada do postulado saussuriano, trazendo a questão da língua e da fala que é veiculada *Desde Saussure*+a partir do *Curso de Lingüística Geral*, porém através da versão em francês deste, pois, como destacamos na seção 3.1, a versão brasileira do *Curso* deu-se somente nos anos 1970<sup>27</sup>.

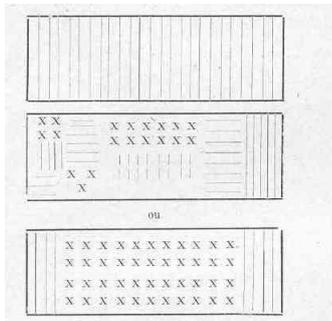
Nos recortes, temos a presença de um dos editores do *Curso*, **Bally**, considerado pelo sujeito da ciência como *um dos maiores lingüistas atuais*+(RDa5). Esse estudioso possui uma relação com o postulado saussuriano pela leitura e interpretação que realizou diante dos manuscritos dos alunos que frequentaram os cursos de Linguística Geral realizados por Saussure no início do século XX. Bally dedicou-se a estudos linguísticos voltados à estilística, o que pode ser visualizado nos recortes (RDa5, RDa14), enfatizando-se, no decorrer da obra, que esse estudioso é uma referência importante no que tange às diferentes formas de linguagem, como: a linguagem familiar, a linguagem vulgar, a linguagem corrente, a língua escrita, a língua falada, etc.

Há também a presença de um dos alunos de Saussure: Meillet, linguista este que se dedicou à Linguística Comparativa e Histórica. Trouxemos recortes que citam esses estudiosos, Meillet e Bally, devido a essa relação que eles tiveram com Saussure e seu postulado, o que nos permite constituir uma rede de filiação a partir dessa base teórica.

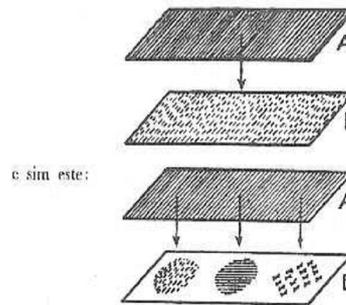
---

<sup>27</sup> O *Curso* é uma obra póstuma, originária da compilação das anotações de alunos que participaram de algumas das aulas realizadas por Saussure em três cursos de Linguística Geral ministradas em Genebra, sendo editada por Charles Bally, Albert Sechehayé, com a colaboração de A. Riedlinger.

Quanto à questão da evolução linguística, observamos que, no discurso em análise, retoma-se Saussure no que se refere às modificações que a língua sofre devido as suas *únicas considerações*+(RDa8) sobre esse assunto. Isso, para esse linguista, relaciona-se à oposição entre a Linguística Evolutiva e a Linguística Estática, as quais, por sua vez, remetem, respectivamente, à diacronia e à sincronia. Acerca da evolução linguística, há o destaque para o fato de que, através dela, tem-se a distinção dos grupos sociais, pois o que *era da estabilidade passa a desprender-se da massa uniforme e homogênea*+(RDa11). Para marcar essa retomada, o sujeito da ciência atualiza, em seu discurso, um esquema semelhante ao que Saussure propôs no *Curso*, como nos mostra o paralelo abaixo:



**Figura 3: Esquema de Serafim da Silva Neto (1950, 1ª edição, p. 215)**



**Figura 4: Esquema de Ferdinand de Saussure (2008, 30ª edição, p. 231)**

Retoma-se esse esquema que Saussure (2008) propôs, principalmente, no que se refere à ação do tempo sobre a língua em determinado território, ou seja, podemos observar que essa ação se relaciona com a questão da diacronia e sincronia, pois esses dois eixos tomam, em especial, o tempo, mas sob perspectivas diferentes. O tempo torna-se, portanto, a partir dos esquemas acima, fundamental para estabelecer a diversidade da língua num mesmo território, em outras palavras, para marcar diferenças dialetais num mesmo espaço geográfico, cujas diferenças são descritas a partir de um olhar sincrônico, todavia resultante de uma evolução, de um estado anterior.

Pensando na questão da língua do Brasil, entendemos que o estudo sobre o eixo sincrônico e diacrônico é fundamental para que se possa compreender a história da língua portuguesa, visto que o *presente estado lingüístico decorre, naturalmente, de estados anteriores*+(SILVA NETO, 1950, p.174). Considerando o

estudo acerca do estado atual da língua portuguesa, na obra A, observamos que ele está relacionado à questão da dialetologia, cuja *%finalidade é registrar o estado lingüístico atual+(Ibid., p.229).*

Os estudos dialetológicos que essa obra considera são diversos, dentre eles os realizados por Antenor Nascentes e Amadeu Amaral. Porém, destacamos, nos recortes, os estudos realizados por Jules Gilliéron, devido à importância deste estudioso para a Geografia Linguística, importância esta que está explicitada nas formulações em análise, como nos aponta o recorte RDa13. Além do sujeito da ciência inscrever seu discurso nessa filiação, observamos que há uma (re)produção de dizeres, pois, por meio do discurso já dado, o sujeito da ciência formula considerações, em seu discurso, acerca do procedimento que se deve ter quando se estuda os falares.

O RDa13 nos é pertinente, porque podemos compreender que o sujeito da ciência não procura apenas retomar em seu discurso o postulado de Gilliéron, mas sim trazê-lo para que se possa articular esses estudos com as questões que envolvem os estudos dialetológicos realizados no Brasil sobre os falares modernos.

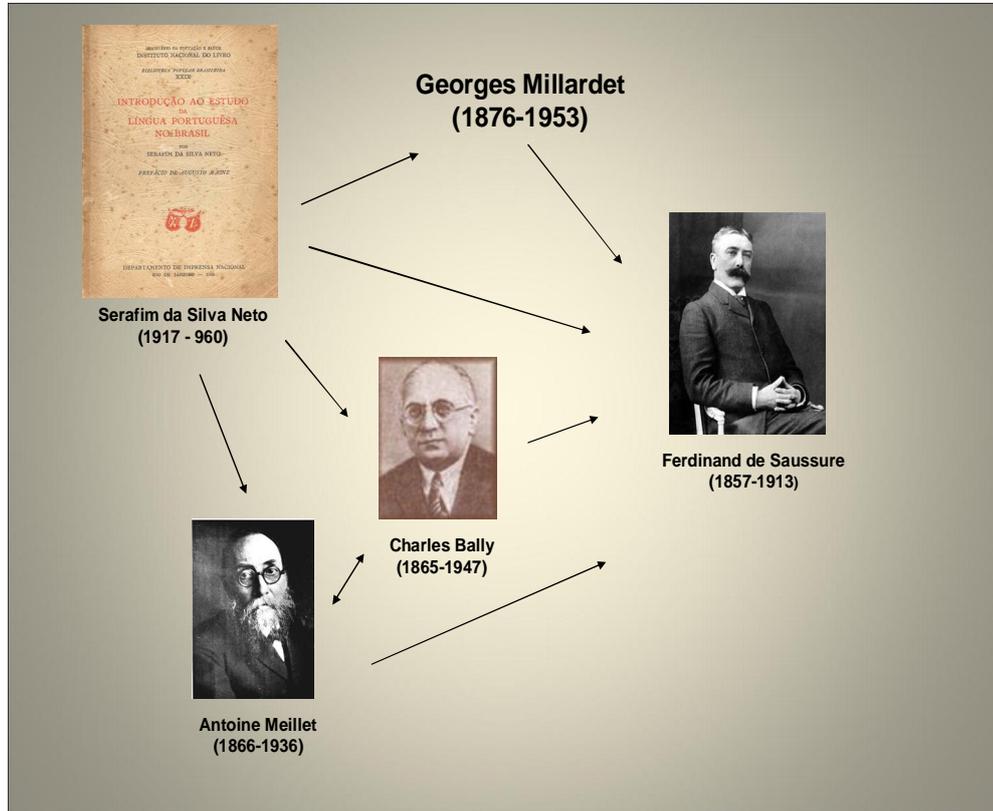
Outro estudioso que destacamos devido à rede de memória e filiação que estamos propondo é Georges **Millardet**, o qual mantém relação tanto com Saussure quanto com Gilliéron. Essa relação teórica de Millardet com a Linguística e a Dialetologia pode ser exemplificada pela obra que é utilizada deste autor: *Linguistique et dialectologie romanes*, 1921 (RDa10); e é por causa dessa relação que suas considerações são importantes para a constituição do discurso em questão, visto que a obra A traz a dialetologia a partir de um viés *%filológico-lingüístico+(cf. Silva Neto, 1950, p.6).*

Considerando o quadro anterior, podemos destacar uma relação entre as fontes/citações<sup>28</sup> da obra A, *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, a partir da figura seguinte. Chegamos a esta figura para mostrar que as citações que destacamos apontam para uma base comum, o estudioso Ferdinand de Saussure, formando, com isso, uma rede de memória e de teóricos que se vinculam aos

---

<sup>28</sup> As imagens das fontes foram acessadas em 13 de jun. de 2010, disponível em:  
 Charles Bally: <<http://www2.unil.ch/slav/ling/recherche/ENCYCL%20LING%20RU/VINOKUR/photo.jpg>>;  
 Ferdinand de Saussure: <<http://thatsnotit.files.wordpress.com/2007/05/saussure.jpeg>>;  
 Antoine Meillet: <<http://titus.uni-frankfurt.de/personal/galeria/meillet.jpg>>;  
 Serafim da Silva Neto: <<http://www.alib.ufba.br/grandesnomes.asp>>.

saberes pertencentes ao campo disciplinar da Linguística por uma filiação no postulado saussuriano:



**Figura 5** É Rede de Filiações da Obra A

Pensamos a figura acima com o objetivo de visualizar a rede de memória que se constitui a partir das citações que estão na formulação da obra A, sendo, por isso, que colocamos setas que partem dessa materialidade. Estas setas apontam para os teóricos que selecionamos para constituir os recortes discursivos de nossa análise, estando estes vinculados à perspectiva Linguística, como vimos destacando. Além dessas setas que partem da obra e chegam aos teóricos destacados, buscamos relacioná-los ao postulado saussuriano por setas que partem dos teóricos e chegam à Saussure. Também trazemos setas que indicam reciprocidade (↔) para destacar a relação recíproca entre alguns estudiosos.

Após essas considerações acerca dos recortes realizados até o momento, traremos os recortes da obra B, *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*<sup>29</sup>, 1ª edição, de 1956, através do próximo quadro:

---

<sup>29</sup> Os negritos nos recortes da obra B foram marcados por nós.

## Quadro 2 - Recortes Discursivos da Obra B

<p><b>RDb1:</b> Assim compreendida, é a Filologia Portuguesa estudo que exige preparação longa e difícil. Em primeiro lugar, tão minucioso e completo quanto possível, o conhecimento prático da língua. Depois, <b>os princípios básicos da Lingüística, com que se há de orientar os estudos científicos</b> [...].+(p.14)</p>
<p><b>RDb2:</b> Para terminar, diremos que há duas disciplinas intimamente relacionadas com a Filologia Portuguesa. Trata-se da <i>Filologia Latina</i>, que estuda cientificamente o latim (baseado estudos das línguas românicas) e da <b>Lingüística Geral(3), ciência de princípios gerais, aplicáveis a quaisquer línguas</b>, que serve de preparação inicial.+ [em nota de rodapé, referindo-se à Lingüística Geral:] (3) São de imprescindível leitura os livros de <b>J. MATTOSO CÂMARA JR.</b> <i>Princípios de Lingüística Geral</i>, ed., 1954 e <b>SÍLVIO ELIA</b>, <i>Orientações da Lingüística moderna</i>, Rio, 1954.+(p. 16)</p>
<p><b>RDb3:</b> Hoje, porém, êsse risonho ideal está afastado: <b>como acertadamente assevera Meillet</b> [em nota de rodapé: <b>La méthode comparative em Linguistique Historique</b>, 1925, pág. 15.+(p. 17)]</p>
<p><b>RDb4:</b> Certo é que, <b>como pondera Saussure</b> [em nota de rodapé: <b>Cours de Linguistique Général</b>, 1931, pág. 306-] quatro linhas escritas nesse enigmático idioma chegam para nos mostrar que o povo que o falava era absolutamente distinto do grupo étnico que falava latim. O etrusco é até hoje uma esfinge.+(p.18)</p>
<p><b>RDb5:</b> As línguas são o que delas fazem as sociedades em que as empregam; a vontade dos que as falam intervém, contribuindo para o seu destino. escreveu <b>Meillet em um dos seus mais apreciados livros (1).</b>+ [nota de rodapé:] <b>Les langues dans l'Europe nouvelle</b>, 1928, pág.VII. (p.20)</p>
<p><b>RDb6:</b> Meillet, um dos maiores representantes da lingüística moderna, assevera: [...].+(p.22)</p>
<p><b>RDb7:</b> [...] Por isso <b>luminosamente acentuou Meillet</b> que tôda unidade lingüística se baseia numa unidade de civilização e que o latim começou a desagregar-se à medida que a civilização romana se enfraquecia e empobrecia.+(p.40)</p>
<p><b>RDb8:</b> A língua é, pois, <b>um fato social</b>, e a <b>Lingüística é inseparável da história da civilização e da cultura.</b>+(p.62)</p>
<p><b>RDb9:</b> O estudo de uma determinada fase da língua, tal como se faz na gramática expositiva, por exemplo, pode comparar-se a uma fotografia. Mas, <b>a par dessa observação sincrônica</b>, podemos encarar globalmente o conjunto das fases de uma língua, traçando-lhe a história, desde a origem até a fase atual. Trata-se, neste caso, de <b>estabelecer uma série de cadeias, ou de sincronias</b>, tarefa que lembra o desenrolar de um filme. <b>Esse estudo diacrônico é indispensável ao conhecimento da língua.</b> Êle ensina-nos de tudo: tocado pela sua varinha mágica, cada vocábulo nos conta a própria história, cada forma repassa por todas as metamorfoses. e, aos poucos, surgem na sua constância e regularidade as normas que presidiram à evolução do latim. [...] [em nota de rodapé:] Essa diferença entre <b>sincronia e diacronia</b> foi <b>estabelecida pelo lingüista genebrino FERDINAND DE SAUSSURE</b> [...].+(p.63, grifo do autor)</p>
<p><b>RDb10:</b> Interpretadas à luz do <b>estruturalismo</b>, traduzem ambas o mesmo perpétuo movimento do <i>sistema lingüístico</i> em busca de <i>harmonização</i> e do <i>equilíbrio</i>.+(p.76)</p>
<p><b>RDb11:</b> Poder-se-á, pois chegar à <b>prudente conclusão de Meillet</b>: [...].+(p.78)</p>
<p><b>RDb12:</b> [em nota de rodapé:] [p.] <b>Millardet</b>, <i>Ling.et dial. romanes</i>, 290 e ss.+(p.82)</p>
<p><b>RDb13:</b> Vejamos o que diz <b>Millardet</b> [...].+(p. 85)</p>
<p><b>RDb14:</b> Cai a talho de foice uma citação de <b>Meillet</b>. Ensina o <b>brilhante lingüista</b>: [...].+(p.85)</p>
<p><b>RDb15:</b> <b>MILLARDET</b> é mais incisivo ainda, quando assevera: [...].+(p.88)</p>
<p><b>RDb16:</b> A respeito do português do Brasil existe a classificação fonemática da linguagem coloquial terna do Rio de Janeiro devido ao <b>Prof. J. Mattoso Câmara Jr.</b>, exposta no seu livro <i>Para o estudo da fonemática portuguesa</i>, Rio, 1952. [...].+(p.95)</p>
<p><b>RDb17:</b> Desde o princípio deste século, graças aos estudos de um Vossler, um Spitzer, um <b>Bally</b>, entre outros, desenvolveram-se os conhecimentos relativos ao estilo e, conseqüentemente, à <b>Estilística</b>.+(p.164)</p>
<p><b>RDb18:</b> <b>Saussure</b> é do mesmo parecer, pois escreve: [...].+(p.134) [No entanto, em nota de rodapé tem-se sobre Saussure:] A verdade que o grande lingüista é muito radical do que eu, pois não admite formas alotrópicas [...]. <b>Saussure</b> não aceita nem os empréstimos dialetais, o que, salvo o devido respeito, me parece exagero.+(p.135)</p>
<p><b>RDb19:</b> O bom método filológico é tudo. Só <b>abroquelados na moderna ciência lingüística</b> é que os estudiosos podem marchar em terra firme e fecunda.+(p. 210)</p>

A obra B possui, de acordo com o que nos destaca Sílvio Elia (1956, p.135, grifo do autor), %substanciosas referências de ordem bibliográfica, pois o Autor é reconhecidamente um *scholar* cioso da importância que têm para o cientista fontes de informações seguras e abundantes+. Na própria formulação da materialidade em estudo, podemos observar como o sujeito da ciência identifica-se com as referências que traz: %Os livrinhos aqui apontados não têm a pretensão de formar bibliografia citei apenas aqueles que mais úteis e indispensáveis me pareceram.+(SILVA NETO, 1956, p.54, grifo do autor). Assim, procuramos trazer, nos recortes do quadro 2, algumas dessas importantes referências e, atentando a elas, observamos algumas regularidades com relação à obra A.

Essa questão das regularidades discursivas presentes na formulação de uma materialidade discursiva aponta para o funcionamento do discurso a partir da historicização desses saberes inerente a sua constituição (SCHERER, 2005). Com isso, é possível entender a presença de uma filiação teórica comum em nosso objeto de estudo, porém analisamos que, na obra B, há uma maior referência de estudiosos brasileiros que se vinculam ao disciplinar da Linguística.

Trazendo algumas considerações para descrever os recortes realizados, podemos visualizar o caráter científico configurado à Linguística, na formulação do discurso em análise: %os princípios básicos da Lingüística, com que se há de orientar os estudos científicos+(RDb1). Segundo Ferreira (2009, p. 55), este caráter científico dado à Linguística é devido ao fato de que %o nome Lingüística, desde o século XIX, esteve sempre sustentado por este efeito de cientificidade: um pré-construído bastante produtivo até os dias de hoje+.

Também há o destaque para o fato de que a Filologia não se interessa apenas por uma perspectiva diacrônica, visto que %p.a.] a Filologia abrange, além da perspectiva histórica da língua, até os assuntos puramente sincrônicos, isto é, descrições de estudos de língua+(SILVA NETO, 1956, p.16). Com isso, entendemos que, mesmo a perspectiva diacrônica sendo predominante, há também um olhar sincrônico nos estudos que se realizavam em torno da língua portuguesa, e, conseqüentemente, na produção do conhecimento linguístico dessa conjuntura.

Com relação às referências a estudiosos brasileiros, temos a presença de **Mattoso** e **Sílvio Elia**, os quais se inscrevem na discursividade por meio dos livros: *Princípios de Lingüística Geral*, ed., 1954 e *Orientações da Lingüística moderna*, Rio, 1954, respectivamente (ver RDb2). Esses livros são importantes no que tange à

institucionalização da Linguística no Brasil, sendo considerados *o grande lingüista* (RDb2), apontando para a importância desta perspectiva por meio de estudos locais, e mostrando que, no contexto brasileiro, já se verificava uma prática científica em torno dos estudos linguísticos.

Tem-se ainda a presença de Mattoso com seus estudos sobre a fonemática a partir de um viés descritivo, e, portanto, linguístico (ver RDb16). Estabelecendo uma comparação com a obra A, não verificamos nesta a presença desses estudiosos brasileiros, o que nos aponta para os movimentos de sentidos e para as diferentes filiações a que os estudos sobre a linguagem estão vinculados em cada momento em específico devido às diferentes condições de produção.

Como na obra A, verificamos a presença de **Meillet**, referência esta que está destacada por um aposto que o caracteriza como *um dos maiores representantes da lingüística moderna* (RDb6). Se atentarmos aos recortes que fazem referência a Meillet, podemos perceber que ele é citado quase sempre positivamente, como: *prudente conclusão de Meillet* (p.78), *o célebre Meillet escreve* (p.69), *ensina o brilhante lingüista* (p.85), *abertamente acentuou Meillet* (p.40), *como acertadamente assevera Meillet* (p.17). Isso aponta para o fato de que há a identificação do sujeito da ciência com as considerações desse estudioso, trazendo-o como uma fonte que acredita ser importante e que vai ao encontro do que está expondo.

Também, tem-se a presença de **Bally** com seus estudos sobre a Estilística (ver RDb17), que são muito importantes para a questão das diferenças entre as falas dos indivíduos, relacionando-se, em nosso entendimento, de certo modo com a Dialetoлогия, que visa aos diferentes falares existentes num mesmo território, diferenças essas decorrentes de determinados fatores.

Igualmente à obra anterior, temos a citação de **Saussure** para destacar, principalmente, a questão da diacronia *versus* sincronia, bem como a questão dialetal. Com relação a esta questão, o RDb18 permite-nos compreender que o sujeito da ciência, mesmo identificando-se com o discurso saussuriano, procura não só retomar, mas principalmente trazer outra posição acerca do que retoma: *o grande lingüista é muito radical do que eu, pois não admite formas alotrópicas [...]. Saussure não aceita nem os empréstimos dialetais, o que, salvo o devido respeito, me parece exagero.* (p.135). Ou seja, atravessa o já dito na constituição do discurso, mas se posicionando diante desse já dado, não se

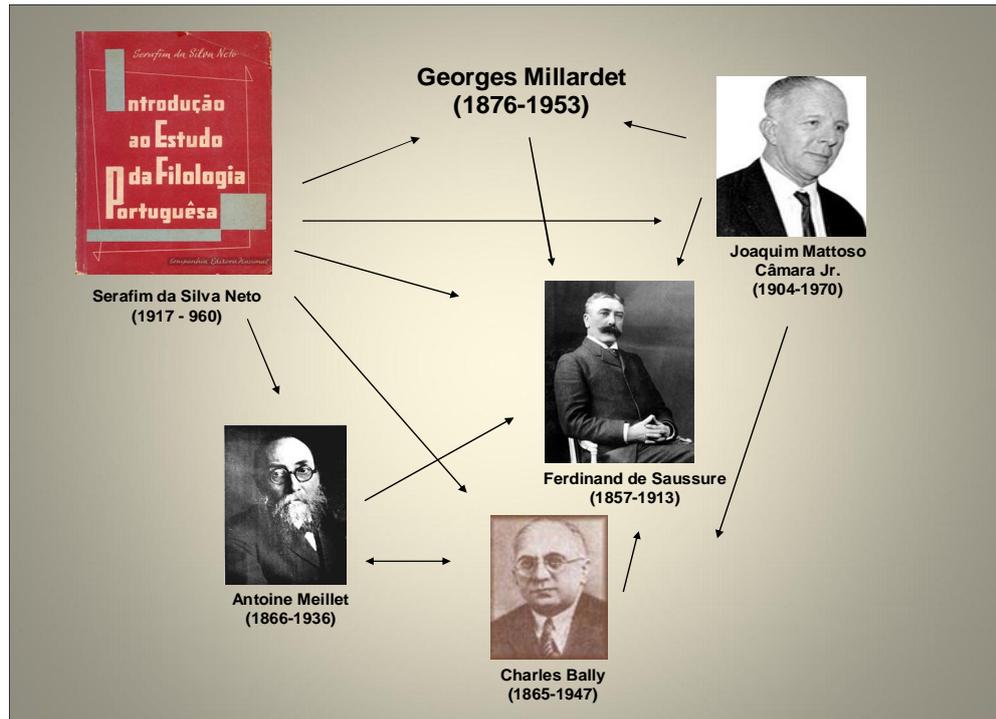
tratando, pois, de uma mera retomada, mas de uma (re)produção a partir do que está posto.

Podemos dizer que a presença de Saussure, por meio desses conceitos, vai ao encontro do momento sócio-histórico que envolve os estudos sobre a linguagem, uma vez que, como corroboramos na seção 3.1, tem-se a criação, em 1955, do Centro de Dialetologia, cujos estudos passam a estar vinculados a uma perspectiva sincrônica, e, em 1958, a criação do Setor Linguístico (cf. Altman, 2004). Outra referência importante na constituição da obra B e que mostra esta relação tanto ao viés da Linguística quanto ao da Dialetologia é a de **Millardet** com a sua obra *Lingüística e dialetologia romana*.

A partir dos recortes que fizemos até aqui, podemos trazer a seguinte figura das fontes/citações referente à obra B, *Introdução aos Estudos da Filologia Portuguesa*, a qual, se comparada com a da obra A, aponta para a mesma rede com a base comum que estamos propondo, tendo como diferença a presença de Mattoso<sup>30</sup>. O funcionamento das setas da figura abaixo é o mesmo da figura anterior (fig. 5), tendo como diferença a relação que Mattoso estabelece não só com Saussure, mas também com Millardet e Bally:

---

<sup>30</sup> A imagem de Joaquim Mattoso Câmara Jr. está disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xicnlf/homenageado.htm>>. Acessado em: 13 de jun. de 2010.



**Figura 6 - Rede de Filiações da Obra B**

Tecendo alguns gestos analíticos sobre as fontes presentes nas duas obras, podemos observar, considerando os recortes discursivos realizados, que a presença de Saussure, com o *Curso de Lingüística Geral*, está fortemente marcada por conceitos basilares de seu postulado. Como vimos, está inscrita, na constituição do discurso em análise, a obra original, em francês, do *Curso*, fazendo, no contexto brasileiro dos anos 50, circular o postulado saussuriano, todavia, em lugares outros, não sendo no campo da Linguística, propriamente dita. Ou seja, há, na esfera acadêmica de estudiosos de questões sobre a linguagem, a presença/referência a Saussure, o que é um grande passo para a divulgação e futura circulação desse campo disciplinar.

Saussure é citado, especialmente, pelo *Curso*, a partir de noções fundamentais que ele sistematizou, como língua e fala, sincronia e diacronia. No entanto, as noções retomadas estão sob outro viés, o da perspectiva filológica, a qual predominava até então, sobretudo, nas faculdades da época. Diante disso, essas noções ganham, no decorrer dos anos 50, considerando os dois momentos que se referem às edições do nosso objeto de estudo, um funcionamento que mostra uma relação entre a Filologia e a Linguística.

Ao inscrever o discurso científico em análise, que pertence ao domínio da Filologia, em filiações que se vinculam ao domínio da Linguística, podemos compreender que o sujeito da ciência busca uma articulação entre esses domínios, articulação esta que se dá a partir da citação de autores e conceitos que se vinculam aos saberes da Linguística. Essa articulação inicial irá apontar para uma sustentação a esses saberes na constituição do discurso científico em questão, sustentação esta que visa ao avanço dos estudos em torno da língua portuguesa no Brasil.

Nesse sentido, há, a partir de algo já instituído, que está no nível do pré-construído, da exterioridade (cf. Pêcheux, 2009 [1988]), que é o postulado saussuriano, com uma obra considerada importante para a ciência Linguística, o *Curso de Lingüística Geral*, uma sustentação nesse domínio de saber para o que se está propondo. Desse modo, antes da obrigatoriedade da Linguística, no contexto acadêmico brasileiro, já se buscava introduzir esse novo olhar sobre os estudos que se realizavam, apontando para a importância dos saberes desse campo disciplinar.

Embora desde final dos anos 30, no Brasil, já se tinha interesse pela Linguística, esta perspectiva possuiu um lugar secundário por vários anos, sendo somente nos anos 50 que o cenário dos estudos sobre a linguagem começou a se modificar, apresentando discussões sobre a importância da Linguística nos cursos superiores (cf. Parte I, seção 3.1). Dentre os estudiosos que defendiam a importância da Linguística, também estava Serafim da Silva Neto.

Atentando às referências citadas destacadas por nós, em nosso objeto, podemos dizer que a base comum da rede de teóricos que propomos, é decorrente do fato de que o sujeito da ciência ancora-se em Saussure, Meillet, Bally, apontando para uma filiação teórica entre esses estudiosos, visto que Meillet foi aluno de Saussure e Bally editor de seu postulado, ambos seguindo a perspectiva Linguística, embora cada um a partir de um lugar em específico: a linguística comparativo-histórica e a estilística, respectivamente.

Além dessa relação entre mestre e discípulos, há também a relação do postulado saussuriano com o professor francês Millardet. Este, quando esteve no Brasil, difundiu essas ideias europeias, afetando principalmente Mattoso, o qual irá sofrer também influências dos estudos norte-americanos propostos por Sapir. Ou seja, referindo-se, agora, somente a obra B, observamos uma relação teórica entre

Saussure, Meillet, Bally, Millardet e Mattoso, pois são estudiosos que vinculam seu discurso sobre os estudos da linguagem à perspectiva Linguística.

Essa rede proposta por nós apresenta, pois, uma filiação europeia na constituição de nosso objeto de estudo e, ao se ter a retomada de diferentes teóricos, como apresentam os recortes, podemos dizer que a produção do conhecimento não é estanque, mas constituída por diferentes discursos, mostrando que o ato de saber (produção de conhecimento) não é ele mesmo algo sem relação com a temporalidade (AUROUX, 2008, p. 141).

Temos diferentes épocas constituindo a temporalidade inerente ao processo discursivo analisado, e, principalmente, a historicidade do objeto analítico, bem como contextos distintos: o europeu e o brasileiro. Um ponto interessante, pensando na época da edição das obras em estudo, é que se procura dar visibilidade, no início dos anos 50, a estudiosos estrangeiros, fato esse que pode ser decorrência da conjuntura peculiar que se vivia nos anos 40. Sobre essa conjuntura verificamos um trecho, no interior da obra A, que nos aponta para as dificuldades a que as publicações desse período estavam expostas: *%) Mas circunstâncias várias fizeram com que o livro até agora não tenha visto a luz do dia* (SILVA NETO, 1950, p.9, grifo nosso).

Além disso, é importante salientar que as condições de produção desse momento estão marcadas ainda por um período nacionalista, afetado pelos efeitos do Estado Novo e pela discussão em torno da denominação da Língua Nacional do Brasil. Essa discussão faz parte da Assembléia Constituinte de 1946<sup>31</sup>, contudo ela tem seu início desde os anos 30 (cf. Dias, 1996). Um pouco dessas condições de produção podem ser compreendidas pelo prefácio da obra, bem como pelo seu título: *Introdução aos Estudos da Língua Portuguesa no Brasil*, cujo título indica qual a denominação que prevaleceu nessas discussões e levando em consideração que se trata da língua portuguesa situada no Brasil. O prefácio<sup>32</sup> da obra é assinado por Augusto Magne e diz o seguinte:

Um mérito, nomeadamente, avulta, a meu ver, no belo trabalho do Dr. Serafim, valorizado por uma circunstância . **o mérito de se não ter ele inspirado em apaixonadas ideologias partidárias que, falseando, no estudioso, a clara visão objetiva dos fatos, levam,**

<sup>31</sup> O projeto apresentado à Assembléia Constituinte de 1946 está presente no livro *Os Sentidos do Idioma Nacional* de Luiz Francisco Dias, 1996.

<sup>32</sup> Negritos e sublinhados nossos.

**por isso mesmo, a conclusões imprecisas e arbitrarias; - a circunstancia de ter saído a público em hora oportuna. Quando se vão extinguindo entre nós os derradeiros ecos de ruidosas discussões em torno do idioma nacional, o Dr. Serafim, com perspicaz clarividência e a imperturbável serenidade do sábio alheio ao rebuliço de paixões transitórias, assenta o problema sólido fundamento dos fatos e, à luz da etnografia e da evolução histórico-social do povo brasileiro, delinea com firmeza e nitidez as características que individualizam no Brasil, em ambiente diverso, o formoso idioma do velho Portugal. Serena, objetiva, conscienciosa e sutil, a contribuição do jovem professor patrício com certeza há de desvanecer preconceitos e dissipar ignorâncias. (SILVA NETO, 1950, p.4, grifo nosso)**

Já na obra B, procura-se trazer à baila um estudo filológico acerca da evolução das línguas românicas, em especial, da língua portuguesa. Esse estudo proposto envolve a relação entre o estado atual da língua com os estados anteriores, ou seja, busca-se primeiramente um olhar sincrônico para depois trazer o olhar diacrônico daquele estado da língua que está em questão. Essa relação entre a sincronia e a diacronia observada nesta obra inscrita no domínio da filologia românica, pode estar atrelada ao fato de que, neste período em que a obra foi editada, os estudos sobre a linguagem que se vinham fazendo passam por modificações, envolvendo, especialmente, a importância que os estudos linguísticos ganham perante aos estudos filológicos (cf. Altman, 2004).

Além dessas modificações, entendemos que é somente em meados dos anos 50 que se tem a alusão mais intensificada a estudiosos situados no Brasil, como Millardet e, em especial, a Mattoso, que faz parte do contexto brasileiro. Isto quer dizer que a circulação dos pensamentos locais ganham maior espaço no decorrer dos anos 50, observando-se uma maior visibilidade sobre as questões/estudos realizadas no contexto brasileiro. Diante disso, o nosso objeto de estudo apresenta filiações diferenciadas no início e meados dos anos 50.

Nesse sentido, é considerando a importância do viés linguístico, que se procura dar novos contornos aos estudos propostos, tanto referentes aos estudos que focam, especificamente, a questão da história da língua portuguesa do Brasil, como é o caso da obra *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, quanto aos referentes à filologia portuguesa, como é caso da obra *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*. A respeito da finalidade desta obra, o próprio prefácio nos indica que:

Êste livro pretende, pois, dar uma idéia de alguns dos principais temas da Filologia Portuguesa. Destina-se quer aos estudantes de Letras das nossas faculdades de Filosofia, quer aos Professôres de Língua Portuguesa e interessados em geral.

Buscará, dêsse modo, divulgar noções e doutrinas; não é de surpreender, por isso, que o A. tenha tido especial cuidado em trazer fartas indicações bibliográficas. Não se esqueça, contudo, de que se trata de uma introdução e não de uma enciclopédia.+(SILVA NETO, 1956, p.8)

Diante das considerações que destacamos nessa seção, podemos dizer que no discurso em análise, filiado a uma perspectiva filológica, inscrevem-se saberes vinculados ao domínio da Linguística, considerado, na época, divergente do domínio que predominava. Ou seja, mesmo havendo embates entre a Filologia e a Linguística, tem-se, na discursividade em análise, a presença desses dois domínios considerados distintos por meio da sustentação em teóricos vinculados ao campo disciplinar da Linguística. Essa sustentação ocorre, pois, num espaço-tempo que, por regra, seria predominantemente de ideias filológicas, sendo um modo de fazer circular os saberes da Linguística para, com isso, sinalizar à sua importância, bem como à necessidade de um espaço institucional.

Logo, há, no objeto desse estudo, o atravessamento do campo disciplinar da Linguística através da co-presença de estudiosos inscritos nesse lugar teórico. Além disso, essa co-presença nos permitiu compreender a temporalidade constitutiva do processo discursivo em questão, compreendendo o percurso que o sujeito da ciência mobiliza na constituição discursiva, bem como a memória que, conseqüentemente, afeta o sujeito e os sentidos. Na seção seguinte, nossos gestos de leitura voltam-se, em especial, ao atravessamento e à articulação dos saberes da Linguística, que buscamos compreender tendo em vista o funcionamento do discurso-transverso.

### **3. Atravessamento e articulação de saberes na produção do conhecimento sobre a língua portuguesa dos anos 50 no Brasil: algumas considerações.**

É importante ressaltar que, para o desenvolvimento de nossos gestos analíticos, reportamo-nos ao estudo realizado por Pêcheux (2009 [1988]) acerca do discurso-transverso. No entanto, esse estudo que Pêcheux propõe refere-se a um estudo analítico a partir de proposições e asserções, estudando o funcionamento, especialmente, das orações relativas. Em nosso estudo, estamos propondo recortes discursivos, através dos quais buscamos analisar como o discurso científico dos anos 50 é atravessado pelo campo disciplinar da Linguística. Esse atravessamento e a articulação de saberes estão sendo tomados por nós não a partir das orações relativas como Pêcheux propõe, mas a partir da presença de teóricos e saberes da Linguística nos recortes discursivos realizados. Estudamos, portanto, o atravessamento e a articulação que estão na formulação discursiva, colocando em funcionamento, em sua constituição, esse outro domínio de saber<sup>33</sup>.

Procurando lançar gestos analíticos sobre os recortes (ver seção anterior), os quais nos são determinantes para compreender o atravessamento de saberes no discurso científico analisado, consideramos que eles apontam para a presença de uma articulação entre os saberes filológicos, que predominam na FD a que o sujeito da ciência se inscreve, e os saberes da Linguística, especialmente, a partir da figura de Ferdinand de Saussure e de seu postulado, bem como dos saberes em torno da dialetologia, os quais se vinculam ao viés linguístico.

Como já destacamos, o lugar em que o sujeito da ciência se inscreve, ou seja, a posição ideológica a que seu discurso está filiado *a priori*, por assim dizer, é a dos saberes filológicos, os quais configuram a FD em que a materialidade discursiva analisada se inscreve. Através dos recortes destacados na seção anterior, podemos compreender que não há uma posição estanque do sujeito, visto que há a inscrição em outros lugares, para o lugar do já dito, ou seja, tem-se a co-presença de estudiosos e saberes na constituição do discurso em questão.

---

<sup>33</sup> Não nos referimos a proposições e asserções neste estudo de dissertação, pois pretendemos desenvolver analiticamente essa questão do discurso-transverso em um futuro trabalho de tese. Nesse estudo, tomamos a categoria analítica de discurso-transverso, pois consideramos que ela nos permite compreender o atravessamento de saberes no processo discursivo, esboçando um início analítico.

Essa co-presença remete também à historicidade e ao atravessamento de saberes constitutivos do discurso em questão. Esses saberes que estamos considerando nos recortes referem-se à retomada de conceitos ou noções que se ligam ao campo disciplinar da Linguística e que estão colocados em funcionamento no discurso sobre a língua portuguesa que está em análise. Ao retomar esses saberes, o sujeito da ciência articula-os na formulação discursiva, apontando para a heterogeneidade do discurso e para a filiação a outros domínios.

Analisando os recortes colocados até aqui, podemos trazer, principalmente, a articulação dos saberes propostos no *Curso*, como: *% Língua é um produto social+* (RDa1), *% Língua é, pois, um fato social+*(RDb8). Os recortes realizados apresentam a retomada de conceitos fundamentais que estão sistematizados no *Curso*, como: língua e fala (RDa1, RDa3, RDa8), sincronia e diacronia (RDa11, RDa12, RDb9). Observamos que essa retomada pode nos apontar para a configuração do atravessamento de saberes do campo disciplinar da Linguística no objeto de estudo, sendo compreendido pela mobilização da noção de discurso-transverso, pois o sujeito da ciência articula esses saberes de outro domínio ao seu discurso. Em nosso entendimento, essa constituição do discurso por meio de saberes de diferentes domínios ocorre devido à conjuntura em que as obras em estudo se inscrevem, sendo, portanto, as práticas científicas determinadas historicamente.

O retorno ao postulado saussuriano aponta para uma ancoragem nos saberes sobre o campo disciplinar da Linguística. Essa ancoragem ou sustentação que estamos considerando é decorrente do fato que se pode verificar na formulação e constituição discursiva uma retomada que faz parte da discussão que o sujeito da ciência está propondo, ou seja, essa ancoragem e articulação ajudam a fundamentar as ideias que constituem o sujeito da ciência, e, por conseguinte, seu discurso. Isso pode ser observado a partir dos seguintes recortes:

<p><b>RDa3:</b> Desde <b>Saussure</b> pelo menos, sabe-se que a <b>língua é um sistema</b>, rigorosamente conexo, de meios de expressão comuns a um conjunto de seres. <b>Esse sistema, que só existe nos indivíduos falantes</b>, tem, entretanto, existência independente deles, porque, tal como outras instituições sociais lhes é imposto. (3) [nota de rodapé: %j. o <b>Cours de linguistique générale</b>, pág. 30.†]</p> <p>Apesar disso, porém, cada pessoa tem seu jeito de falar a própria língua, de modo que tantas há quantos são os indivíduos (4) [nota de rodapé: %f. Vendryes, <i>Le langage</i>, pág. 273.†]. É em suma, a oposição: <i>langue</i> (système de moyens d'expression imposé aux individus), <i>parole</i> (exécution de la langue par l'individu) † (Negritos nossos, p. 18)</p>	<p><b>RDb9:</b> O estudo de uma determinada fase da língua, tal como se faz na gramática expositiva, por exemplo, pode comparar-se a uma fotografia. Mas, <b>a par dessa observação sincrônica</b>, podemos encarar globalmente o conjunto das fases de uma língua, traçando-lhe a história, desde a origem até a fase atual. Trata-se, neste caso, de <b>estabelecer uma série de cadeias, ou de sincronias</b>, tarefa que lembra o desenrolar de um filme.</p> <p><b>Esse estudo diacrônico é indispensável ao conhecimento da língua.</b> Ele ensina-nos de tudo: tocado pela sua varinha mágica, cada vocábulo nos conta a própria história, cada forma repassa por todas as metamorfoses . e, aos poucos, surgem na sua constância e regularidade as normas que presidiram à evolução do latim. [...]</p> <p>[em nota de rodapé:] Essa diferença entre <b>sincronia e diacronia</b> foi estabelecida pelo lingüista genebrino <b>FERDINAND DE SAUSSURE</b> [...]+(Negritos nossos, p.63)</p>
---	--

Analisando, especificamente, os dois RDs acima, podemos verificar as ideias que o postulado saussuriano sistematizou aos estudos linguísticos, pois há o atravessamento da noção de língua que passa a ser considerada *desde Saussure*, a qual, devido as suas características, tornou-se o objeto da ciência Linguística: **Desde Saussure pelo menos, sabe-se que a língua é um sistema, rigorosamente conexo, de meios de expressão comuns a um conjunto de seres**+ (RDa3, grifo nosso).

Além dessa conceituação da língua, no recorte RDa3, há também a noção de fala, que aponta para o caráter heterogêneo da língua, o qual está marcado por dois elementos linguísticos: **Apesar disso, porém**† e, se atentarmos a eles, perceberemos que, normalmente, ou melhor, do ponto de vista gramatical, eles indicam uma oposição, uma ideia contrária, isto é, instauram o caráter dicotômico desses conceitos que pertencem ao campo da Linguística. No entanto, esses elementos linguísticos parecem não estar funcionando apenas como uma oposição entre a língua e a fala, mas também funcionam como um acréscimo de ideias, de saberes, pois podemos dizer que a língua, enquanto sistema, está inscrita num viés linguístico, e a fala inscrita num viés voltado à estilística e à dialetologia.

Essa questão da fala pode ser entendida a partir dos estudos de Bally, os quais enfatizam as diferenças na linguagem em função de determinados fatores. Essas diferenças, por meio dos estudos da estilística, podem se relacionar aos estudos dialetológicos, pois estes visam aos estudos dos falares, às diferenças existentes entre eles devido a fatores condicionantes. Com isso, consideramos que

há também uma sustentação de saberes não só no campo disciplinar da Linguística, mas também na Estilística e na Dialetologia.

Além de se reportar ao conceito que configurou à Linguística seu caráter científico, há a articulação de outra dicotomia importante do postulado saussuriano, a diferença entre sincronia e diacronia, como nos mostra o RDb9: *Essa diferença entre sincronia e diacronia foi estabelecida pelo lingüista genebrino FERDINAND DE SAUSSURE [...]*+(citação localizada em nota de rodapé, p.63, grifo nosso).

Entendemos que há essa articulação dos saberes da Linguística no discurso científico em questão, porque o sujeito não faz uma simples menção a essas ideias que ele retoma. Ele toma essas asserções na constituição de seu discurso, trazendo não só os saberes da perspectiva filológica, mas também fazendo circular e dando visibilidade aos saberes da Linguística. Assim, podemos dizer que o sujeito da ciência procura colocar em relação esses dois campos disciplinares, posições estas que passam, pois, a constituir o sujeito e a produzir efeitos de sentidos na discursividade.

Essa questão pode ser exemplificada pelo RDb2 (ver seção anterior, quadro 2): *há duas disciplinas intimamente relacionadas com a Filologia Portuguesa. Trata-se da Filologia Latina, [...] e da **Lingüística Geral(3), ciência de princípios gerais, aplicáveis a quaisquer línguas, que serve de preparação inicial***+(grifo nosso). A presença de discursos outros que já estão postos na ordem do interdiscurso, configurando o domínio do pré-construído, aponta para o fato de que a produção do conhecimento sobre a linguagem está sujeita, conforme Auroux (1992), a um jogo de projeções, estas podem ser vistas sob a perspectiva do horizonte de retrospecção ou sob o horizonte de projeção, pois

o ato de saber, possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospecção, [...] assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com freqüência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber. (AUROUX, 1992, p.11)

Nos recortes realizados, observamos, especialmente, a presença deste horizonte de retrospecção proposto por Auroux, por meio do qual o sujeito da ciência

organiza os saberes que pertencem ao campo disciplinar da Linguística, retomando-os e articulando-os na formulação discursiva dos estudos sobre a linguagem em que se inscreve. Assim, consideramos que o estudo do horizonte de retrospectiva na prática científica é de suma importância, uma vez que

antes do *(re)conhecimento* é necessário que o sujeito esteja imerso em um processo de *(re)produção de conhecimento* ou, dito de outro modo, para se constituir enquanto sujeito do conhecimento [ou sujeito da ciência] é necessário que se esteja envolvido em um processo de reprodução do conhecimento, que pode (ou não) conduzir a uma produção de autoria desse sujeito, pois implica em um reconhecimento de seus pares, na circulação, na institucionalização, na reprodução desse saber produzido. O processo de *(re)produção de conhecimento*, em nossa leitura, diz respeito ao fato de que o sujeito, para produzir conhecimento legitimado, tem de discursivizá-lo por um lugar institucional, em que a produção e a possibilidade de circulação do conhecimento é regulada pelo Estado e seus aparelhos ideológicos (escola, universidade etc.) (DIAS, 2009, p. 16-17).

Podemos dizer que há, sobretudo, o horizonte de retrospectiva em torno da Linguística, na obra A, a partir de saberes voltados ao conceito de língua. No entanto, como vimos destacando, entendemos que não se trata meramente de uma retomada do conceito de língua que a Linguística propõe, trata-se de uma atualização, visto que o postulado saussuriano deixara o sujeito/falante de lado, ou melhor, optou por enfatizar a questão da língua para configurar o caráter científico da Linguística. Nos recortes realizados, observamos, porém, uma ênfase na questão do sujeito/falante, o qual faz parte da constituição da língua, consideração esta que predomina na posição-sujeito filólogo.

Essa ênfase na questão da fala também pode ser resultado, especialmente, dos estudos dialetológicos, os quais passam a ter um caráter diferenciado a partir dos anos 50. A questão da fala é importante para os estudos dialetológicos, uma vez que eles apontam para os diferentes dialetos existentes num território, diferenças estas que se instauram a partir de certos elementos. Sobre isso, verificamos, nos recortes realizados, um ponto importante sobre a noção de língua, a partir do que Meillet expõe: a questão da diversidade na unidade, e a unidade na diversidade (RDa7).

Já na obra B, tem-se, por sua vez, os saberes do campo disciplinar da Linguística para enfatizar a questão da evolução das línguas, e, para tanto, torna-se

necessário considerar os eixos sincrônico e diacrônico, os quais tratam a questão da temporalidade diferentemente. Embora, no postulado saussuriano, observa-se uma ênfase no ponto de vista sincrônico, é importante destacar que Saussure não desconsiderava a perspectiva diacrônica, considerando ambos os pontos de vistas importantes e complementares.

Essa visão de complementariedade sobre os dois eixos pode ser compreendida no RDb9, no qual observamos uma significação diferenciada no modo de entender a perspectiva diacrônica nos estudos filológicos que predominavam na época em questão, sendo vista, agora, como um conjunto de sincronias: *“Mas, a par dessa observação sincrônica, podemos encarar globalmente o conjunto das fases de uma língua, traçando-lhe a história, desde a origem até a fase atual. Trata-se, neste caso, de estabelecer uma série de cadeias, ou de sincronias, tarefa que lembra o desenrolar de um filme+(grifo nosso).*

Além do RDb9, podemos trazer outros trechos das obras A e B que exemplificam essa relação entre o eixo sincrônico e o diacrônico:

<p><b>Obra A:</b> %A língua é uma sucessão de fases, de continuidades: cada fase é resultante das anteriores. Ora, viajando para o Brasil, o português foi desarraigado.</p>
--

<p>Provocou-se, dêsse modo, um desengranzamento de sincronias, do que resultou a ossificação do idioma+(p.218).</p>
---

<p><b>Obra A:</b> %Q presente estado lingüístico decorre, naturalmente, de estados anteriores+(p.174)</p>
---

<p><b>Obra B:</b> %A língua portuguesa, como se sabe, é a continuação de uma língua anterior: o latim. Ou melhormente falando, é a fase atual dêsse idioma outrora falado em todo o Império Romano.+(p.64)</p>
--

É interessante observar essa dicotomia sob o viés da Linguística nos estudos sobre a língua portuguesa dos anos 50, visto que é nesse período que se tem uma influência maior do estruturalismo europeu, e, por conseguinte, uma mudança de perspectiva nos estudos brasileiros, do estudo diacrônico, que predominava, para o sincrônico, segundo Altman (2004, ver seção 3.1). A presença do estruturalismo, no contexto brasileiro, pode ser visualizada no RDb10: *“Interpretadas à luz do estruturalismo+* mostrando que a constituição do discurso em análise é afetada também pelas as novas correntes e discussões que envolvem os estudos científicos tanto na esfera local, quanto na esfera europeia.

Através dessas questões que trazemos, podemos entender que os saberes do campo disciplinar da Linguística que estão articulados e atravessados vinculam-se à discussão, especialmente, em torno da língua portuguesa. Podemos citar aqui Lagazzi-Rodrigues (2002), a partir de seus estudos em torno do estudioso Mattoso, pois a autora nos destaca uma questão que se mostra fundamental em nossas análises, a saber: o fato de que a língua portuguesa fica significada como a própria instituição científica que possibilita a Linguística e os estudos lingüísticos no Brasil. Uma legitimação no campo da ciência que se faz necessariamente pela institucionalização da língua portuguesa nesse mesmo campo+(p.21).

Entendemos que os estudos em torno da língua portuguesa são imprescindíveis para que se tenha a configuração da Linguística e, por conseguinte, para que os saberes desse domínio venham a ser legitimados e institucionalizados no contexto brasileiro. Nesse sentido, é importante salientar que a Linguística se constitui a partir dessas condições específicas que se tem no Brasil, as quais vão ao encontro das condições de produção que envolvem as práticas científicas e acadêmicas que se iniciaram com a instauração das primeiras universidades brasileiras.

Com esse atravessamento de saberes, podemos dizer que o sujeito da ciência busca imbricar domínios considerados estanques, para instaurar avanços no domínio em que se inscreve, o qual deve estar articulado com os saberes que se colocam importantes para uma efetiva prática científica em torno dos estudos sobre a língua portuguesa no/do Brasil.

Dessa forma, há diferentes saberes que constituem nosso objeto de estudo e que estão presentes no interior da FD a que os estudos sobre a linguagem da época em questão estão inscritos, mostrando-nos que não há fronteiras fechadas entre os saberes que circulam em determinado momento, visto que, como estamos observando nos RDs, os saberes transitam, movimentam-se, dialogam no mesmo espaço para, de uma certa forma, se complementarem. A respeito dos movimentos de sentidos a que a produção do conhecimento sobre a linguagem está exposta, retomamos o pensamento de Scherer (2005, p.10), considerando que cada época tem suas convenções, valores, visões do mundo, formando um certo universo lingüístico-acadêmico, cujos elementos interdependentes mantêm entre si relações associativas e funcionais, em constante processo de mudança+.

Compreendemos, com isso, tanto o efeito do pré-construído, por meio da presença de uma anterioridade, e da identificação e reconhecimento com esse exterior constitutivo (MALDIDIER, 2003, p.48); quanto o efeito da articulação de saberes no processo discursivo analisado, uma vez que o sujeito da ciência constitui-se pelo atravessamento de diferentes campos de saberes, a saber: o Filológico, o Linguístico e o Dialeológico, em seu discurso, numa conjuntura em que ainda predominam os saberes filológicos, mas que começa a dar uma importância maior aos saberes sobre o campo disciplinar da Linguística e aos linguistas, acarretando mais tarde na sua institucionalização acadêmica.

Observamos que a constituição do discurso científico analisado envolve, principalmente, o processo metonímico a que Pêcheux considera quando mobilizamos a noção de discurso-transverso. Consideramos isso, pois o sujeito da ciência inscreve seu discurso apenas num recorte, em algumas das questões que Saussure sistematizou, não no todo. No entanto, os sentidos que ressoam, a partir desses recortes, evocam o conjunto de seu postulado, visto que não se pode dissociar esses conceitos, que são basilares, do conjunto que veio a constituir o caráter científico aos estudos linguísticos, no início do século XX, (re)organizando os estudos que se faziam e (re)significando os sentidos em torno deles.

Ao se retomar esse campo disciplinar, especialmente, pelo *Curso de Lingüística Geral*, consideramos, em nosso estudo, que o *Curso* pode ser tratado como um discurso fundador, pois se trata de um lugar de memória (cf. ORLANDI, 2009, p. 124) porque ele cria uma nova tradição, ele re-significa o que veio antes e institui aí uma memória outra. É um momento de significação diferenciado (ORLANDI, 1993, p.13). Segundo Orlandi, o discurso fundador articula-se tanto com o passado quanto com o futuro, criando uma tradição de sentidos, projetando-se para frente e para trás, trazendo o novo para o efeito do permanente (Ibid., p.13-14).

Podemos dizer que é a partir das condições de produção que se torna possível essa retomada de saberes, bem como a veiculação dessa determinada memória discursiva nos estudos que se faziam, como é o caso do objeto em estudo. A memória discursiva, como destacamos na Parte I, relaciona-se ao interdiscurso e refere-se à memória que está na constituição de determinado discurso, mobilizada por determinada posição-sujeito. Segundo Pêcheux (1999, p. 52), podemos considerar que a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge

como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, os elementos citados e relatados, os discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Esses saberes outros, já ditos, que se linearizam no discurso, em acordo com Pêcheux, ocorre porque

*O interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria prima na o qual o sujeito se constitui como sujeito falante, com a formação discursiva que o assujeita. Nesse sentido, pode-se bem dizer que o intradiscurso, enquanto efeito do discurso do sujeito, é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma anterioridade inteiramente determinada como tal do exterior.* (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 167)

Tendo em vista esse atravessamento de saberes do disciplinar da Linguística constitutivo da discursividade analisada, vinculando-os à perspectiva que predominava na década de 50, entendemos que ele pode ser compreendido por meio da categoria analítica do discurso-transverso, pois o funcionamento deste lineariza diferentes saberes num mesmo espaço, saberes estes que se fazem presentes na FD em que o sujeito da ciência se inscreve, voltando-se sobre os que predominam . no caso, os filológicos . e colocando em destaque outra posição-sujeito na constituição discursiva. Logo, consideramos que esses saberes da Linguística que se atravessam no interior da formulação de nosso objeto colocam em funcionamento o chamado processo de sustentação proposto por Pêcheux (2009 [1988]), instaurando um efeito de heterogeneidade no discurso científico em análise.

É importante ressaltar que a produção do conhecimento a partir do funcionamento do discurso-transverso não se constitui por acaso nos anos 50, pois, segundo Altman (2004), é nesse período que se acentua a discussão, no Brasil, em torno da importância do campo disciplinar da Linguística nos estudos sobre a linguagem, bem como nos cursos superiores de Letras. Nesse sentido, podemos dizer, segundo Orlandi (2001a), que há na constituição do discurso, a partir de suas condições de produção, uma relação de sentidos, visto que não há discurso que

não se relacione com os outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros+(p.39).

Em nossa leitura, entendemos que o discurso desse sujeito da ciência, por meio da posição-sujeito linguista inscrita no interior da materialidade discursiva analisada, ganha contornos diferenciados na conjuntura dos anos 50. Esses contornos diferenciados estão sendo entendidos no sentido de que o discurso desse sujeito passa a se relacionar com a perspectiva Linguística, não mais sendo predominantemente um discurso filológico, mas um discurso atravessado pelos novos saberes que se fazem presentes na FD dos estudos sobre a linguagem desse período.

Diante disso, é possível compreender os movimentos na constituição do discurso científico, os quais se identificam com as práticas científicas de cada época. Esses movimentos relacionam-se, portanto, à determinada conjuntura, à exterioridade, pois é pelos saberes que já estão postos e que compõem o interdiscurso que o sujeito da ciência tem a possibilidade de se relacionar de diferentes modos com a FD em que se inscreve e com os saberes que a configuram. Essas relações que o sujeito pode manter com diversos saberes resultam das formas de apropriação/reprodução/transformação de efeitos pré-construídos que dominam os sentidos de seu dizer+(ZANDWAIS, 2007, p.145).

A respeito da relação que se estabelece entre os estudos filológicos e os da Linguística podemos trazer os estudos realizados por Baldini (2002, p. 39), nos quais destaca a respeito da inserção dos estudos de Saussure via Mattoso, considerando que para que o discurso de Saussure fizesse sentido, foi preciso que ele se historicizasse no Brasil+. Esse autor considera que para ocorrer essa historicização foi necessário o discurso saussuriano se colocar na história brasileira e, para isso, foi preciso um trabalho de deslocamento e filiação aos discursos disponíveis em que a noção de fato desempenhava um papel importante e singular+. Diante disso, corrobora que a posição-sujeito linguista foi construída nos interstícios das posições existentes e retirando delas a possibilidade de fazer sentido. Fazer história+

Essa relação a que nos referimos é intensificada dos anos 50 e pode ser exemplificada no seguinte recorte: *“O bom método filológico é tudo. Só abroquelados na moderna ciência lingüística é que os estudiosos podem marchar em terra firme e fecunda.”*+(RDb19, p. 210, grifo nosso). Esse recorte nos

aponta para a importância que o sujeito da ciência confere à relação entre os saberes já postos e que são predominantes com os novos saberes que se colocam devido às condições a que os estudos sobre a linguagem estão expostos. Ou seja, os estudos da Filologia e da Linguística, nos anos 50, têm suas particularidades, porém não devem ficar estanques, estáticos, desconsiderando uma possível relação entre esses campos de saberes no que tange ao desenvolvimento dos estudos sobre a linguagem. Diante disso, a prática científica deve movimentar-se de acordo com a época e as condições sócio-histórica e ideológica vigentes.

Como bem destaca Orlandi (2002b, p. 62), o discurso do conhecimento, como qualquer outro, está em movimento e não se deixa enclausurar, desenhando seus meandros no fluxo do saber+. Essa afirmação da autora é bastante significativa para pensarmos o porquê da inserção de saberes sobre a Linguística em nosso objeto de estudo, uma vez que nos anos 50 tem-se uma situação diferenciada para a inserção desses novos saberes (ver Parte I, seção 3).

Em vista disso, consideramos que essa entrada de novos saberes em um determinado domínio, em nosso caso, a entrada de saberes pertencentes ao disciplinar da Linguística nos estudos em torno da língua portuguesa, nos anos 50, (re)configura o domínio de saber dominante da época. Ou seja, faz com que a FD dominante se relacione com discursos que advêm de outros lugares, atravessando-a e apontando para a sua heterogeneidade. Isso resulta, porque as fronteiras entre um saber e outro não são fechadas, são porosas e tênues, movimentam-se, afetando o modo como o sujeito se relaciona com a FD em que se inscreve. Assim, o sujeito da ciência não se desloca, ao falar a partir de outros lugares institucionais vai delineando, pelo discurso, o espaço de sua produção de conhecimento+ (DIAS, 2009, p.77), ou seja, os lugares institucionais a que se filia em determinada conjuntura vai configurando sua prática científica.

Assim sendo, entendemos que os movimentos, na prática científica dos anos 50, e os diferentes efeitos de sentidos que deles resultam, são decorrentes da posição-sujeito linguista e da posição-sujeito filólogo a que o sujeito da ciência se inscreve no decorrer da constituição discursiva. Essas posições são resultantes da exterioridade, das condições de produção que envolvem esse discurso no momento em questão. Além disso, é importante destacar que há uma relação entre essas duas posições, não emergindo a contraidentificação, mas ocorrendo, pois, a constituição do sujeito da ciência tendo como base saberes que estão postos em

lugares/perspectivas diferentes e que visam à linguagem. Ou seja, tem-se um atravessamento de saberes que se dá via interdiscurso, a partir da determinação histórica e ideológica, abrindo o espaço para o diferente no interior da materialidade discursiva analisada e configurando uma memória discursiva outra, nos estudos da época, a partir dos saberes do campo disciplinar da Linguística.

*CONSIDERAMOS* que, a partir da co-presença de estudiosos e saberes do campo disciplinar da Linguística que se atravessam em nosso objeto analítico, a produção do conhecimento sobre a linguagem dos anos 50 é marcada por uma temporalidade e coloca em funcionamento uma memória sobre o disciplinar da Linguística que antecede a sua obrigatoriedade no âmbito acadêmico brasileiro por meio do seu atravessamento no domínio da Filologia. Logo, essa memória constitutiva do objeto de estudo nos permite dizer que a circulação e a institucionalização de um campo de saber se constituem a partir de diferentes modos, modos estes que configuram uma história que não está posta e dada sobre determinada prática científica em determinada conjuntura.

Há, portanto, um jogo de relações/filiações, ou poderíamos ainda dizer, um jogo de forças inerente à constituição da produção do conhecimento, sendo as fontes uma das possibilidades de se compreender essas questões constitutivas de toda materialidade discursiva e histórica. Nesse sentido, o que levantamos desse estudo são algumas das considerações possíveis em torno das fontes. Em nosso caso, propomos, especialmente, um estudo voltado para a legitimação da ciência Linguística a partir da identificação do sujeito da ciência com esse campo disciplinar e da circulação desses saberes que estão colocados em funcionamento na prática científica analisada.

Diante dessas considerações, destacamos, conforme Auroux (1992, p.11), que todo conhecimento é uma realidade histórica, pois se situa em um determinado contexto sócio-histórico, bem como se constitui pela inscrição de diferentes temporalidades. Logo, como nos aponta Nunes (2008b, p.121) o campo de uma ciência não é um espaço homogêneo, mas sim constituído a partir de diferentes discursos.

A partir dessa ancoragem a outros dizeres, especialmente, em Saussure, podemos dizer que esse processo de sustentação possibilita-nos, ainda, uma reflexão maior sobre essas questões que propomos. Acreditamos, portanto, que é nesse espaço de atravessamentos de diferentes saberes num determinado domínio

que podemos compreender os movimentos e deslocamentos em torno dos estudos sobre a linguagem nos anos 50.

As questões propostas nesse estudo referem-se às modificações pelas quais os estudos da linguagem estão relacionados, indicando, por sua vez, os avanços futuros, que serão marcados, sobretudo, pela institucionalização da Linguística, no âmbito acadêmico, nos anos 60. Considerando os anos 50, entendemos que se trata, portanto, de um período de transição, visto que nesse período intensificam-se as investidas para a legitimação e institucionalização acadêmica da Linguística, e um ponto importante para que isso ocorra é o retorno às ideias saussurianas. Ou seja, a partir do funcionamento da memória em torno desse estudioso, podemos dizer que há um olhar retrospectivo que retoma o início disciplinar e científico da Linguística, e, ao retomá-lo, no contexto brasileiro e nas condições de produção que se apresentam, tem-se outra visão em torno dos saberes da Linguística, os quais passam a estar imbricados/relacionados com os saberes que predominavam, no caso, os filológicos e os estudos sobre o português.

Portanto, por meio da inclusão da Linguística nos estudos científicos dessa conjuntura, podemos dizer que há uma memória em torno dos saberes e nomes vinculados ao campo disciplinar da Linguística antes de sua legitimação acadêmica, memória que pode ser compreendida a partir da relação que esse disciplinar mantém com os estudos sobre a língua portuguesa, estando estes sob o viés da Filologia. Podemos ainda dizer que há essa relação, pois há uma complementariedade entre os estudos diacrônicos, pensando aqui os estudos realizados pela Filologia, e os estudos sincrônicos, os quais se realizavam pelo viés da Linguística. Essa relação é decorrente do fato de que o olhar diacrônico possibilita uma visão histórica da evolução das línguas, já o sincrônico possibilita a descrição e o funcionamento de um determinado momento da língua em estudo.

Para finalizar, mas não no sentido de concluir, acreditamos que a complementariedade desses domínios de saberes é imprescindível para a constituição da prática científica desse sujeito da ciência, uma vez que, a partir da articulação entre a Filologia e a Linguística, procura-se contribuir para os avanços dos estudos em torno da linguagem. Avanços esses que se dão, especialmente, pelo funcionamento de uma temporalidade e memória discursiva na constituição da prática científica dos estudos sobre a língua portuguesa dos anos 50 no/do Brasil calcada na ciência Linguística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, C. **A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Ed. Humanitas, 2ª edição, 2004.

\_\_\_\_\_. Memória da lingüística na lingüística brasileira. In: **Revista da ANPOLL**, nº2, p.173-189, 1996.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. Les modes de historicisation . In: CHEVILLARD, J.-L. (org.) **Histoire Épistémologie Langage**. SHESL (Paris), p.105-116, 2006.

\_\_\_\_\_. **A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade das ciências**. Trad. Mariângela Peccioli Gali Joanilho. Campinas, SP: Editora RG, 2008.

BLIKSTEIN, I. **Breve história de uma Linguística do mundo da vida**. In: PETRI, V. (Org.). **Fragmentum: Entrevista com Izidoro Blikstein**. n. 24. Santa Maria: PPGL Editores, 2009. No prelo.

BALDINI, L. João Ribeiro e Mattoso Câmara entre os fatos da linguagem. In: ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. (orgs.). **Institucionalização dos estudos da linguagem: a disciplinarização das idéias lingüísticas**. Campinas, Pontes, p. 31-40, 2002.

CERVO, L. **Do lugar do Lingüista e da língua como objeto de divulgação**. 2008. 121f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) . Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

CLEMENTE, E. **Filólogo Celso Pedro Luft de Manuel Said Ali à Moderna Gramática Brasileira**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/06.htm>>. Acesso em: 15 maio 2010.

COSERIU, E. General perspectives. In: **Current trends in linguistics**, vol.4, p.5-62, Mouton, Haia [1968]. Trad. brasileira: Perspectivas Gerais. In: NARO, A. J. (org.). **Tendências Atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, p. 11-40, 1976.

DESSALE, S. & CHEVALIER, J. C. **La linguistique, la grammaire et l'école (1750-1914)**. Paris: Armand Coli, 1986. [Versão utilizada em português]

DIAS, J. P. **O lugar e o funcionamento do título pela obra de Mattoso Câmara**. 2009. 91f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) . Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

DIAS, L. F. **Os Sentidos do Idioma Nacional: as bases enunciativas do nacionalismo lingüístico no Brasil**. São Paulo, Campinas: Pontes, 1996.

ELIA, S. **Ensaio de filologia e lingüística**. Rio de Janeiro: Grifos, 2ª edição, 1975.

\_\_\_\_\_. Notas Bibliográficas. In: **Revista Brasileira de Filologia**, vol.2 Tomo I, junho, p. 133-135, 1956.

FERREIRA, A. C. F. A Lingüística entre os nomes da linguagem . uma reflexão na História das Idéias Lingüísticas no Brasil. 2009. 236f. Tese (Doutorado em Lingüística) . Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2009.

FIORIN, J. L. A criação dos cursos de Letras no Brasil e as primeiras orientações da pesquisa lingüística universitária. In: **Revista Línguas e Letras** (on line). Disponível em: <www.unioeste.br/saber>. Paraná, Vol. 7, nº 12, 1º sem, p.11-25, 2006.

GUIMARÃES, E; ORLANDI, E. (orgs.). **Institucionalização dos estudos da linguagem**: a disciplinarização das idéias lingüísticas. Campinas, Pontes, 2002.

GUIMARÃES, E. **História da Semântica**: Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil. São Paulo, Campinas: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Sémantique et grammaire. Une histoire des études linguistiques au Brésil. In: BALDINI, J. S. ; DIAZ, L. F.; GUIMARÃES, E. [et al.]. **Un Dialogue Atlantique**. Produção des Sciences du Langage au Brésil. Lyon: ENS Éditions, 2007, vol. I, p. 11-35.

\_\_\_\_\_. GUIMARÃES, E. Linguagem e Conhecimento: Produção e Circulação da Ciência. In: **Revista Rua** (on line). Campinas, Número 15, Vol. 2, Nov., p. 5-14, 2009.

INDURSKY, F. **A noção de sujeito em Análise do Discurso: do desdobramento à fragmentação**. In: Síntese, 2002, CD-ROM.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. A língua portuguesa no processo de institucionalização da lingüística. In: ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. (orgs.). **Institucionalização dos estudos da linguagem**: a disciplinarização das idéias lingüísticas. Campinas, Pontes, p.13-22, 2002.

\_\_\_\_\_. O político na Lingüística: Processos de representação, legitimação e institucionalização. In: ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. (orgs.). **Política Lingüística no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

MALDIDIER, D. **A inquietação do Discurso** . (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MATTOSO CÂMARA, J. Brazilian linguistics. In: **Current trends in linguistics**, vol.4, p.229-247. Mouton, Haia [1968]. Trad. brasileira: A Lingüística Brasileira. In: NARO, A. J. (org.). **Tendências Atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, p. 45-64, 1976.

NARO, A. J. Tendências atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil. In: NARO, A. J. (org.). **Tendências Atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, p. 67-103, 1976.

NUNES, J. H. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. (orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos, SP: Claraluz, p. 373-380, 2007.

\_\_\_\_\_. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias Lingüísticas. In: **Revista Letras**: Língua, Sujeito e História, nº 37, v. 18, n.2, jul./dez., p.107-124, 2008a.

\_\_\_\_\_. O Discurso Documental na História das Idéias Lingüísticas e o caso dos Dicionários. In: **Alfa**: Revista Lingüística (on line). São Paulo, UNESP, v.56, n 1, p. 81-100, 2008b.

ORLANDI, E. Segmentar ou recortar. In: **Série Estudos**. Nº 10. Faculdades Integradas de Uberaba (lingüística: Questões e Controvérsias), p. 9-26, 1984.

\_\_\_\_\_. **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. São Paulo: Campinas, Editora Pontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso**: Princípios e procedimentos. Campinas, Editora Pontes, 3ª edição, 2001a.

\_\_\_\_\_. **História das Idéias Lingüísticas**: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes, 2001b.

\_\_\_\_\_. **Língua e conhecimento lingüístico**: para uma história das idéias no Brasil. São Paulo, Editora Cortez, 2002a.

\_\_\_\_\_. Ir ao congresso: fazer a história das idéias lingüísticas? In: ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. (orgs.). **Institucionalização dos estudos da linguagem**: a disciplinarização das idéias lingüísticas. Campinas, Editora Pontes, p. 41-62, 2002b.

\_\_\_\_\_. Colonização, globalização, tradução e autoria científica. In: GUIMARÃES, E. (org.). **Produção e circulação do conhecimento**. vol. II. Campinas, Editora Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, Editora Pontes, 4ª edição, 2004.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto**: formulação e circulação de sentidos. Campinas, Editora Pontes, 2ª edição, 2005.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, Editora da Unicamp, 6ª edição, 2007.

\_\_\_\_\_. **Língua Brasileira e Outras Histórias**: Discurso sobre a língua e ensino no Brasil. Campinas, Editora RG, 2009.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi et al., Sao Paulo: Campinas, Editora da Unicamp, 4ª edição, 2009 [1988].

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, Editora Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania Mariani [et al.]. Campinas, Editora da Unicamp, 3ª edição, 1997.

PENHA, J. A. P. **Filólogos brasileiros**. SP, Franca: Editora Ribeirão, 2002.

PETRI, V. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário**: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Ciro Martins. Tese de Doutorado, 2004.

PUECH, C. Antinomies (V. Henry) et Dichotomies (F. De Saussure) l'idée d'une science double . dans la linguistique générale de la fin du XIX siècle. In: **Linguistique et partages disciplinaires à la charnières des XIX et XX siècles**: Victor Henry (1850-1907). Louvain-Paris, Editions Peeters, Bibliothèque de l'Information Grammaticale, n.55, 2004.

RASIA, G. A Ordem do religioso no discurso gramatical. In: **Revista Letras: Língua, Sujeito e História**, nº 37, v. 18, n.2, jul./dez., p. 51-80, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo, editora Cultrix, 2008.

SCHERER, A. E. Lingüística no sul: estudos das idéias e organização da memória. In: GUIMARÃES, E.; BRUM DE PAULA, M. (orgs.). **Sentido e memória**. Campinas, Editora Pontes, p. 9-26, 2005.

\_\_\_\_\_; BRUM-DE-PAULA, M. Memória e história das idéias: o ensino do Francês no RS do fim do século XIX ao início do século XX. In: ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. (orgs.). **Institucionalização dos estudos da linguagem**: a disciplinarização das idéias lingüísticas. Campinas, Pontes, p.121-138, 2002.

\_\_\_\_\_. Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. do R. (org.) **Análise do Discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Clara Luz, p.131-141, 2008.

\_\_\_\_\_; PETRI, V. Discours ou discourse: invention, configuration, transmission et disciplinarisation au Brésil. In: **Revista Letras: Língua, Sujeito e História**, nº 37, v. 18, n.2, jul./dez., p. 9-18, 2008.

SILVA NETO, S. da. **Introdução ao estudo da Filologia Portuguesa**. São Paulo: Ed. S/A, 1956, 1ª edição.

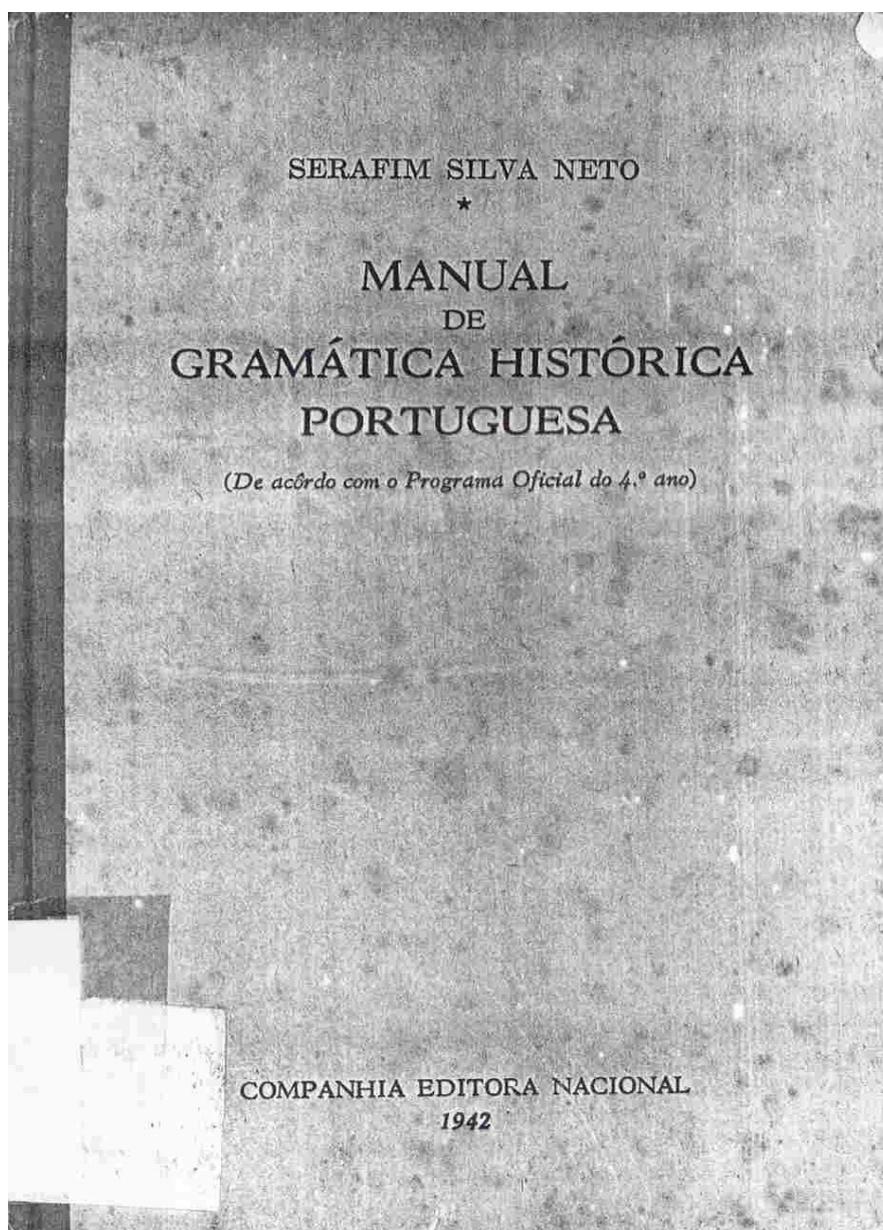
SILVA NETO, S. da. **Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil.** Departamento da Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1950, 1ª edição.

VENTURINI, M. C. **Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração.** Passo Fundo, ED. Universidade de Passo Fundo, 2009.

ZANDWAIS, A. A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. (orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar.** São Carlos, SP: Claraluz, 2007.

## **ANEXOS**

## Anexo 1



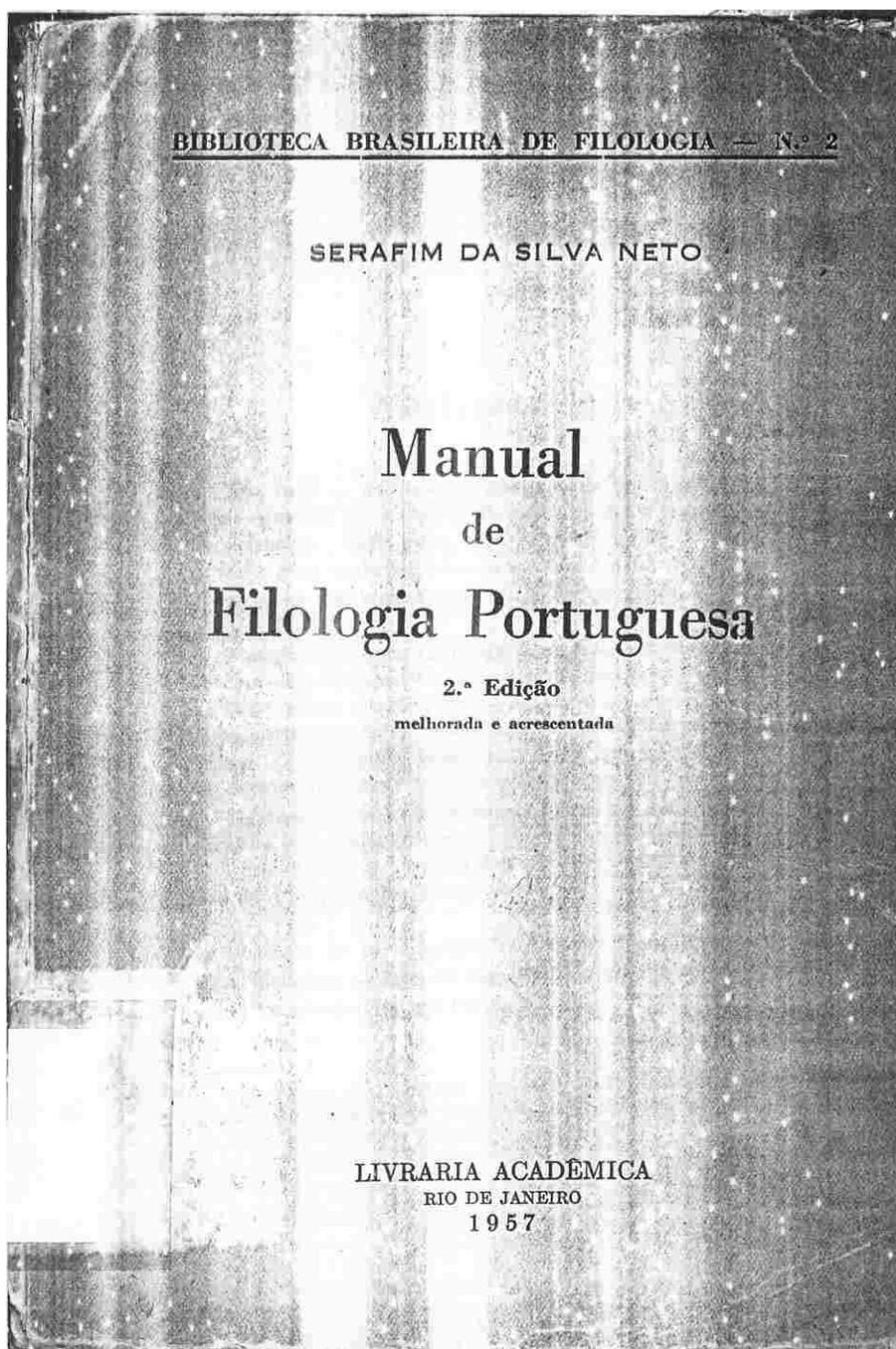
## Anexo 2



## Anexo 3



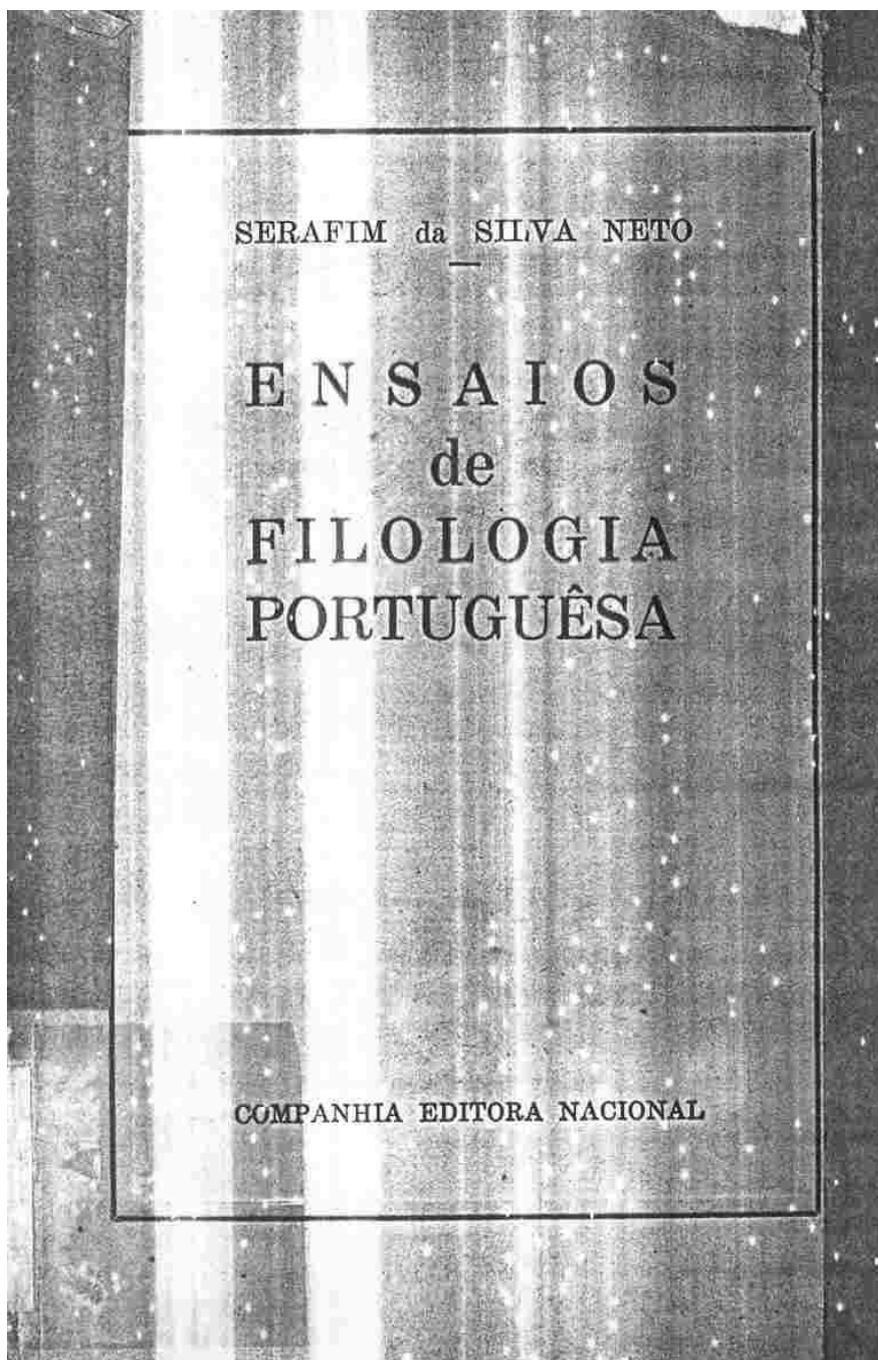
## Anexo 4



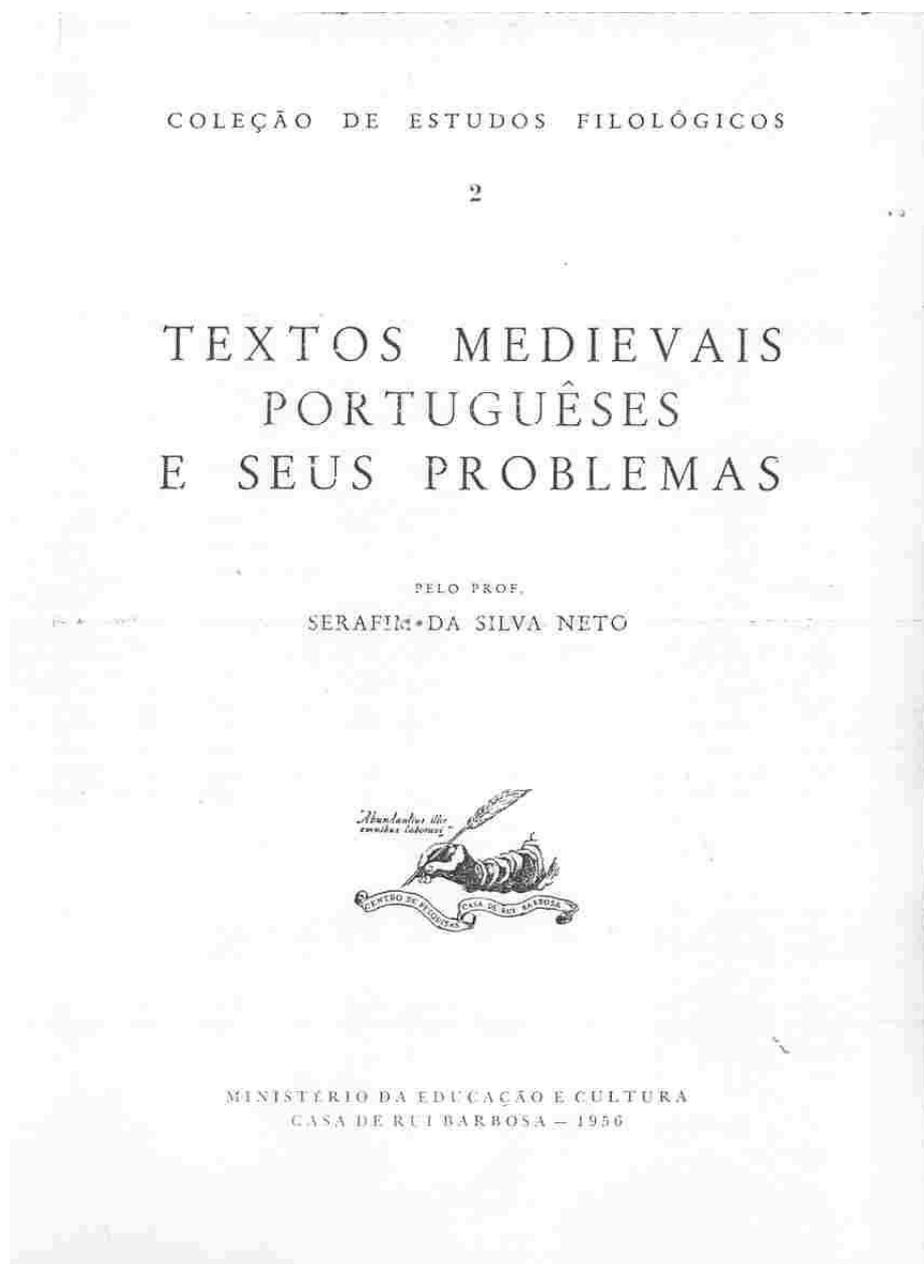
## Anexo 5



## Anexo 6



## Anexo 7



## Anexo 8

BIBLIOTECA BRASILEIRA DE FILOGIA — N.º 13

---

SERAFIM DA SILVA NETO

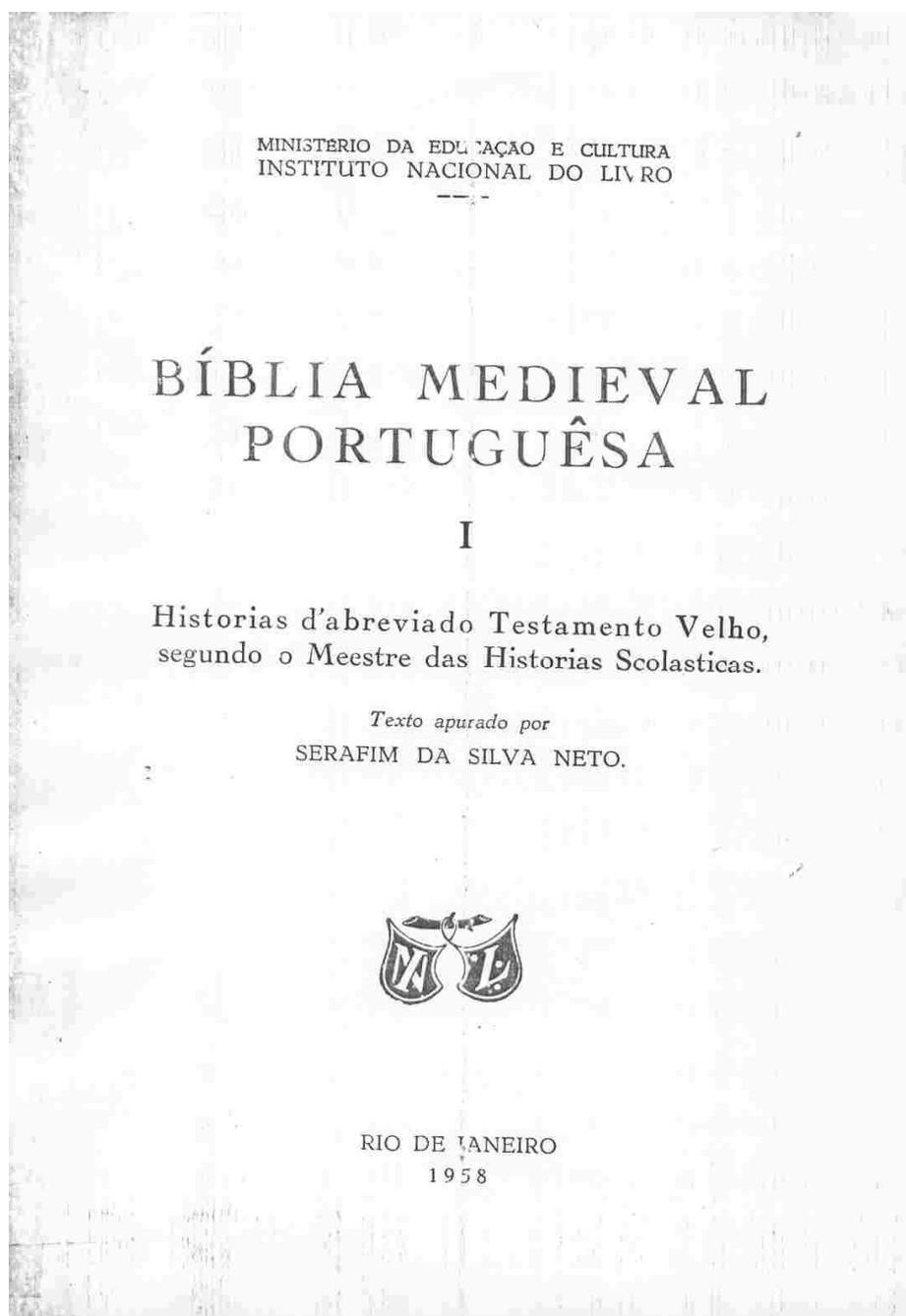
História  
do  
Latim Vulgar

LIVRARIA ACADEMICA  
RIO DE JANEIRO  
1957

## Anexo 9



## Anexo 10



## Anexo 11



Anexo 12

SERAFIM DA SILVA NETO  
Da Universidade do Brasil e da Universidade de Lisboa

A LÍNGUA PORTUGUESA  
NO BRASIL

PROBLEMAS

1960

LIVRARIA ACADÉMICA  
Rua Miguel Couto, 49  
RIO DE JANEIRO

MILITARY LIBRARY  
UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY